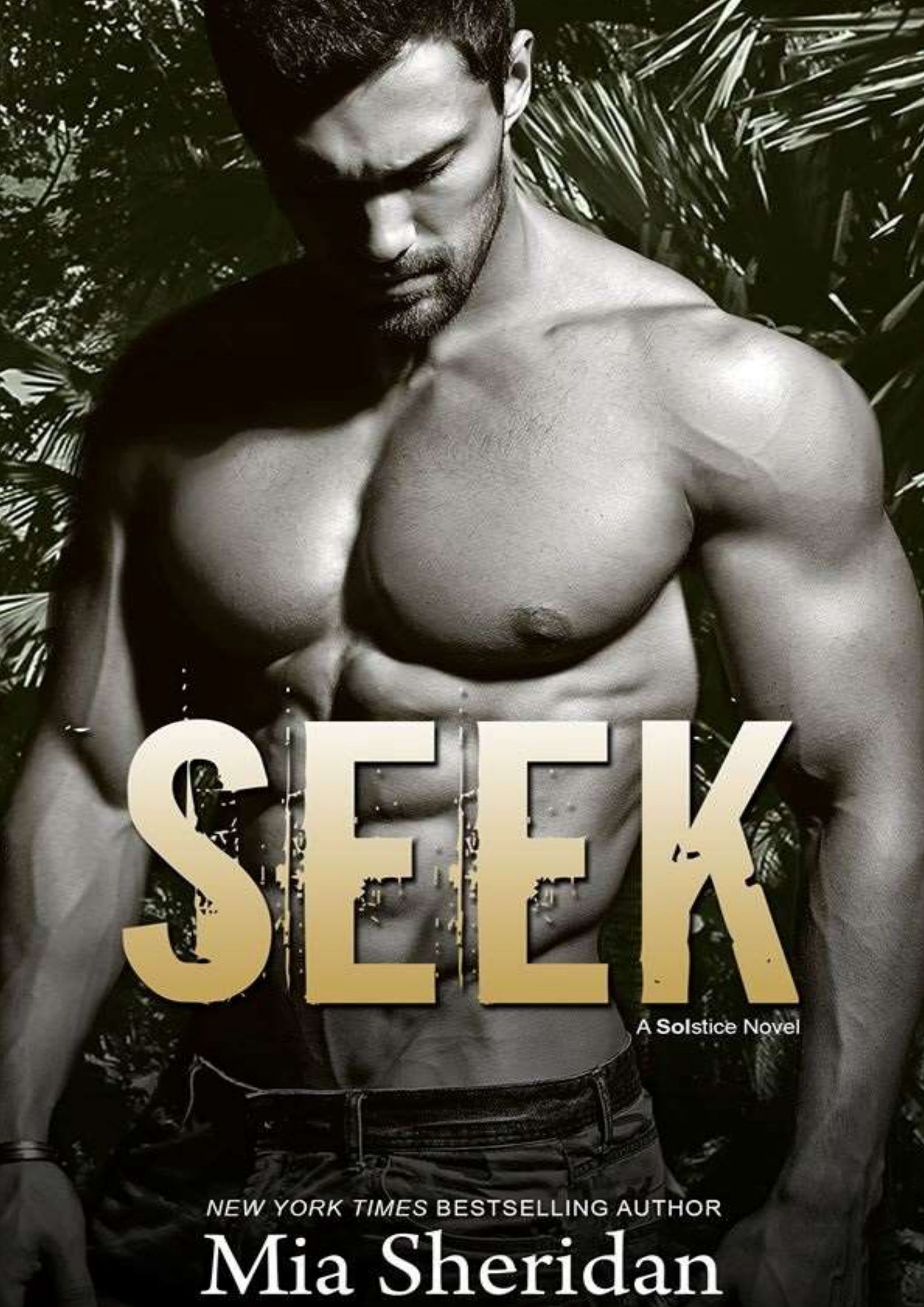

SEEK
A Solstice Novel
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
Mia Sheridan



POISON BOOKS
PEPPER GIRL
WARRIOR ANGELS OF SIN

Tradução: Paula C., Roberta B., Giovana M., Iveriana V., Rubia A., Thaise A., Luisa Ld., Larissa S. e Lagertha
Revisão: Asli Barsetti
Leitura Final: Aurora Wings
Verificação: Violet Jones, Magali Dias
Formatação: Circe

A RICA SOCIALITE OLIVIA BARTON NUNCA IMAGINOU QUE SEU NOIVO IRIA DESAPARECER DURANTE O QUE DEVERIA SER UMA ROTINEIRA VIAGEM DE NEGÓCIOS, E ELA FICA AINDA MAIS ARRASADA E CONFUSA QUANDO UM INVESTIGADOR PARTICULAR CONTRATADO O LOCALIZA A MEIO MUNDO DE DISTÂNCIA, EM UMA CIDADE À BEIRA-MAR NA COLÔMBIA. PARA COMPLETAR, O PAÍS FOI RECENTEMENTE DEVASTADO POR UM TERREMOTO E TSUNAMI, DESLIGANDO AS COMUNICAÇÕES E TORNANDO AS VIAGENS QUASE IMPOSSÍVEIS. AINDA ASSIM, OLIVIA ESTÁ DETERMINADA A CHEGAR À COLÔMBIA E ENCONTRAR AS RESPOSTAS QUE PROCURA TÃO DESESPERADAMENTE. E O QUE ELA PRECISA PARA ISSO É DE UM GUIA – UM MERCENÁRIO.

O HOMEM CHAMADO THOMAS CHEGA EM MEIO ÀS SOMBRAS, COM UM INCONFUNDÍVEL AR DE PERIGO E PROMETENDO GUIA-LA ATRAVÉS DO PAÍS ARRUINADO E INFESTADO DE CRIMES. MAS QUANDO THOMAS E OLIVIA SE ENCONTRAM LUTANDO CONTRA UMA ATRAÇÃO INEGÁVEL, A NOÇÃO DE PERIGO DE AMBOS GANHA UM NOVO SIGNIFICADO. E ENTÃO, EM MEIO AS FLORESTAS EXUBERANTES DA AMÉRICA DO SUL, TODAS AS REGRAS MUDAM, E THOMAS E OLIVIA ESTÃO PRESTES A DESCOBRIR QUE ÀS VEZES AQUILO QUE VOCÊ PROCURA NÃO É NECESSARIAMENTE O QUE VOCÊ ENCONTRA.

DEDICATÓRIA

Esse livro é dedicado a Karma Montoya.

PRÓLOGO

— Aqui. — Meu tio gritou, enfiando um saco de juta com um pequeno peso no fundo em meus braços. — Encontre um lugar para isso.

Isso? Eu desdobrei uma ponta do material áspero, olhando para dentro. Um par de olhos redondos, cor de uísque me olhou de volta.

— Me faz lembrar de você, pequeno mestiço. — Meu tio falou, uma ponta de crueldade em seu tom, uma risada zombeteira irrompendo de seu peito com formato de barril.

— Meio-*gênio*. — Meu primo zombou ao passar, propositalmente levantando poeira quando passou. Raiva e vergonha correram por mim. Eu queria socar o seu rosto rechonchudo na sujeira. Mas sabia o que aconteceria se eu fizesse isso, meu tio iria *me* socar duas vezes mais forte e por duas vezes mais tempo. Algumas vezes isso valia a pena, mas hoje.... Hoje minhas mãos estavam cheias.

Ajustei o saco nos meus braços e o saco de juta abriu, revelando um pequeno filhotinho. Metade do seu rosto era marrom e metade branca, uma linha limpa dividindo os dois lados. *Pequeno mestiço.* Eu o olhei fixo curiosamente e ele me encarou de volta com olhos claros.

De cócoras, coloquei o saco de volta no chão e o cachorrinho correu para fora, seu

pequeno rabo balançando tão forte e rápido que isso estava fazendo toda sua parte traseira balançar de um lado ao outro. Um sorriso surgiu na minha boca.

O chute veio rápido e forte, o cachorrinho soltou um ganido de dor conforme seu corpo voava para trás, aterrissando ao lado do galpão com um baque suave. Meu estômago caiu, mas segurei-me ao invés de dar o passo instintivo até o cachorro.

— Vou ter que endurecer esse cachorro. — Meu tio falou, coçando o lugar onde a bainha da sua camiseta subiu, revelando uma barriga gorda, antes de virar e ir embora.

Me movi até o filhotinho que agora estava encolhido contra a estrutura em mau estado. Ele ergueu seus olhos devagar, sua cabeça ainda abaixada e me espiou cautelosamente por um momento antes de seu pequeno rabo começar a bater contra a madeira do galpão mais uma vez. Eu hesitei, olhando para trás na direção que meu tio e primo tinham ido antes de aconchegá-lo de novo nos meus braços. Ele balançou contra mim, lambendo a parte de baixo do meu queixo.

— Ele está certo, você sabe. — Eu sussurrei. — Você vai ter que ficar mais forte. Lutar ou morrer, é assim que as coisas funcionam por aqui.

O rabo do cachorrinho bateu mais rápido contra o meu peito, seu corpo quente e gordo contorcendo-se em deleite enquanto eu o segurava perto.

— Pare com isso. — Eu mandei, minha voz mais séria, olhando em seus olhos e mostrando meus dentes, deixando um pequeno grunhido sair para assustá-lo.

Seu rabo bateu mais forte, mais rápido, e ele latiu, um pequeno, estridente som de alegria de um filhotinho. Eu suspirei, contorcendo meu rosto conforme ele lambia minha boca e minha bochecha. Considerei o que fazer com ele, finalmente o levei para o galpão comigo onde o deitei na pequena cama mofada no canto.

— Não se acostume com isso. — Eu resmunguei, mas o rabo do cachorrinho apenas balançou mais forte.

Aparentemente cansado por causa de tanto balançar o rabo, seu corpo quente aconchegou-se contra mim e ele soltou um enorme bocejo. Conforme assistia seus olhos fecharem, franzi a testa, um estranho sentimento apertando meu peito, algo que se sentia quente e não familiar, algo que era bom e... Perigoso.

CAPÍTULO 01

Olivia

Jamais pensei que me sentiria fora do lugar em minha vida. Meu joelho balançou quando tomei um rápido gole da minha cerveja, tentando parecer relaxada, tentando *me misturar*. *É, certo*. Porque estava nervosa, inquieta, a cerveja sacudia enquanto eu bebia, escorrendo pelo meu queixo. *Boa.* Levei meu dedo para cima, trazendo as gotas para a minha boca e passando a língua sobre meu lábio. *Meu Deus, eu nem gosto de cerveja.* Mas resisti a fazer uma careta em reação ao amargor líquido, dando uma olhada ao redor pela clientela que avidamente bebia cerveja. Uma rápida olhada me disse que apenas iria chamar mais atenção para mim se eu pedisse uma taça de sauvignon blanc que realmente queria.

Ele me disse para vestir azul, e eu escolhi uma seda azul cerúleo. Eu assumi que ele tinha especificado a cor a fim de me identificar na multidão. Mas o que eu deveria ter considerado era o fato de que esse tom de azul em particular faria me destacar como um polegar dolorido em certos locais como este bar onde a cor escolhida parecia ser preta e o material preferido, couro. *Agora era tarde demais.*

O vidro estava frio ao tato enquanto eu envolvia meus dedos ao redor do copo, apoiando-me num pequeno corredor. Eu examinei a multidão rapidamente mais uma vez, mas ninguém parecia estar prestando atenção em mim. *Vista uma blusa azul*, ele disse. *Ok*. *Espere no bar*. *Ok*. Então onde ele estava? Alisei minha blusa, cruzando minhas pernas. Quanto tempo deveria esperar antes de oficialmente me considerar dispensada?

Deus, a história da minha vida. Dispensada, abandonada, jogada para longe, deixada para trás. Forcei minha coluna a ficar reta, não gostando da direção de auto piedade dos meus pensamentos.

O som das bolas de bilhar batendo nos fundos chamou minha atenção, e enquanto eu olhava, um homem inclinou sobre a mesa e fez uma jogada. Quando eu me virei novamente, alguém estava sentado na banqueta previamente vazia do bar próximo a mim vestindo um boné preto de baseball, seu rosto principalmente no escuro.

— Olivia Barton. — Meu coração acelerou. Eu reconheci a profunda, levemente grave voz da ligação telefônica mais cedo naquele dia.

— Sim. Você é...?

— Aham. — Ele fez um sinal ao bartender, que levantou seu queixo em reconhecimento e começou a mover-se até nós. O homem com o boné alcançou a tigela de amendoins no bar e colocou na boca uma mão cheia, mastigando lentamente.

Pressionei meus lábios juntos, irritada pelo comportamento casual — quase entediado — enquanto eu estava praticamente enlouquecendo.

— Estava esperando. Você está atrasado. — Acusei.

O barman aproximou, e o homem pediu uma cerveja e então virou-se para mim, acenando para o meu copo.

— Por que você não pede o que realmente quer? — Ele disse, completamente ignorando minha declaração sobre seu atraso.

Eu pisquei para o meu copo meio cheio e então de volta para ele.

— Uh...

— Vinho branco? — Ele adivinhou.

— Sauvignon blanc.

Uma sobrancelha pareceu que ia se erguer.

— Um copo do seu melhor vinho. — Ele disse ao barman que assentiu e virou. *Mas que diabos?*

— Encontrou fácil?

— O bar? Sim, eu segui meu GPS. Todas essas capas e punhais são necessários? — Eu usei meus braços para fazer um pequeno aceno ao redor do bar escuro. — O trabalho para qual estou contratando você é perfeitamente legítimo.

Eu juro que vi a mais leve pista dos seus lábios se erguerem, e eu abaixei minha cabeça, tentando vê-lo melhor. Os detalhes do seu rosto se perdiam na luz baixa e nas sombras feitas pela aba do seu boné, então apenas tive a impressão de ângulos duros e linhas masculinas. Sua cerveja foi colocada na sua frente, um copo de vinho colocado na minha frente, sua garganta movendo-se conforme ele engolia, e eu tomei um rápido gole do meu vinho. O "melhor" vinho branco do bar era barato e demasiado doce, mas melhor do que a cerveja que estava bebendo antes, e tomei outro gole apreciando.

— Sem capa e punhais. Mas na minha linha de negócios, você nunca pode ser cuidadoso demais, entende? — Ele engoliu outro punhado de amendoins.

— Então você deveria considerar não comer isto. Você sabe quantas mãos sujas provavelmente estiveram aí? — Eu enruguei o nariz, acenando à tigela de amendoins.

Ele mastigou, engoliu.

— Senhorita Barton, se eu vou guiar você até uma devastada e perigosa parte da Colômbia, é melhor você esperar que eu não esteja preocupado com alguns germes em amendoins. — Ele tomou outro longo gole da sua cerveja antes de me olhar de novo. Seus olhos não pareciam se mover, mas apesar disso eu tinha a estranha sensação de que ele me tocou da cabeça aos pés. Minha pele formigou como se estivesse respondendo aos lugares em que seu olhar tocou.

Eu franzi a testa, perturbada por esse estranho.

— De qualquer maneira; — Eu limpei minha garganta. — Você mencionou no telefone que deveríamos conversar pessoalmente. O que você precisa saber?

Ele parou por um breve momento.

— Seu noivo deu qualquer indicação de que estava pensando em fugir de você?

— O quê? Não. Como o quê?

Ele virou sua cabeça, encarando em frente novamente enquanto ele encolheu os ombros.

— Você é a única com intuição feminina. Algum sinal da intuição estava apontando para o sul?

Apontando para o sul. Literalmente. Para Colômbia de fato. Eu quase ri por causa dos nervos borbulhando em meu sangue. Respirei profundamente e balancei minha cabeça ainda que ele não estivesse olhando para mim.

— Não. As coisas pareciam bem. Boas. Tudo estava normal. Nós estivemos discutindo planos para casamento na manhã que ele partiu... — Eu parei, lembrando da segunda-feira dois meses atrás, retratando Alec fazendo a barba enquanto eu me inclinava contra a pia e perguntava se ele gostava de peônias. — Querida, — ele disse, — se eu soubesse o que uma peônia é, eu daria minha opinião sobre elas. — Eu ri, e ele me deu um sorriso de menino, espuma branca pontilhando sua mandíbula.

Meu coração gaguejou com a memória. Aquela manhã agora parecia um sonho distante, um que você jurava que era real, mas acordei para descobrir que era nada mais do que meandros sonolentos da sua própria mente.

— Para onde ele disse a você que estava indo?

— Miami. Ele tinha reuniões de negócios lá. Supostamente deveria apenas ter ido por uma semana, e quando ele não voltou na noite de domingo, comecei a ligar para o seu celular. Quando ele não me ligou de volta na manhã de terça, liguei para a polícia. — Meu coração sentia-se pesado enquanto eu relembrava esses dias — o pânico que senti quando me dei conta de que ele estava desaparecido, os lugares para onde minha mente foi.... Retratando-o em valas, esticado morto num beco.

— Quantas vezes vocês conversaram durante aquela semana?

— Nenhuma. — Eu balancei minha cabeça. Sabia que ele consideraria incomum que eu não tivesse falado com meu noivo a semana inteira que ele tinha ido. — Nós raramente falávamos quando ele saía em viagens de negócios. Seu trabalho era seu foco, com manhãs começando cedo e noites indo até tarde. Ele me mandou uma mensagem quando ele chegou, me avisando que chegou lá em segurança, e não falei com ele depois disso.

O homem parou por um momento, mas eu não preenchi o silêncio com uma explicação. Isso não era da sua conta. Francamente, sempre gostei dos momentos quando Alec estava atarefado com seu trabalho e nós tínhamos uma pequena pausa um do outro. Eu amava a antecipação de vê-lo depois que ele estivesse estado longe já que isso apimentava as coisas quando ele retornava.

— Você ligou para qualquer um dos seus colegas de trabalho para descobrir se ele estava mesmo lá?

— Não. Alec era um trabalhador independente. Eu não perguntei o nome das pessoas que ele estava indo se encontrar. Era algo sobre... design de software.... Isso é tudo que eu sabia. A polícia me disse que ele não deu entrada no hotel que deveria ter estado. Tanto

quanto lhes dizia respeito, ele nunca esteve em Miami. Quando a polícia chegou a um ponto sem saída, eu contratei um investigador particular.

— Que o seguiu até Colômbia.

— Sim.

— Alguma ideia de por que ele poderia ter ido até lá sem contar a você?

— Não. — Franzi a testa. Eu não estava convencida de que este homem, que contratei para me ajudar a chegar à Colômbia — ao Alec — precisava saber todos os detalhes que consegui com o investigador particular. Tudo o que ele *realmente* precisava saber era onde *eu* estava indo. Então, de novo, me dei conta de que ele provavelmente sabia a maior parte do que eu estava dizendo e ele estava simplesmente me perguntando para verificar.

Quando o investigador particular que contratei localizou Alec em uma cidade litorânea na Colômbia que recentemente tinha sido devastada por um terremoto, seguido de perto por um massivo tsunami, eu o pedi para me ajudar a achar alguém para me levar lá. Ele inicialmente me disse que não conhecia ninguém que aceitaria esse tipo de trabalho, mas que iria procurar. Eu não tinha estado muito esperançosa, mas então recebi uma ligação *desse* homem me dizendo para encontrá-lo nesse bar mal iluminado em uma vizinhança questionável.

— Você tem certeza de que ele quer ser encontrado?

Meu peito apertou, e peguei o rótulo da garrafa de cerveja próxima ao meu copo.

— Não. — Eu admiti, num sussurro. Esse era o ponto crucial desse risco. *Não,* ele pode não querer ser encontrado. Ele pode estar exatamente onde queria estar. Mas eu apenas... apenas não podia acreditar nisso. Talvez fosse apenas um pensamento cheio de desejos, talvez eu fosse uma tola por completo, mas e se... E se ele *quisesse* voltar para casa, mas não pudesse? E se ele estava machucado? E se pensou....eu balanço a cabeça, forçando-me a parar as perguntas sem ponto pulando na minha mente. As mesmas perguntas que me impediram de ter uma noite

inteira de sono nos últimos quase dois meses. Havia apenas uma maneira de encontrar as respostas, e isso era o que eu precisava fazer.

— De qualquer maneira, aprecio sua boa vontade de pegar esse trabalho. — Eu pauso. — Posso dar um jeito nisso sozinha se precisar... eu acho..., mas com os danos por causa do terremoto fazendo a viagem difícil e não sendo familiar com a área, não sabendo a língua muito bem... todas essas coisas iriam realmente me atrasar, e eu não posso permitir isso.

O homem se virou para mim, quieto por um momento.

— Verdade seja dita, eu normalmente não aceitaria esse trabalho, mas acontece que eu tenho negócios na área em que você quer ir. Sou fluente em espanhol. E dinheiro é dinheiro. Mas teremos que estabelecer algumas regras antes de partirmos.

— Regras?

— Sim, regras. Estaremos indo à uma área infestada com crimes. Com o terremoto e o tsunami causando tanta devastação, e acabando com a comunicação, isso vai ser ainda mais perigoso. Quando as luzes se apagam, as baratas aparecem.

— Baratas? Oh. Bem, você é o especialista. É por isso que eu preciso de você... Estou contratando você, então o que quer que você diga está bem. Desde que você me leve a Palomino, isso é tudo o que me importa.

— E se as coisas acabarem não sendo do jeito que você espera que elas sejam?

O que significa, se Alec me dispensar, dizer que não me quer mais, que eu sou uma idiota. Eu balanço minha cabeça.

— Eu não sei. Você será capaz de me trazer de volta se... Necessário?

O homem olhou para mim de novo justo quando a porta abriu e as luzes da rua brilharam no bar, acertando seu rosto momentaneamente. O cinza pálido dos seus olhos me surpreendeu e eu arregalei meus olhos,

assim que a porta se fechou, lançando-o às sombras novamente. Mas tinha visto o suficiente para saber que seu rosto era lindo, mas duro, algo como... Um olhar perigoso nesses olhos, o corte da sua boca, as linhas e vazios em sua feição. Ele era todo pontas afiadas e cinza de aço. Uma lâmina. Apesar de tudo, senti um arrepio na minha coluna.

— Não, eu não serei capaz de trazer você de volta. Você vai estar por sua conta uma vez que chegarmos a Palomino.

Oh. Mordi meu lábio. Eu só podia rezar para que as coisas com Alec fossem... Explicáveis, e se ele estava lá, nós esperaríamos até que os aeroportos estivessem abertos novamente para voarmos juntos de volta para casa. *Deus, por favor.* Isso ou eu iria encontrar um lugar para ficar e então voaria de volta para casa sozinha quando pudesse. Certamente haveria um quarto para alugar em algum lugar por perto. Isso era outro risco, mas, realmente, o que era mais um?

— Tudo bem, então. Desde que você consiga me levar lá, eu vou achar o caminho de volta para casa.

O caminho para casa.

O homem fez um rápido encolher de ombros, mas não comentou.

— Oh. — Eu disse, alcançando dentro da minha bolsa no meu colo. — Eu trouxe o dinheiro. — Peguei o envelope em que tinha colocado dinheiro dentro e comecei a alcançar para ele, mas puxei de volta. — Como eu sei que você não vai apenas desaparecer com isso?

— Você não sabe. — Ele disse suavemente. Eu mordi meu lábio por um momento. Deus, o que eu estava fazendo? Contratando um homem sobre quem eu não sabia coisa alguma, pagando uma grande soma de dinheiro para alguém por um trabalho que não tinha garantia de resultados. Estendi meu braço novamente, oferecendo a ele o envelope. *Esse era o único jeito.* Não tinha outras opções.

— O resto meu advogado vai te ligar após a conclusão do trabalho, assim que eu for capaz de

falar com ele. Eu apenas vou precisar do número da sua conta e informações bancárias. Sou confiável para isso. Você pode confiar em mim.

Eu o olhei e ele parecia divertido por um momento antes da sua expressão voltar a ficar impassível. Eu senti calor subir pelo meu pescoço. Claro que ele não confiava em mim, ou não se importava se podia confiar em mim ou não. Se eu não o pagasse o que devia uma vez que o trabalho estivesse feito, ele provavelmente me mataria por princípio.

O homem pegou o dinheiro, escorregando-o para dentro da sua jaqueta, e ainda que eu tenha olhado para longe, senti seus olhos queimando do lado do meu rosto como se seu olhar expelisse calor de alguma forma. *Ridículo*. Isso era apenas eu corando, ou eu estava tão fora de mim por causa de toda essa situação.

Como a vida me trouxe aqui?

Ele pegou um guardanapo e uma caneta da beira do bar, rabiscou as informações da sua conta, e alcançou o guardanapo para mim. Eu peguei, colocando na minha bolsa. O homem acabou sua cerveja, empurrando a garrafa vazia para longe e ficou de pé.

— Entrarei em contato.

— Espere, quando?

— Em breve. Eu tenho que fazer alguns arranjos. Seu passaporte está atualizado?

— Sim.

Ele assentiu.

— Bom. Embale poucas coisas, uma mochila e o menor saco de dormir que você puder encontrar. E esteja pronta.

Estar pronta? *Saco de dormir?* Eu abri minha boca para perguntar por mais detalhes. Que arranjos? O que era *em breve*? Mas antes que eu pudesse pronunciar uma palavra, ele havia se virado e estava indo em direção à porta. Ele passou sem sequer uma pessoa se virar na sua direção, como se ele tivesse sido nada além de um fantasma que apenas eu podia ver. E de repente me dei

conta de que eu não sabia seu nome.



CAPÍTULO 02

Thomas

Eu assisti Oliva Barton dirigir seu SUV até sua garagem, o portão descendo atrás do seu veículo. Por alguns minutos sentei na minha caminhonete no final da quadra, vendo as luzes acenderem dentro da sua casa conforme ela se movia de cômodo a cômodo.

Descansei meu pé na beira da porta e coloquei meu cotovelo no meu joelho erguido, acariciando meu maxilar enquanto eu esperava.

A última luz a acender estava no cômodo da frente no segundo andar — provavelmente seu quarto. Eu podia imaginar ela chutando seus saltos, desabotoando aquela blusa azul que estava vestindo - azul *brilhante* pelo amor de Cristo. Como um fodido céu de verão. Eu disse a ela para vestir azul - uma cor escura, na minha mente — então iria saber quem ela era naquele bar e ao invés disso, a mulher tinha reluzido como um farol luminoso de luz azul. Não importava. Eu tinha certeza de que ninguém havia me seguido, e além de alguns olhares de homens com tesão, ninguém havia incomodado ela. Estava claro que ela não estava acostumada com isso e eles se afastaram.

Escolhi o bar de propósito assim poderia ter uma ideia sobre ela. Não havia uma razão de

verdade para suspeitar que ela não fosse quem disse que era, mas na minha linha de trabalho, sabia o suficiente para fazer um balanço da situação por todos os ângulos antes de continuar. Eu a olhei por mais ou menos vinte minutos, querendo dimensioná-la antes de deslizar no assento vazio perto dela. Levou apenas um minuto ou dois, para saber que ela era exatamente quem eu pensei que era - uma rica, protegida que nunca havia estado num lugar como aquele antes - mas esperei outros quinze apenas para apreciar a visão.

Eu não tinha conseguido ver o rosto dela naquele momento, mas gostei da sua postura feminina, sua coluna reta e sua bunda derramando na banqueta, gostei do jeito que ela cruzou suas pernas bem torneadas, e o jeito que pegou no rótulo da sua garrafa de cerveja. Ela é a imagem de elegância, e uma mulher claramente fora do seu elemento, tentando não parecer nervosa. Mas ela *estava* nervosa, vulnerável. Ela não agiu como se fosse dona do lugar, aquela atitude de superioridade que tão frequentemente eu via em mulheres ricas e privilegiadas. Havia algo... Solitário sobre ela, e isso me incomodou de um jeito que não pude identificar.

Quando finalmente me movi para perto o suficiente para ver o seu rosto, eu gostei disso também. Ela não tinha aquela beleza que pulava direto para você, mais uma beleza sutil que apenas tinha crescido em mim conforme olhava seu rosto mudar em diferentes expressões. Ela vestiu cada emoção em seu rosto, cada reação naqueles grandes olhos azuis, e eu me perguntei se ela sabia disso. Provavelmente não - quem escolheria ser um livro tão aberto daquele jeito? Não era de admirar que ela tenha sido tão desprotegida. Talvez até recentemente, a mulher nunca tinha conhecido a picada de traição, a dor de alguém saber seus pontos fracos e usá-los contra você.

Eu tinha. Mas eu aprendi. Aprendi a me fechar, assim ninguém faria isso comigo novamente. Você deixa as pessoas verem o que você queria que elas vissem e nada mais.

Eu não pensei naquela baia para cachorros na beira da propriedade do meu tio por um longo tempo, mas por algum motivo desconhecido, meus pensamentos me levaram para lá agora. Os rosnados agressivos, os ganidos de dor, o cheiro de sangue - eu virei minha mente para longe. Não havia um ponto em voltar lá. Nenhum mesmo.

Meus olhos ficaram na janela do segundo andar. *O que diabos eu estava fazendo aqui?* Mais reconhecimento? Eu já havia averiguado Olivia Barton. Então por que estava aqui sentado do lado de fora da casa dela assistindo suas luzes apagarem, uma a uma conforme elas tinham acendido, a última - seu quarto - ficando escura pra caralho?

Ela estava na cama e eu não podia evitar a imagem que veio na minha cabeça, aquele cabelo castanho espalhado sobre seu travesseiro, sua forma esguia claramente contornada pelos cobertores. Eu me perguntei no que ela dormia - mais seda provavelmente - senti uma pontada entre minhas pernas. Eu franzi a testa, virando a chave na ignição fazendo minha caminhonete ronronar para a vida. Sim, eu estava atraído pela minha cliente e isso era uma maldita inconveniência, não apenas porque ela tinha me contratado - para encontrar o noivo fugitivo que havia nada menos do que partido seu coração - mas porque eu a estava usando para meus próprios fins.

Praguejei baixinho sob minha respiração enquanto eu me afastava do meio-fio. Inferno, atração física inconveniente, aconteceu. Isso era uma coisa química, algum coquetel invisível de hormônios que às vezes agarrava um homem pelas bolas. Eu vou lidar com isso. Não ajudava que já tinha sido um tempo desde que eu tinha tomado uma mulher na cama. Mulheres têm sido escassas no remoto deserto para qual fui enviado por quase um ano. Desde que retornei aos Estados Unidos, francamente, ninguém tinha me interessado. Com certeza, eu havia visto mulheres atraentes, mas nenhuma que causou a faísca de eletricidade que fazia o sexo divertido. Sem isso, sem aquela força motriz que me compelia a reclamar uma mulher

específica para a noite, eu podia muito bem usar minha própria mão e evitar um adeus estranho na manhã seguinte.

Meu motel estava apenas a dez minutos dirigindo a partir da vizinhança residencial de luxo em Las Vegas onde Oliva Barton vivia, mas que diferença dez minutos fizeram. Desordeiros grupos de adolescentes vadiavam nas esquinas, e mulheres passavam caminhando devagar demais para estarem indo de fato a qualquer lugar. O motel tinha um visual degradado e decadente, o estacionamento cheio de lixo com panfletos anunciando sexo com desconto.

A porta ao lado da minha abriu exatamente quando eu estava entrando no meu quarto, e uma garota que parecia ter dezesseis com lábios pintados e olhos amortecidos tropeçou para fora enquanto um homem arrotou atrás dela. Nossos olhos se encontraram e ela sorriu sedutoramente, talvez um pouco intoxicada.

— Precisa de alguma companhia, senhor?

— Não, senhorita, mas obrigada de qualquer maneira. — Ela piscou, sua cabeça pendendo conforme eu fechei minha porta atrás de mim, removendo meu boné e jogando na cama. Caminhei através do quarto, checando as janelas, os trincos, olhando a maneira com que minhas coisas foram colocadas, tendo certeza de que nada tinha sido movido e ninguém havia estado no meu quarto enquanto eu estive fora.

Liguei o ar-condicionado e tirei minhas roupas, deixando-as numa pilha no chão do banheiro. A água fria sentia como o céu, e eu gemi em apreciação conforme pisava embaixo do jato. Ia apreciar cada chuveirada fria até que saíssemos para Colômbia. Apenas Deus sabia quando eu teria outra. O país tinha sido devastado por um terremoto massivo de magnitude 8.2 quase dois meses antes, causando vítimas em massa e praticamente destruindo algumas cidades pequenas. O tsunami seguido de perto atacou as cidades costeiras, causando mais destruição. A infraestrutura foi para baixo em todos os

lugares, comida e combustível estavam escassos, e a comunicação era irregular na melhor das hipóteses. Ao passo que os conflitos entre os soldados das guerrilhas e forças militares tinham sido resolvidos nos últimos anos, com a recente destruição, o conflito surgiu novamente, evocando grupos rebeldes. O desastre natural fez os elementos criminosos de todos os tipos mais descarados, de facções políticas organizadas a chefões traficantes de drogas e também criminosos sem importância.

Muitas partes apenas tinham recém começado a se reerguer. Isso seria um longo processo, especialmente para os pobres, áreas rurais onde estradas inteiras tinham sido destruídas e onde não havia maneiras de enviar assistência.

Eu estava acostumado a viajar em terrenos ásperos, mas Olivia Barton não estava, e me encolhi ao pensar sobre como mais ou menos a próxima semana seria conforme eu a liderava atrás de florestas, além da Amazônia, sobre baixas regiões montanhosas e finalmente para a costa caribenha. Colômbia tinha um pouco de tudo, nenhuma das coisas que Olivia Barton tinha experimentado sem o benefício de um resort por perto e um drinque tropical esperando numa varanda ao lado da piscina.

Enxaguei o xampu do meu cabelo, balançando minha cabeça conforme a água com sabão caiu pelos meus ombros e para baixo nas minhas costas. Isso iria ser o inferno - um inferno de um tipo completamente diferente do que estava acostumado.

Ainda... Seria uma semana infernal que valeria a pena, se o resultado final fosse o que eu esperava que seria.

Quanto à Olivia Barton, caminhando por um país em ruínas, infestado por crime para localizar um perdedor que mentiu e a abandonou, era uma escolha insensata. Eu teria certeza de que ela estava a salvo tanto quanto pudesse, eu era bom no meu trabalho, e tinha toda confiança de que chegaríamos em Palomino sem machucados.

Eu usei os outros antes pelo bem maior. Não tinha apreciado, mas sabia que isso era um

mal necessário. Então porque a ideia de usar Olivia Barton lançou um dardo de arrependimento por mim, não tinha certeza. A atração, eu supus. Era uma maldita vergonha que eu não a tinha conhecido sob circunstâncias diferentes. Através de um bar lotado, olhos se encontrando e cintilando, aquele momento em que tudo no meu corpo me dizia: *aquela*, eu quero *ela*. Deus, eu amava aquele fodido momento. Amava a perseguição obstinada. Eu era um caçador, por ofício e por natureza — não podia mudar isso mais do que podia mudar a cor dos meus olhos, os olhos que eu sabia que perturbavam algumas mulheres logo de cara. Mas se as coisas *tivessem* sido diferentes, eu perseguiria Olivia Barton até que ela estivesse despida e se contorcendo debaixo de mim, pernas trancadas ao redor dos meus quadris, olhos vítreos com luxúria. Eu veria *tudo* naquele grande olhar azul, saberia se ela gostava disso devagar e profundo ou duro e rápido. Eu veria aquele rosto expressivo enquanto ela gozava e —

Pare com isso, homem. Porra. Essa não era a direção que minha mente precisava ir agora. Eu tinha uma tonelada de trabalho para fazer antes de deixar o país e fantasiar sobre minha cliente não era uma delas. *Jesus Cristo*. Eu estava tão duro agora, então mudei a água para congelante, chiando uma respiração conforme a água gélida encontrava minha pele, meu pau, o choque levando minha excitação para baixo. Conforme meu sangue esfriou, um frisson de desconforto passou por mim, o sentimento de que esse trabalho seria mais perigoso do que eu antecipara de uma maneira desconhecida. E eu sempre confiei nas minhas entranhas. O que significava que eu precisava fazer o meu melhor.

Desliguei a água, pisei para fora do chuveiro, e me enrolei na toalha antes de ir para o quarto para o meu celular. Eu tinha chamadas para fazer, tinha uma viagem para organizar, e precisava me colocar sob rigoroso controle.

CAPÍTULO 03

Olivia

O que *empacotar* para ir numa caminhada através da Colômbia em busca de seu noivo desaparecido? *Caminhada.* Eu bufei. Tinha a sensação de que isso era uma descrição extremamente vaga sobre o que estaríamos fazendo. Eu olhei para o mapa das áreas pelas quais nós teríamos que ir para chegar a Palomino — uma pequena cidade na costa caribenha — e elas pareciam ser despovoadas por grandes trechos. Por sorte, voos comerciais tinham voltado para alguns poucos dos maiores aeroportos. Mas como viajaríamos depois disso? Com certeza não iríamos *caminhar*. Isso levaria um mês. Não, meu guia, o homem por quem tinha estado tão afobada para lembrar de perguntar seu nome, faria os arranjos para transporte. *Certo?* Com certeza. Como isso *funcionaria*? Inspirei profundamente, colocando minha mão sobre meu estômago como se eu pudesse conter meus nervos daquela maneira.

Eu pensei sobre *ele* de novo, visualizei o brilho daqueles olhos azuis pálidos no meio do seu rosto endurecido e estremeci como quando a luz o atingiu naquele bar três noites antes. Não era

exatamente um estremecimento desagradável, mais para uma estranha mistura de inquietação e curiosidade. Ele era o tipo de homem que eu nunca entraria em contato antes, não teria *razão* também. Até agora. Ele era perigoso, obviamente acostumado com as sombras, enquanto eu vivi na luz. Ou pelo menos eu tinha... Até agora.

— Oh, Alec, o que aconteceu com você? — Eu sussurrei desesperadamente.

Eu me permiti um momento de tristeza antes de voltar a empacotar, agarrando um par de jeans e colocando-os na minha mochila. *Embale poucas coisas*, ele tinha dito.

Quando juntei tudo o que pensei que precisava, mantendo em mente o espaço limitado, deixei a mochila cheia próxima à porta do meu quarto e fui ao meu escritório para ter certeza de que todas as minhas responsabilidades pessoais estavam em ordem antes que eu deixasse a cidade.

Seis meses antes, tinha tirado uma licença do meu trabalho numa grande instituição financeira quando meus pais morreram inesperadamente num acidente de barco. Eles tinham sido extremamente ricos e quando eu comecei com o trabalho de liquidar sua propriedade e gerenciar a herança, me dei conta de que seria um trabalho de tempo integral. Eu tinha desde então contratado pessoas para me ajudar com os vários aspectos da gerência de propriedade, então não precisaria me preocupar sobre isso enquanto estava fora, nem precisaria me preocupar sobre tirar um tempo de um trabalho. Ainda, havia várias probabilidades e fins que precisariam ser cuidados a respeito das minhas contas e da minha casa antes que eu saísse, especialmente porque não sabia exatamente quando retornaria.

Assim que entrei no quarto, escutei meu celular tocando de onde eu o deixei no balcão da cozinha e me apressei de volta naquela direção. Notei as palavras *número desconhecido* na tela antes de estender a mão para ele.

— Olá. — Falei sem fôlego.

Houve uma pausa momentânea antes daquela voz profunda vir da linha.

— Eu marquei para você um voo para amanhã de manhã às nove, deixando McCarron e chegando em Rionegro.

Meu coração parou e então voltou numa batida acelerada.

— Amanhã de manhã?

— Problema?

— Não. — Eu disse vagamente. — Não. — Repeti com mais certeza, de pé em linha reta. — Vou estar lá. E você? Você vai estar no mesmo voo?

— Não, mas eu vou encontrar você no aeroporto na Colômbia.

— Oh... Okay. Onde? Quero dizer, onde devo encontrar você? — Eu nunca estive na Colômbia, não tinha ideia de como o aeroporto era. Ah meu Deus, eu estaria voando para Rionegro amanhã?

— Eu vou encontrar você. — Que confortador. Esse homem gostava de manter os planos para si mesmo, compartilhando apenas pequenos petiscos de informação conforme ele arrumava tudo sozinho. Mas... Eu *contratei* ele para fazer planos, não contratei? Meu estômago apertou. Oh Deus, estava confiando em um completo estranho — provavelmente um *perigoso* estranho — minha segurança num país estrangeiro para onde nunca tinha viajado antes e apenas mal sabia o mínimo tanto quanto a língua era um problema. Meu pulso pulou, e minha respiração ficou difícil ainda que eu estivesse parada.

— Okay. — Eu falei.

Outra pausa.

— Se você quer cancelar esse plano, agora é a hora. Uma vez que estivermos lá, não haverá retorno.

Sem retorno.

Eu puxei uma respiração lenta, expirando, imaginando o rosto de Alec quando ele se abaixou em um joelho na minha frente, pedindo para ser

sua esposa. Pedindo para ser sua *família*, tudo o que ele tinha. Tudo o que nós dois tínhamos.

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Não, eu não quero cancelar.

— Tudo certo. Sua passagem vai estar esperando no aeroporto. Vejo você na Colômbia.

— Vejo você na Colômbia. — Eu repito entorpecida.

Ele pausou ainda mais uma vez e por um segundo tudo o que eu ouvi era o som da sua respiração do outro lado da linha.

— Última chance, Olivia. — Ele finalmente disse suavemente, sua voz quase... Gentil de alguma forma, embora eu deva estar imaginando aquilo. Não havia nada de gentil sobre o homem que conheci no bar fora da faixa de Vegas. *Última chance, Olivia.*

— Eu vejo você na Colômbia. — disse novamente, colocando toda força na minha voz que eu podia reunir.

— Bom o suficiente. — E com isso a linha ficou morta. Abaixei meu celular, batendo contra meu queixo conforme eu me inclinei contra o balcão. Depois de um momento, liguei para o número da minha amiga Christina.

— Hey. — Ela cumprimentou.

— Hey.

Qualquer tom que estava minha voz deve tê-la alertado sobre meu humor, porque ela imediatamente disse:

— O que está errado?

— Estou fazendo isso, Chrissy. Estou indo para Colômbia.

— Oh não. Não. Nós falamos sobre isso. Você não pode voar até a Colômbia com nenhuma outra maneira de chegar aonde você está indo além de caminhar sozinha. Quieta! — Eu escutei grito abafado antes da sua voz voltar para mim. — Desculpe. As crianças estão tendo uma guerra total no quarto de brincar.

Apesar dos nervos ainda estarem faiscando no meu estômago, eu sorri, visualizando os cinco doces rostos das crianças da minha amiga.

— Não estou indo sozinha. Recebi a ligação de um homem — um guia eu acho. Não sei como chamá-lo, mas ele soube que eu estava procurando contratar alguém e me ligou, oferecendo seus serviços.

— Santa merda, Livvy. Você sabe alguma coisa sobre esse cara? — Uma porta fechou e a sua voz subitamente ecoou levemente como se ela tivesse entrando num closet. — Ele poderia ser um maluco por tudo o que você sabe! E você vai estar no meio da maldita selva com ele. Não, uh uh. Eu não posso permitir isso.

Eu hesitei, mordendo meu lábio. O investigador particular que eu contratei, Jeremy Quaid, tinha obviamente divulgado que eu estava procurando para contratar alguém, mas sequer tinha checado com ele para descobrir as referências do meu guia... Seu histórico. Isso tem sido apenas um redemoinho, quase surreal. Tudo aconteceu tão rápido, e acho no fundo da minha mente, assumi que Jeremy não daria a informação a qualquer um se ele não acreditasse que fosse um profissional, confiável. Um advogado, que trabalhou na mesma empresa que eu, recomendou Jeremy, e eu senti que ele era realmente compreensivo à minha situação. Ele fez tudo o que pôde para me ajudar.

— Está feito, Christina. Estou partindo amanhã de manhã. Eu... tenho que ir. Eu tenho que fazer isso ou sempre vou me perguntar. Sempre vou me *arrepender*. Só pense sobre isso como eu mochilando na Colômbia. As pessoas fazem isso o tempo todo e têm experiências maravilhosas.

— Sim, pessoas são sequestradas na Colômbia o tempo todo também. — Ela murmurou.

— Daí minha proteção contratada.

Eu a escuto suspirar, ela fica quieta por um momento como se decidindo se devia continuar tentando me convencer a sair disso. Finalmente ela disse:

— Eu iria com você se pudesse.

— Sei que iria. Eu vou ficar bem, prometo. Esse cara não é um maluco. Ele parece intenso e alerta... Retraído, mas profissional. E vou contatar você se puder.

— Livvy, e sobre o que conversamos depois que Alec desapareceu? Suas dúvidas e...

— Nervosismo com o casamento, Chrissy. É normal. E se essa situação me convenceu de qualquer coisa, é de que estou disposta a lutar por Alec.

Ela pausou novamente antes de dizer:

— Tudo bem. Mas, querida... Se as coisas... Bem, se ele não *quiser* que você lute por ele, se as coisas não acabarem do jeito que você está esperando quando encontrar Alec...

— Eu vou ficar bem, Chrissy. Realmente, eu vou. Eu... Estou preparada para a possibilidade.

Escuto um bater e algumas vozes estridentes gritando ao fundo. O exército estava nos portões. Eu visualizei Chrissy pressionada no canto de um closet, ou despensa, enquanto suas crianças batiam implacavelmente, pedindo por sua atenção, pequenas mãos vindas por baixo da porta. Meus lábios inclinaram-se para cima, e ainda que eu soubesse que eles provavelmente estavam no último nervo de Chrissy, o anseio cresceu dentro de mim. Eu queria isso também. *Barulho. Família. Amor.*

— Okay. — Chrissy finalmente disse. — Eu apenas... Deus, isso realmente me preocupa, Livvy.

— Eu vou ficar bem. Eu vou. Prometo. — *Eu tenho que ficar bem. Gastei dois meses aflita e tentando esclarecer a perda de Alec, e vou sobreviver se não puder encontrar ele, mas preciso saber a verdade.*

Conforme os gritos ficaram mais altos, eu prometi mandar um e-mail a Chrissy com os detalhes da minha viagem, apenas no caso. Eu me recusei a demorar-me no que *apenas no caso* significava, mas sempre foi sábio que alguém tivesse seu itinerário, por mais vago que o meu pudesse ser. Prometi mandar uma mensagem para ela quando chegasse à

Colômbia, então nos despedimos.

Fiquei ao lado do meu balcão por mais alguns minutos, encarando a distância, vendo na minha mente os olhos do estranho que iria me guiar ao meu noivo fugitivo, retratando os dois homens que não poderiam ser mais diferentes — Alec com sua beleza de corte limpo, e meu misterioso guia com olhos tempestuosos. Balançando minha cabeça, caminhei até meu escritório onde eu tinha ido antes do meu celular tocar.

Eu tinha tanto a fazer antes de amanhã.

Amanhã.

Eu estava fazendo isso. Meu Deus, estava realmente fazendo isso.

***

O voo entre Las Vegas e Rionegro era apenas de dez horas. Gastei algumas horas dormindo inquietamente, mas o resto do tempo, gastei indo por vários cenários na minha cabeça sobre o que poderia acontecer quando — se — não, *quando*, eu encontrasse Alec naquela cidade costeira. Iria sua expressão me dizer imediatamente onde seu coração estava, ou ele iria apenas me olhar com choque e perplexidade? Ele estaria aliviado? Zangado? Meu coração bateu nervosamente no meu peito conforme imaginei cada uma das várias possibilidades. Inicialmente, não tinha sido capaz de me convencer de nada além de que algo terrível tinha acontecido com ele, e tudo o que senti fora medo desesperado por seu bem-estar. Mas conforme os dias passaram um a um e mais informações vieram à tona — a empresa falida, os problemas com dinheiro — informação que apontava para a possibilidade de que ele tinha estado mentindo para mim por um longo tempo — eu tive que considerar que ele tinha desaparecido de propósito. Ele manteve segredos, então tinha fugido. A pergunta que me

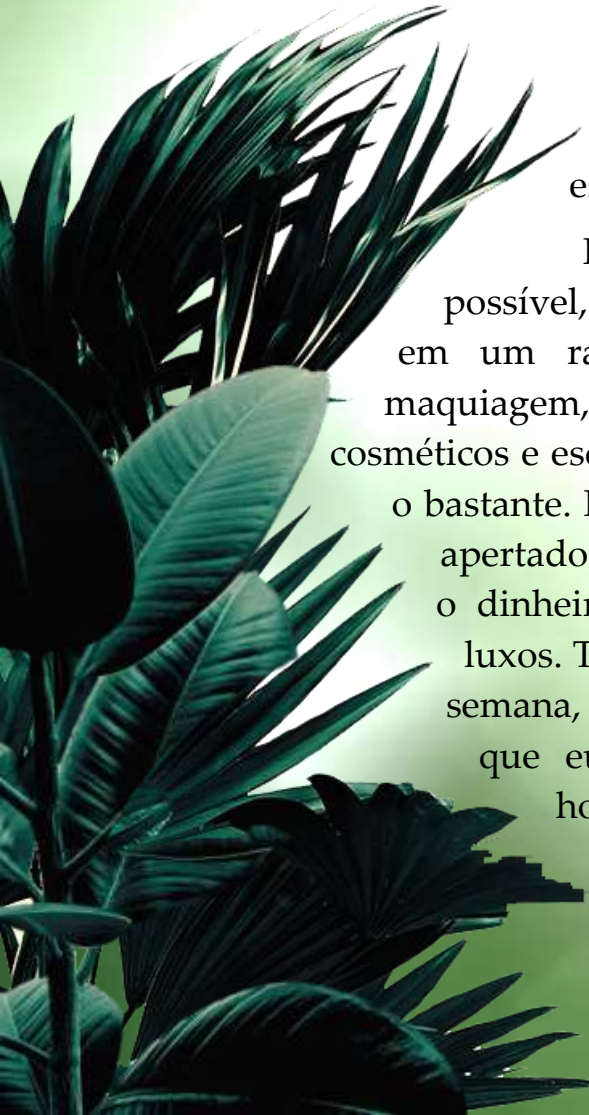
atormentava era *por quê.* Ele estava envergonhado e não podia me encarar? Ele pensou que eu daria as minhas costas para ele porque tinha cometido erros? Teria ele desesperadamente tentado dar um jeito nas coisas sozinho ao invés de admitir suas falhas? Era essa a tensão sob a superfície que notei nele por meses? O humor que atribuí ao estresse de planejar um casamento?

Esfreguei minhas têmporas; um som de impaciência vindo pela minha garganta que foi rapidamente sufocado pelo rugir dos motores. Deus, eu tinha pensado sobre isso tantas vezes que sentia que podia gritar. Não, eu *precisava* de respostas. E o único lugar onde poderia consegui-las era com Alec. Ele não poderia chegar a mim mesmo que quisesse. Eu não tinha como saber se ele estava desesperadamente tentando chegar a mim de alguma maneira - qualquer maneira - e simplesmente não tinha as ferramentas na área devastada pelo terremoto e tsunami da Colômbia onde ele estava. *Por que Colômbia?* Eu balancei um pouco minha cabeça. Sem mais perguntas. Não agora. Procurei meus fones de ouvido, dando uma cotovelada no homem ao meu lado e dando um sorriso de desculpas, mas ele estava dormindo, sua boca aberta. Coloquei o fone nas minhas orelhas e tentei encontrar uma estação clássica daquelas que a linha aérea oferecia, inclinei minha cabeça para trás, e tentei o meu melhor para limpar minha mente.

CAPÍTULO 04

Olivia

O Aeroporto Internacional José Maria Córdova era um pouco grande, mas fácil de andar, com sinais tanto em Inglês e espanhol. Eu não tinha despachado minha mochila lotada, então não precisei ir para a esteira de bagagens.



Onde devo ir? *Vou te encontrar*, ele disse. Eu respirei fundo, olhando em volta. Acho que eu apenas iria em direção à entrada do aeroporto e espero que ele tenha cumprido sua palavra.

Fiz uma parada no banheiro e me limpei o máximo possível, alisando a água sobre o meu cabelo e puxando-o em um rabo de cavalo. Eu não estava usando muita maquiagem, então não estava manchada. Tirei meu estojo com cosméticos e escovei os dentes e apliquei um pouco de gloss. Bom o bastante. Pelo menos me senti refrescada após o voo longo e apertado. Eu só voei de primeira classe, mas aparentemente o dinheiro que paguei ao homem misterioso não incluía luxos. Tudo bem, eu poderia viver sem luxos pela próxima semana, dependendo de como viajamos. Ou pelo menos é o que eu calculei. Não tinha confirmação de nada do homem misterioso realmente, e ainda aqui estava eu, fazendo meu caminho através da alfândega em

um país estrangeiro, sem ideia de onde eu deveria ir, só que seria *encontrada*.

Entrei no terminal principal e fui em direção à saída do prédio. Meus olhos buscavam os rostos enquanto andava, procurando por uma figura alta, magra, mas sólida, que certamente se destacaria em qualquer multidão, especialmente

— Como foi seu voo?

Eu me assustei, tropeçando nos meus próprios pés quando ele veio ao meu lado, como se aparecesse do nada. Ele colocou seu braço com o meu, firmando-me enquanto continuávamos a andar. Em um movimento suave eu fui aliviada da minha mochila enquanto ele a segurava sem esforço na mão oposta, como se não pesasse uma tonelada e não estivesse carregando outra nas costas. — Uh, meu voo foi bom. Você acabou de se materializar ou o quê? — Mas eu não podia negar que uma onda de alívio tomou conta de mim. Eu não estava mais sozinha neste estranho aeroporto, nesta cidade desconhecida onde não conhecia uma alma.

Um som veio de seu peito que poderia ter sido uma risada, mas quando olhei para ele, não havia sorriso nos lábios dele.

Eu deixei meu olhar demorar um minuto a mais, olhando-o na luz fluorescente brilhante do aeroporto. Sem o boné, pude ver que o cabelo dele era preto e curto. Mesmo sem as sombras, o rosto dele ainda tinha linhas angulares e uma estrutura óssea masculina, sua pele bronzeada como se ele passasse a maior parte de seu dia ao ar livre. Meu olhar cintilou para baixo e de volta para seu rosto. Ele era todo...h*omem*, desde suas bem gastas botas até a sombra de uma barba no seu queixo. Ele era atraente de uma forma bruta.

Selvagem de alguma forma.

E quando ele olhou para mim, não consegui decidir se aqueles olhos claros aumentavam a gravidade de suas características, ou suavizava-o um pouco. Talvez um pouco dos dois, dependendo da expressão dele. Qual agora, estava focado e concentrado enquanto me

guiava pelo terminal.

— Quando você chegou aqui? — Eu perguntei quando entramos pela porta para a noite e para uma calçada onde as pessoas estavam arrastando malas de rodas atrás deles e abraçando entes queridos, o adeus em frente de carros estacionados.

— Algumas horas atrás. Por aqui. — Ele soltou meu braço, e eu imediatamente senti falta da pressão sólida de seu corpo, a segurança que senti com ele diretamente ao meu lado. Esse sentimento de perda me confortou, no entanto. Sua presença física e dura vigilância intensa eram um pouco assustadoras, mas se ele não era confiável, certamente meus instintos não me levariam a sentir que estava segura com o braço em suas mãos?

Então, novamente, meus instintos tinham se provado terríveis sobre o homem com quem planejava me casar.

Talvez ficasse comprovado mesmo que era terrível. Eu não poderia ser positiva ainda. Espero que não, mas. Eu olhei para o homem e ele estava olhando para mim, algum tipo de expressão de conhecimento em seu rosto como se pudesse ler meus pensamentos. Aquele arrepio esquisito desceu pela minha espinha novamente.

— A propósito eu não sei seu nome.

— Thomas. — *Thomas?* Eu não sabia por que isso me surpreendeu. Parecia um nome tão comum e esse homem não tinha nada de comum. O que eu esperava? Ice, ou Hawk, algo assim. Fiquei pensando se Thomas era mesmo seu verdadeiro nome, mas não perguntei.

— Prazer em conhecê-lo, Thomas.

Seus olhos se inclinaram em minha direção, mas ele não respondeu a minha gentileza. — A propósito, você estará viajando como minha esposa, se alguém perguntar.

Minhas sobrancelhas se juntaram. — Sua esposa? Não seja tolo.

— Eu nunca sou tolo.

Nós olhamos um para o outro, seus olhos de inverno me espetando. — Por quê?

— Só não é meu estilo. — Mas foi confusão eu tinha vislumbrado em sua expressão antes que ele se virasse?

— Eu *quis* dizer, por que tenho que fingir ser sua esposa?

— É mais seguro assim. Posso protegê-la melhor se outros homens souberem que você é minha. Existem regras diferentes aqui, e uma delas é que os homens respeitam as posses de outros homens.

Eu zombei. — As mulheres são *posses*?

Sua mandíbula endureceu quando me lançou um olhar afiado. — Feminismo não significa merda nenhuma para gangues armadas e traficantes. Eu não fiz as regras, querida, mas raios me partam se não vou segui-las. E se você quer que eu faça o trabalho para o qual você me contratou, você também.

Querida? — Entendi, cachos de mel, — eu murmurei enquanto ele me guiava em direção a um pequeno carro cinza estacionado na esquina da passarela. Ele me lançou um olhar por cima do ombro, aquela peculiaridade de sorriso minúsculo me fazendo baixar a guarda novamente. *Ele tem que andar tão depressa?* — Então, como você sabe tanto sobre a Colômbia?

Ele jogou nossas mochilas no porta-malas aberto, fechou e abriu a porta de trás do carro. — Porque eu sou daqui.

Oh. Ele me conduziu ao veículo e sentou ao meu lado. No banco do motorista estava um homem mais velho que olhou por cima do ombro e me lançou um largo sorriso. — *Hola!* Eu sorri de volta e assenti. — *Santiago, hola compadre,* — Thomas cumprimentou, estendendo a mão e agarrando o ombro do homem rapidamente.

Santiago se afastou do meio-fio e ele e Thomas começaram a conversar em espanhol rápido. Olhei pela janela, observando Rionegro passar, acenando quando Thomas me disse que estávamos indo para Medellín, cerca de uma hora de distância. Eu nunca estive na Colômbia, embora tivesse ido ao México

algumas vezes com meus pais antes de morrerem, mas sempre ficávamos em resorts com tudo incluído, nunca saindo para visitar as cidades próximas.

As luzes de Rionegro se erguiam à distância, pontuando as encostas da Cordilheira dos Andes, o mais alto pico um contorno escuro no céu azul. A conversa de Thomas e Santiago se repetiu em segundo plano e, finalmente, nós paramos atrás de um prédio cinza sem descrição. Santiago saiu, abrindo minha porta e oferecendo-me a mão com outro daqueles sorrisos alegres. Eu sorri de volta, pegando sua mão, saindo e sentindo o clima que parecia muito mais quente do que em Rionegro. Thomas olhou para mim enquanto colocava nossas mochilas sobre o ombro, parecendo ler minha mente sobre o clima. — Eles chamam Medellín de Cidade do Eterna Primavera.

— Ah. Que lindo, — murmurei, seguindo Santiago para dentro do prédio com Thomas atrás de mim.

Nós entramos em um corredor da parte de trás e eu podia ouvir música espanhola alta que vinha do quarto mais à frente. Santiago falou novamente em espanhol com Thomas e Thomas assentiu, gesticulando em direção a uma escada para a direita. — Nosso quarto é no andar de cima.

Nosso quarto?

— OK. — Comecei a me virar para a escada e me voltei para Santiago. — *Um, gracias, senhor.*

Ele assentiu, sorrindo novamente. — *De nada.*

Santiago e Thomas trocaram algumas palavras, então começamos a subir as escadas, a música diminuindo enquanto nós íamos subindo. Quando chegamos ao segundo andar, Thomas disse: — Segunda porta à direita.

A abri devagar, olhando para dentro e encontrando um quarto de bom tamanho com uma cama de casal, de um lado uma mesa de madeira, e nada mais. Um ventilador girava no teto, circulando o ar abafado. Thomas entrou atrás de mim, fechando a porta. Eu ouvi o clique da fechadura e olhei de volta para vê-lo verificando

tudo, não tinha ideia do que.

Meu coração começou a bater mais rápido enquanto eu olhava para a cama. *Como é que isto vai funcionar?*

— Vou me deitar no chão. — disse Thomas como se estivesse lendo minha mente. Ele colocou nossas malas e pegou a colcha dobrada no final da cama e um dos travesseiros, jogando-os no chão de tábuas de madeira. Uma pontada de culpa passou por mim, mas não havia como dividir aquela pequena cama com esse homem grande. Já estava ansiosa o suficiente para compartilhar o quarto com ele, então simplesmente balancei a cabeça.

Ele estava checando as janelas, e quando se inclinou e virou, eu vislumbrei a arma na parte de trás de sua calça, coberta por sua camiseta. Eu fiquei tensa. Fazia sentido ele estar armado, mas vendo que tinha uma arma o que estávamos prestes a embarcar poderia nos colocar em algumas situações perigosas.

Aparentemente satisfeito com o que verificou, ele se virou para mim. — Há um banheiro do outro lado do corredor. É seguro o suficiente, mas ainda vou ficar do lado de fora enquanto você o usa, apenas por garantia. Santiago é dono do bar lá embaixo e bêbados são conhecidos por vagar por aqui.

Um banheiro do outro lado do *corredor*? — Não poderíamos ter ficado em um hotel?

— Aqui é um hotel.

— Eu quis dizer um hotel com dois quartos.

Ele me deu um olhar de lado enquanto estendia o cobertor e colocava o travesseiro no topo. — Eu preciso sentar com Santiago de manhã e desenhar um mapa. Além disso, ele está nos emprestando seu carro.

— Oh. — Eu bocejei. Já era tarde e estava viajando o dia todo. De pé ali olhando para a cama me fez perceber como eu estava exausta. — Eu vou só... — peguei minha bolsa. — usar o banheiro rapidamente e me preparar para dormir. Suponho que vamos sair cedo?

— Ao raiar do dia.

Eu assenti. Thomas me seguiu pela porta e eu usei o pequeno banheiro, limpo, lavando meu rosto e escovando meus dentes. Vesti as calças de yoga e regata que eu trouxe para dormir e, em seguida, sai do banheiro, sentindo-me estranha e um pouco desajeitada. Thomas estava encostado na parede oposta e me deu uma rápida olhada. Jurei que senti seu olhar queimando minha pele e quando ele abriu a porta do quarto, entrei rapidamente. —Tranque a porta assim que eu sair. Vou usar o banheiro e na volta vou bater três vezes, para você saber que sou eu.

Eu balancei a cabeça novamente e me sentei na cama, mordendo meu lábio enquanto esperava por Thomas. Um minuto depois ele estava de volta, batendo como havia dito. Eu abri a porta, andando até a cama e me cobrindo com os lençóis enquanto ele trancava e checava a porta mais uma vez.

Ele foi até a janela e abriu a metade. — Nós nunca vamos conseguir dormir sem um pouco de ar, — ele resmungou. Eu estava agradecida. Embora estivesse exausta, o quarto estava sufocante e a brisa da janela aberta circulada pelo ventilador era maravilhosa.

Virei as costas para que Thomas pudesse se arrumar para dormir. Deus, o que um homem como ele usa para dormir? Meus batimentos cardíacos aceleraram e meu estômago deu um salto estranho. *Não pense nisso*. — Você vai desligar a luz?

Me assustei ao som de sua voz profunda vindo de baixo de mim no chão. Eu não o ouvi se mover. — Claro. — Desliguei a luz, vendo-o deitado sob o cobertor fino, seus braços atrás de sua cabeça no travesseiro. Ele ainda estava vestindo sua camisa, mas seus bíceps estavam em plena exibição, o poder esculpido nos seus braços fazendo meu estômago apertar. — Boa noite, — eu murmurei, virando rapidamente.

Houve uma pausa muito curta, em seguida, aquele baixo estrondo de uma voz veio da escuridão: — Boa noite, Olivia.

— Livvy

— O quê?

— Meus pais me chamavam Olivia. Todo mundo me chama de Livvy.

Eu esperei, mas Thomas não respondeu. Depois de um minuto me virei, afofando o travesseiro sob a cabeça. Pensei em como eu estava vulnerável, deitada no escuro com esse estranho poderoso. Eu treinava regularmente, mas não teria chance contra ele - um homem cujo corpo parecia uma arma letal. Mesmo se eu conseguisse gritar, a música do bar provavelmente abafaria qualquer ruído vindo de cima. Além disso, e se eu não tivesse uma chance de me defender? E se ele me atacasse enquanto eu dormia? Mas por que ele faria isso? Ele só receberia a segunda metade do pagamento se me levasse em segurança para Palomino. Ele seria tolo se me atacasse agora, ou se me deixasse em algum lugar sozinha.

Eu pensei por um momento, virando e espiando sua sombra deitada no chão. Ele estava virado, longe de mim, seu corpo subindo e descendo minuciosamente enquanto respirava lento e uniforme. Algo vibrou na minha barriga, o calor floresceu sob a minha pele. Deitada lá no escuro, eu estava tão consciente dele no quarto comigo, a pele na parte de trás do meu pescoço arrepiou, meus mamilos apertaram. A masculinidade dele parecia encher o quarto, fazendo-o parecer ainda mais quente, mais sufocante. O ventilador girava, e as cortinas se abriram na brisa da noite de verão, trazendo consigo a fragrância distante de jasmim ou algo igualmente inebriante e tropical. O ar quente da sala estava pesado, abafado, os distantes acordes de uma balada espanhola entrando pelo chão, uma batida ritmada, pulsante. Esta era uma noite para os amantes, e embora eu estivesse em um quarto de hotel com um homem que exalava virilidade, deitada nessa cama desconhecida, senti minha solidão.

Obriguei-me a afastar a melancolia, virando a cabeça para o travesseiro ligeiramente mofado e imaginando o rosto de Alec, o jeito que ele apareceu na primeira vez que eu o encontrei na seção de comida congelada no mercado. Ele me fez rir, nós conversamos,

flertamos, acabamos em uma cafeteria próxima onde conversamos por horas enquanto nossos mantimentos derretiam em nossos carros. Meu batimento cardíaco acalmou, minhas ideias voltando devagar e então eu adormeci.

A próxima coisa que vi era que a luz amarela pálida da manhã entrando pela janela. Pisquei ao redor do quarto estranho, a lembrança chegando. Quando percebi onde eu estava, virei rapidamente, meus olhos indo para o chão. O cobertor que Thomas havia dormido embaixo estava dobrado, o travesseiro em cima dele e eu estava sozinha no quarto.

CAPÍTULO 05

Thomas

Eu dobrei o mapa e coloquei no meu bolso, tomando outro gole do café escuro e gostoso que Mariana tinha preparado. A primeira luz do amanhecer me acordou e eu me levantei e desci as escadas. Olhei Olivia por um momento enquanto dormia, enrolada em uma bola, as mãos sob a bochecha como uma criança dorme. *Livvy.* A visão dela daquele jeito havia mexido com algo dentro de mim, e eu saí do quarto o mais rápido possível. Eu não era um homem que fugia dos problemas, então admiti para mim mesmo que tinha uma fraqueza estranha pela mulher. Embora eu não poderia dizer exatamente o porquê. E vê-la naquela posição, suave e inocente, enviou um zumbido desconhecido de culpa através do meu sistema. Ela ia se machucar, com certeza. Não havia maneira de evitar.

Suspirei, sentando na minha cadeira. A verdade era que, doce ou não, a mulher era uma maldita idiota. Ela tinha decidido perseguir um homem que a abandonara, era uma razão válida para se colocar em risco. Então aqui estava eu.

Eu protegeria seu corpo - ela era responsável por seu coração.

Santiago voltou da outra sala onde pegou as chaves e as colocou na mesa ao lado do meu prato. — *Você cuida do meu carro, paisano,* — ele disse em espanhol.

Eu sorri, tomando um gole de café. — *Você sabe que eu vou.* — Santiago tinha um amigo em uma cidade perto da área mais afetada pelo terremoto, e eu deixaria isso com ele assim que chegássemos lá. A partir desse ponto, estaríamos a pé porque as estradas foram totalmente bloqueadas, ou era muito perigoso para viajar de carro.

Santiago riu. — *E você cuida da sua amiga, sim?* — Ele ergueu as sobrancelhas para cima e para baixo, sorrindo sugestivamente. Porra, o sol ainda não tinha saído completamente e ele já estava sorrindo. Eu tinha uma sensação de que ele sorria até em seu sono. Mas ele era alguém em quem eu confiava, um dos poucos, então eu só balancei minha cabeça. — *Negócios, Santiago. Minha amiga é uma cliente.*

Ele encolheu os ombros. — *Eh, as coisas mudam às vezes, paisano.* — Ele me olhou. — *Ela é sua por agora. Você tem que assumir a responsabilidade por ela, não?* — Antes que eu pudesse responder, ouvi Livvy descendo a escada por um segundo ou dois antes que os olhos de Santiago se movessem atrás de mim e seu sorriso aumentasse. — *Buenos días.*

Eu olhei por cima do meu ombro para ver uma Livvy com olhos sonolentos entrando hesitante na sala. Ela já estava vestida, o cabelo amarrado no topo da cabeça como estava no dia anterior. — *Buenos Días*, — disse ela a Santiago antes de olhar para mim. — Desculpe, devo ter dormido demais. Nós deveríamos sair de madrugada. Por que você não me acordou?

— Eu imaginei que outra hora não iria doer, e parecia que você precisava do sono. Você quer algo para comer? A esposa de Santiago, Mariana, vai fazer alguns ovos para você.

Ela negou com a cabeça. — Apenas um café seria ótimo.

Mariana entrou apressada, se apresentando e servindo uma xícara de café para Livvy. Quinze

minutos depois, eu trouxe nossas mochilas, carreguei-as no carro de Santiago e dissemos um rápido adeus. — Tome muito cuidado, — disse Santiago, dando-me um aceno solene, seu olhar se movendo para Livvy no banco do passageiro depois de volta para mim.

Ela é sua por agora.

Cinco dias. É quanto tempo essa jornada levaria. Por quanto tempo essa mulher seria minha.

— Eu vou, — eu prometi, entrando no carro e fechando a porta. Estava feliz por ter tido a oportunidade de vê-los. Já fazia muito tempo.

Quando nos afastamos, Livvy perguntou: — Como você os conhece?

Coloquei meus óculos de sol enquanto dirigia pelas ruas familiares. — Santiago é meu conhecido. Eu aluguei um quarto dele e de Mariana por seis meses antes de partir para a Marinha.

— Você estava na Marinha?

— Sim.

— Você ainda está?

— Não. — Eu mudei para quarta marcha quando paramos em um trecho vazio de rodovia, que nos levava para a pequena cidade a mais de trezentos quilômetros de distância. Essa ia ser a parte mais fácil da nossa jornada e eu me recostei, uma mão no volante e a outra descansando à toa no câmbio.

— Então você, o quê? Trabalha para você mesmo?

Eu olhei para ela, parecia relaxada também, seus tornozelos cruzados e as mãos descansando no colo. — Eu trabalho para alguns clientes habituais, mas eu prefiro ser meu próprio patrão.

— Huh, — ela disse, e quando eu olhei para ela novamente, suas sobrancelhas estavam franzidas e estava mordendo aqueles belos lábios como se tentasse descobrir que perguntas fazer. Nós íamos estar no carro juntos pelas próximas três ou quatro

horas, dependendo das condições da estrada, e assim eu posso muito bem salvar a nós dois das vinte perguntas. E pensei, como alguém que me contratou, ela tinha direito ao meu currículo.

— Eu fui SEAL da Marinha por dez anos. Depois disso, fiz um contrato de trabalho, mas não gostei das restrições, então comecei a trabalhar por conta própria.

— Trabalho por contrato? Como trabalho por contrato do governo?

Dei de ombros. — Na maioria das vezes.

— Huh, — ela disse novamente. — Então, você é como um soldado de aluguel agora?

— Essa é uma boa maneira de colocar isso.

— Você conseguiu sua cidadania americana ou como isso funcionou?

— Eu nasci em Los Angeles. — Eu brinquei com a saída do ar, ajustando-o de modo que soprasse mais diretamente na minha cara. — Minha mãe nos levou de volta para a Colômbia, de onde ela era, quando eu era bebê.

— Mas você não tem um sotaque.

— Eu trabalhei para não o ter. Definir características que você não pode encobrir, ou esconder, não são úteis ao fazer trabalho do governo.

— Ah— Ela ficou quieta por um minuto enquanto as passagens passavam. — Trabalho do governo. — Ela fez uma pausa. — Eu posso ver o que você quis dizer quando disse que normalmente não aceita trabalhos como o meu. Então, por que você aceitou? Por que você concordou em ajudar uma mulher a encontrar seu noivo perdido?

— Eu não estou ajudando você a encontrá-lo. Estou levando você até ele.

— Você entendeu o que eu disse.

Parei por um momento, mantendo minha expressão em branco. — Eu já disse. Tenho negócios perto de Palomino. Quando soube da sua situação,

imaginei que poderia muito bem ganhar um dinheiro extra, já que eu ia para lá de qualquer forma.

Ela ainda tinha aquela pequena ruga entre as sobrancelhas quando eu a olhei, mas quando nossos olhos se encontraram suavizou e soltou um suspiro. — Bem, obrigado novamente. Estou feliz que tenha funcionado para nós dois.

— Eu também, — murmurei, embora não tivesse certeza se isso era verdade.

— Então, você mencionou as regras que precisávamos discutir. Quais são essas?

— Finja que você é minha esposa na frente das pessoas, siga minhas instruções em qualquer e todas as situações, e não reclame. É isso aí. Bastante fácil? — Houve uma longa pausa. — Fácil o suficiente, — ela finalmente disse.

— Bom.

Livvy ligou o rádio e, buscou as estações, finalmente se acomodando em um que tocava *vallenato*, uma música folclórica colombiana popular. — Onde você mora? — ela perguntou enquanto se sentava de volta.

— Uma cidade não muito longe daqui.

— Sua família ainda mora lá?

Eu olhei para ela e seus olhos se arregalaram antes de afasta-los. — Desculpe. Não importa.

O zumbido do motor e a música ficaram mais silenciosos, aparentemente ruído de fundo para o alto silêncio que se estendia entre nós. — Minha tia, meu tio e meus primos. Minha mãe está morta. Eu nunca conheci meu pai.

A cabeça de Livvy girou. Eu não olhei para ela, mas pude ver na minha visão periférica que ela estava me estudando. — Oh, me desculpe. Quando sua mãe morreu? Você é próximo da sua tia e tio? — Ela balançou a cabeça. — Não é da minha conta, mas eu apenas pensei que vamos passar tanto tempo juntos, nós podemos nos conhecer um pouco. — Eu olhei para ela e suas bochechas estavam vermelhas, uma expressão

envergonhada. — Estou falando demais, não estou? Não importa.

Eu olhei de volta para a estrada. Não estava acostumado a falar de mim mesmo. Mesmo quando estava na Marinha, eu raramente compartilhava informações pessoais, e aqueles eram caras que teria morrido por eles em um piscar de olhos. Talvez isso era pelo confinamento no carro que dava um ar de intimidade, ou talvez eu sentisse que devia a essa mulher alguma coisa. No espelho retrovisor, os prédios altos da cidade sumiram, completamente. Agora havia apenas campos verdes, árvores e um céu azul sem fim. — Minha mãe morreu quando eu tinha seis anos. Eu fui morar com meus tios e seus filhos, mas não falo com eles desde que parti para a Marinha. E confie em mim quando eu digo, nenhum de nós sente a perda.

Livvy me deu um olhar surpreso como se ela não esperasse que eu respondesse. — Isso é tão triste, — ela sussurrou depois de um momento. Dei de ombros. — Na verdade, não. Às vezes, você puxa o palito menor com a família. Isso é apenas a vida.

Livvy cruzou as pernas, virando um pouco. — Eu acho. Eu só... fui adotada e meus pais adotivos morreram no ano passado. — Ela olhou para longe e eu olhei para o seu perfil, vendo a tristeza em sua expressão, mesmo que não pudesse ver seu rosto inteiro.

— Sinto muito por isso, — eu disse, embora já soubesse disso. Eu já sabia muito sobre a mulher sentada ao meu lado. Ela virou a cabeça, seus lábios se curvaram em um sorriso triste. — Obrigado. A verdade é que não éramos próximos. — Ela olhou para suas mãos enquanto torcia em seu colo. — Eles não podiam ter seus próprios filhos, e as vezes eu pensei que eles me adotaram como uma espécie de... símbolo de status. — Ela balançou a cabeça. — Eles eram muito ricos, e não havia nada que o dinheiro não pudesse comprar. Incluindo uma menina. — Ela ficou quieta por um momento. — Mas depois disso, eles me deixavam com babás, mesmo durante as

férias. — Ela me deu um sorriso, mas não chegou aos olhos. — De qualquer forma, eles não foram indelicados comigo - eles me deram dinheiro, eu poderia comprar - mas sempre prometi a mim mesma que quando me casasse e tivesse filhos, seria diferente. Eu criaria uma família que fosse calorosa e amorosa e... presente para as coisas importantes.

— E então seu noivo levou esse sonho.

Sua cabeça virou rapidamente para mim, seus olhos arregalados. — Sim. — Ela olhou para as mãos novamente. — Sim. Eu... Sei que você provavelmente acha que eu sou uma completa idiota por ir atrás dele. — Ela riu baixinho, embora tivesse pouco humor.

— Até minha melhor amiga pensa assim. Sei como eu pareço, — ela praticamente sussurrou.

— Acho que o amor pode fazer as pessoas assumirem riscos que não são necessariamente sábios.

Ela franziu a testa novamente. — Sim, acho que sim. — Ela inclinou a cabeça. — Alguma vez já se apaixonou?

— Eu?

— Sim, você. Estou assumindo que você tem um coração por baixo de toda essa... massa muscular?

O lado do meu lábio estirou, mas balancei a cabeça. — Minha linha de trabalho não permite relacionamentos a longo prazo. Estou fora do país mais frequentemente do que não e não há garantias de que vou voltar de um emprego. — E, francamente, eu amo a adrenalina demais para desistir. Mais... — O amor te deixa fraco, — eu murmurei. Eu podia sentir o olhar de Livvy perfurando meu perfil novamente, e quando olhei para ela, sua expressão era pensativa, um pouco perturbada. — Mas qual é a alternativa?

— Manter a distância.

— Mas você não se sente... solitário?

— Eu encontro companhia quando eu quero, — eu disse, dando-lhe um olhar significativo.

— Oh. Bem, sim, claro. Tenho certeza que muitas mulheres... — Ela acenou com a mão na minha direção. — Bem, isso é... você é muito.. — Ela acenou com a mão novamente, trazendo à mente um pássaro agitado. — Muito.. — Eu olhei para ela, ergui uma sobrancelha. Ela engoliu em seco, o rosto vermelho. — Em forma, — ela finalmente concordou.

— Obrigado, — eu disse secamente e ela soltou uma risada pequena desajeitada. Eu queria rir do seu embaraço. A vergonha que ela causou a si mesma.

Eventualmente, nós conversamos um pouco sobre as paisagens que estávamos passando e depois de cerca de uma hora, saímos para uma estrada lateral, onde havia uma grande área aberta onde nós pudéssemos esticar as pernas e comer o almoço que Mariana tinha embalado. — Espero que você não precise de um banheiro ainda, mas se precisar, essas árvores terão que bastar, — eu disse, gesticulando para o agrupamento de ciprestes nas proximidades. Não havia um lugar para parar por mais uma hora, e eu estava com fome. Livvy também tinha que estar, já que nenhum de nós tinha tomado o café da manhã.

— Estou bem, — ela disse. Eu peguei o saco de arepas[1] caseira de milho e garrafas de água do banco traseiro e saímos do carro. Livvy me seguiu até a frente do veículo, e nós dois nos sentamos na beirada do capô quando desembalei a comida, entregando a Livvy uma das arepas de milho e uma garrafa de água.

Ela desembrulhou o papel e eu quase esperava que ela fizesse cara feia em confusão ou desgosto com o que eu tinha certeza que era uma comida desconhecida, mas ela simplesmente levou-a à boca, dando uma grande mordida,

[1] A arepa é um prato de massa de pão feito com milho moído ou com farinha de milho pré-cozido nas culinárias populares e tradicionais da Venezuela, Colômbia e Panamá.

mastigando e cantarolando apreciativamente. Nós comemos em silêncio por um minuto antes de Livvy dar uma olhada em um falcão circulando. — Ele vê um corpo morto ou algo assim?

— Você está pensando que é um abutre.

Livvy riu baixinho. — Falcões, abutres, eu que sei? Sou uma garota da cidade.

—Você vai estar bem familiarizada com o país depois disso, garota da cidade.

Ela me lançou um olhar levemente divertido, mas depois sua expressão ficou séria. — Você acha que vamos encontrar qualquer problema quando chegarmos a área do terremoto e as áreas afetadas pelo tsunami?

Dei de ombros, olhando para longe. — Eu vou tentar o meu melhor para evitar isso, mas é bom estar preparada.

Ela assentiu franzindo a testa. — Você vai me mostrar?

— Te mostrar o quê?

— Como me defender. Um... movimento que eu poderia usar se tivermos problemas.

— Você não precisa de movimentos. É por isso que estou aqui.

— Eu sei. Mas você não pode manter seus olhos em mim a cada segundo, e bem... você nunca sabe.

Ela colocou seu almoço pela metade no capô do carro e se virou para mim. Eu a olhei, começando pelos seus pés e movendo meu olhar lentamente para cima de seu corpo. Ela era magra, mas feminina, e embora parecesse em boa forma, de jeito nenhum ela poderia ir contra qualquer homem que valesse a pena. — Eu não quero te machucar.

Ela balançou a cabeça. — Você não vai me machucar. Deixe-me praticar um movimento ou dois em você.

Algo me dizia que isso não era uma boa ideia. Não, como eu disse, porque estava preocupado que a machucasse. Mas porque ficar fisicamente perto de Livvy parecia perigoso, imprudente. Muito atraente.

— Por favor?

Eu fechei meus olhos brevemente. — Ok, um movimento e só.

Ela apontou para a área gramada à nossa frente. — Lá?

Eu respirei fundo. — Certo.

Suspirei enquanto colocava minha comida no chão, tomei um gole de água e caminhei até a área gramada. Eu a enfrentei olhando em sua expressão focada. — Agarre meus braços.

Seu olhar foi para meus braços. Ela estendeu a mão timidamente, envolvendo os dedos em volta do meu bíceps. Uma pequena ruga apareceu entre os olhos e ela apertou levemente. Eu soltei uma risada e seus olhos dispararam para os meus, abrindo-se. Ela engoliu em seco.

— Desculpa.

Senti um puxão na minha virilha, meu estômago apertando. Ela estava olhando para mim, seus lábios entreabertos, seus olhos cheios de concentração como se esta lição fosse da maior importância. Alguns fios de cabelo se soltaram e estavam emoldurando seu rosto em forma de coração, e ela era tão bonita.

Ah foda-se.

Isso não era bom. — Solte o meu braço esquerdo, incline-se e segure-me atrás da perna.

Ela fez o que eu disse, trazendo a cabeça para o meu peito e descendo. —Assim? — ela perguntou suavemente, e eu senti a rajada quente de sua respiração através da minha camiseta.

Jesus.

Ela estava bem em cima de mim, o seu cheiro doce diretamente debaixo do meu nariz, sua boca no meu estômago. Meu corpo endureceu em todos os lugares. Ela bateu com a testa contra meus abdominais uma vez, duas vezes como se estivesse testando a solidez, e isso me excitou. Ela estava curiosa sobre o meu corpo. Explorando, aprendendo.

Ela inclinou a cabeça, olhando para mim, suas bochechas coradas. Minha boca ficou molhada.

Merda.

Antes que ela pudesse, pisquei, agarrei-a sob os braços, jogando-a de costas para que ela caísse no chão, um suave assobio escapando de sua boca quando a respiração deixava seus pulmões. Em meio batimento cardíaco, eu estava bem em cima dela, nossos rostos a centímetros de distância. Esperei até que ela respirasse e forcei meus lábios em um sorriso selvagem enquanto seus olhos se abriam. — Deixe os movimentos para mim, querida.

Sua expressão ainda estava paralisada, mas vi a indignação entrar em seus olhos arregalados e quase ri.

Quase.

— Isso foi sorrateiro, — ela sussurrou, sua respiração ainda escassa, sua voz soava entrecortada e suave como depois de ser beijada.

Eu balancei a cabeça lentamente, nossos olhares persistentes. — Esse foi o elemento surpresa. Mas sua melhor aposta, é atacar o adversário nas bolas.

Ela levantou o joelho rapidamente, mas não rápido o suficiente. Eu peguei na palma da minha mão, parando antes de atingir qualquer órgão vital, não sendo capaz de ajudar o riso que saiu. Eu pisquei. — Boa tentativa.

Seu olhar estava preso na minha boca sorridente, seus olhos piscando e escurecendo. Eu sabia o que estava em sua expressão. Ela também estava atraída por mim. Talvez ela não tivesse percebido até agora, mas eu vi, senti no minuto em que nos tocamos. Eu tinha visto aquele clarão de consciência sexual em seus

olhos, e agora estava fervendo o ar entre nós, grosso, pesado. Minha expressão ficou seria quando nos encaramos. Suas bochechas estavam coradas, e com um olhar para baixo, me disse que seus mamilos estavam endurecidos debaixo da camiseta.

Droga. Quão sensível ela era?

Como um homem...

Porra, eu gostei. Como um homem. Eu teria aproveitado aquele olhar, ali mesmo. Mas como o soldado de aluguel que tinha um trabalho para fazer, eu sabia que significava problema para mim. Se ela não parasse de me olhar desse jeito - meio que fascinada e confusa - eu a beijaria, e se a beijasse, ia quere-la debaixo de mim e isso... não poderia acontecer. Eu rolei para o lado, ficando de pé e estendendo a mão para puxá-la. — Vamos, devemos voltar para a estrada.

Ela expeliu uma respiração que me fez pensar que ela estava segurando por minuto. — Obrigado. O... ah pela lição, quero dizer. — Ela deu uma risada de som desconfortável e então se virou, colocando distância entre nós.

Graças a Deus.

CAPÍTULO 06

Livvy

Era depois do meio-dia quando finalmente chegamos à casa do amigo de Santiago. Nós não conversamos muito, e embora eu tenha puxado conversa um pouco mais cedo, Thomas obviamente preferiu não bater papo, tranquilo e calmo manobrou o veículo para fora da rodovia para as estradas pavimentadas, e finalmente para as estradas de terra cheias de buracos, diminuindo a velocidade por causa de um javali selvagem e depois por um grupo de cabras que andavam pela estrada. Finalmente, relaxei e cochilei um pouco, embora tivesse dormido bem na noite anterior. Eu ainda me sentia inquieta e agitada por minha reação anterior a Thomas. Estar perto dele assim, sentindo seu corpo sólido sob as palmas das mãos foi completamente intrigante. Não havia uma grama de gordura no homem. Ele era esculpido e duro como pedra. Eu queria explorá-lo em todos os lugares. Engoli em seco.

Não é bom, Livvy. Não é bom.

Por um momento, havia algo entre nós, profundo e significativo, algo que eu não sabia como definir, porque nunca tinha experimentado isso antes. Isso me incomodou porque estive com outros homens, estava comprometida a me casar pelo amor de Deus, e

ainda assim... essa excitação frenética, era uma coisa, completamente nova para mim. Foi assustador, confuso e completamente inesperado.

Oh Deus, eu não poderia me distrair com alguma paixão infantil completamente inapropriada com o meu guia contratado. Por um lado, estava no meu caminho para encontrar e enfrentar Alec, e por outro, por causa do potencial perigo, precisava de todo o meu juízo em alerta. Sim, ele tinha um corpo insanamente bom, e era normal que eu me sentisse atraída. Que mulher não faria? Mas faria o meu melhor para ignorar a minha atração repentina por esse homem e focar na realidade dessa situação - ele estava fazendo um trabalho e em uma semana eu nunca mais o veria.

Com isso resolvido, consegui fechar os olhos e descansar um pouco. E agora nós estávamos chegando na frente de uma pequena casa de madeira onde galinhas vagavam pelo jardim da frente.

Thomas saiu do carro e eu o segui, juntando-se a ele na frente do veículo e girando meu pescoço para amenizar as torções de estar sentada por horas. — Você conhece o amigo de Santiago?

Ele assentiu quando começamos a caminhar em direção à casa. — Uma vez. Santiago ligou para dizer a ele que nos esperasse. Nós não vamos ficar. — Ele olhou para mim. — Nós caminharemos a partir daqui, e eu gostaria de pegar a estrada para podemos encontrar um lugar seguro para acampar antes de escurecer.

Thomas bateu na porta e esperamos, ouvindo passos, mas quando ninguém veio, Thomas saiu da varanda e usou a mão como uma viseira para olhar para trás da casa. — Poderia estar no campo, — ele murmurou.

Depois de um segundo, ele se virou. — Eu vou deixar as chaves para ele, não sei quanto tempo vai passar antes que ele volte, e não há necessidade de esperarmos.

— Onde você vai colocar as chaves?

— Porta luvas. Ele irá verificar lá.

Thomas voltou para o carro por um minuto e depois me encontrou no porta-malas. Ele abriu e nós dois pegamos nossas mochilas. Ele revirou a sua por um segundo, jogando uma garrafa em mim. Eu peguei, olhando para o rótulo. Protetor solar. — Coloque-o, — disse ele. — Você precisará disso.

Eu apliquei no meu rosto e braços e joguei de volta para ele. Ele retornou para sua mochila e vestiu o mesmo boné preto que usou na primeira vez que o encontrei. Vê-lo agora, sob o sol, não diminuía o perigo que eu senti pela primeira vez naquele bar escuro, mas agora o perigo assumiu outra camada de significado. Ele olhou para mim e me pegou observando-o; seus olhos se estreitaram um pouco, sua mandíbula com um tique, como se tivesse lido meus pensamentos e eles o irritaram. Minhas bochechas coraram quando olhei para o outro lado.

Quinze minutos depois, estávamos de volta à estrada de terra - a pé desta vez -, a casa estava a uma longa distância. — A estrada principal através desta área é completamente bloqueada, e eles começaram a limpá-la. Essa é a razão, porque o socorro tem chegado tão lentamente até pequenas cidades e vilarejos além deste, para o epicentro do terremoto e as áreas afetadas pelo tsunami. Você provavelmente sabe disso tudo.

— Li tudo o que está disponível, sim, mas as notícias sobre o que está acontecendo nas áreas rurais são tão deficientes. Tenho certeza que, como qualquer outra pessoa, as equipes de notícias não podem entrar.

Quanto mais andávamos, mais densas se tornavam as árvores e os arbustos, e embora fosse mais difícil de se mover através dessas áreas, eu estava grata pela sombra, pelo alívio do sol quente brilhando implacavelmente sobre nós. Thomas andava devagar e aparentemente sem esforço, e eu tive que me mover rapidamente para manter o ritmo, mas não reclamei. Eu o contratei para fazer isso, e cairia morta antes de pedir que ele diminuísse a velocidade. Ele mapeou essa rota, e eu iria dar a ele a velocidade que precisávamos para viajar. Ainda... ele deve saber que eu não tinha de longe a resistência que ele tinha. Estava suando como

um porco, meus músculos estavam queimando e tinha várias bolhas nos meus pés. Na minha miséria, irracionalmente me perguntei se o homem estava me punindo por alguma coisa. Eu sabia que era a dor e fadiga falando, então deixei essa noção de lado e corri para alcançá-lo.

Havia trilhas e estradas de terra em algumas áreas, e em outras tivemos que passar por árvores densas, criando nosso próprio caminho. Eu seguia atrás de Thomas, mantendo o ritmo. Estava respirando com dificuldade, suor escorrendo pelos meus seios e escorrendo pelas minhas costas, enquanto ele não havia suado nada. Apenas quando pensei que ia morrer, ele parou tão de repente que quase bati em suas costas. Tentei agir indiferente, mas cada vez que ele me disse que era hora de uma pausa para tomar água, estava tão agradecida, senti as lágrimas arderem atrás dos meus olhos. Ele me entregaria o cantil que carregava e eu beberia a água lentamente, tentando alargar nosso tempo de descanso, enquanto eu pudesse. E então nós continuaríamos, o céu finalmente escurecendo enquanto o sol abaixava.

Quando Thomas parou de repente de novo, não consegui parar, deixando escapar um suspiro de surpresa quando minha frente colidiu com suas costas sólidas. — Oomph, — eu disse desorientada. Estava andando em algum transe estranho, com meus próprios pensamentos, apenas a meio caminho consciente de qualquer coisa ao meu redor.

Thomas se virou, me firmando. — Nós vamos acampar aqui.

Eu quase gemi de alívio, mas me segurei, simplesmente assentindo. Me abaixei cautelosamente em uma pedra a poucos passos dali, tentando não fazer caretas, olhando para a área que ele havia escolhido. Era em um bosque de árvores, mas havia uma área aberta quase toda limpa e algumas pedras espalhadas aqui e ali. Foi bonito e sereno, com feixes de luz silenciosa filtrando através das folhas acima. Como meu batimento cardíaco diminuiu, e o sangue já não corria

em meus ouvidos, o suave movimento dos galhos balançando e a tagarelice de pássaros penetrou minha mente exausta.

Através de uma abertura nas árvores, pude ver que o sol tinha completamente mergulhado abaixo do horizonte. Eu peguei meu celular e vi que não tinha rede. Enviei a Christina um texto rápido enquanto saímos de Rionegro.

Naquela manhã ela mandou uma mensagem de volta para ter cuidado e que ela me amava. Aparentemente, isso seria a última comunicação que eu enviaria até... bem, até que eu pudesse.

Thomas tirou a mochila e sentou-se em uma pedra à minha frente. Ele destampou o cantil e trouxe-o à boca, inclinando a cabeça para trás e me observando enquanto bebia. Sua garganta se movia ritmicamente enquanto engolia, e a visão parecia íntima por algum motivo. Desconfortável, olhei para o outro lado. — Você não quer tirar sua mochila?

Eu encontrei seus olhos, assentindo, enquanto ele enroscava a tampa do cantil. — Eu vou. Só preciso de um minuto.

Ele me olhou por alguns segundos, seus olhos se movendo dos meus pés para o meu rosto, parecendo avaliar a minha condição. Sua expressão permaneceu enigmática. — Você fez bem hoje.

— Obrigada. — Eu me levantei, movendo-me lentamente, meus músculos gritando por ter que fazer o menor esforço depois que eles estavam apenas começando uma pausa. Dei um passo e não pude evitar o estremecimento que acompanhou ao esfregar uma das minhas bolhas. Eu não conseguia nem identificar onde estavam as bolhas. Parecia que em ambos os pés tinham sido esfolados vivos. — Preciso ir ao banheiro. Eu voltarei.

Thomas se levantou, dando alguns passos, sua expressão subitamente tensa e irritada. — Sente-se. Deixe-me ver seus pés.

Balancei a cabeça. — Eu só tenho algumas bolhas. Elas estarão melhores pela manhã. Eu me sinto bem.

— Até parece. Sente-se, — ele ordenou novamente, e embora eu não apreciasse o tom em sua voz, eu segui o seu pedido de qualquer maneira, afundando de volta na rocha.

Thomas se agachou na minha frente, tirando os dois tênis e minhas meias enquanto eu estremecia novamente. Ele virou meus pés para um lado e depois para o outro, xingando baixinho. — Por que você não me contou sobre isso? Horas atrás?

— Você me disse para não reclamar. — Ele olhou para mim, sua expressão severa, mas aqueles olhos cinzentos congelados pareciam aquecer minuciosamente. Como um raio de sol batendo uma laje de pedra fria.

— Eu quis dizer não reclamar sobre pequenas merdas. Você deve ter estado com dor por quilômetros.

— Eu cuido disso, — eu murmurei.

— Eu vejo isso. — Ele se levantou, pegou sua mochila e tirou um kit de primeiros socorros do bolso da frente. — Eu vou tratar suas bolhas e enfaixa-las e dar-lhe um pouco de Tylenol. Nós podemos desacelerar amanhã.

— Isso não é...

— Eu faço as regras, lembra? — Seu olhar era afiado quando ele olhou para mim.

Eu cruzei meus braços. — Sim, sim, — eu murmurei, tentando não revirar os olhos. Virei minha cabeça, mas quando dei uma rápida olhada, eu vi que um lado de seus lábios se erguia num sorriso. Tão rapidamente como estava lá, foi embora e depois ele começou a trabalhar nos meus pés devastados.

Horas depois de um jantar com espaguete que estava em um pequeno pacote marrom, e uma garrafa de água, eu estiquei meu corpo cansado no saco de dormir leve que comprei. Ele dobrou um saco tão pequeno que se encaixava a palma da minha mão. Thomas tinha trazido algo semelhante e se esticou a uma curta

distância de mim, suas mãos atrás da cabeça do jeito que estavam na noite anterior.

A lua crescente era amarela e brilhante, e eu pude ver um pedaço de pele enquanto sua camiseta levantava com o seu movimento. Senti um zumbido no meu sangue e olhei para o outro lado, me forçando a lembrar de Alec, rosto bonito, lembrando a maneira como o cabelo loiro-arenoso cairia sobre a testa e eu tiraria do seu rosto.

Como era?

Eu mal conseguia lembrar mais. Isso fez meu coração apertar com tristeza.

Perda.

Me virei de lado para Thomas, meus olhos ficando pesados, apesar de eu ter deitado apenas alguns momentos antes. Por alguma razão senti que precisava justificar essa viagem naquele momento - talvez nem mesmo para Thomas, talvez apenas para mim mesma.

Thomas não fazia ideia de que eu estava me sentindo culpada por perceber sua atração física quando estava arriscando muito por outro homem. Mas eu fiz, e isso me fez sentir triste e meio que desesperada. Me fez sentir como se eu devesse estar questionando as coisas, e era tarde demais para isso. Eu vivi e respirei todas as perguntas possíveis desde que Alec havia desaparecido. Não, eu fiz a minha escolha, eu estava aqui, em um acampamento improvisado, viajando por um país estrangeiro, e tinha que continuar com esse plano. Houve realmente nenhuma alternativa porque Thomas estava indo para Palomino com ou sem mim, e sabia que ele não voltaria porque sua cliente estava começando a ficar receosa. *Novamente.*

— Eu lhe disse que fui adotada, — eu disse e, embora Thomas não se movesse, sabia que estava ouvindo. Ele permaneceu imóvel, os braços dobrados atrás da cabeça enquanto olhava para a lua brilhante. — Meus registros foram selados, mas eu tenho essa memória. — Enrolei meu braço sob a minha bochecha e

imaginei aquele quarto gasto, imaginei a menininha que estava sentada no canto chorando, ranho manchado em suas bochechas. Ela cheirava a urina, e eu sabia que ela molhara as calças. — Eu tinha uma irmã...ela era mais jovem, eu acho, ou pelo menos essa é a impressão que tenho, embora não saiba quanto. Eu... Tomei a mesquinhez... é disso que me lembro de pensar nisso como... quando havia um homem por perto, um dos namorados da nossa mãe, eu acho. Lembro da minha irmãzinha chorando e lembro-me de tentar descobrir o que fazer, porque tinha sido um par de dias desde que nossa mãe tinha voltado para casa. Eu lembro de estar com fome. Me lembro desse sentimento.

Fiquei em silêncio por um momento, quando me lembrei de uma dor vaga e profunda no fundo do meu interior. — Muito disso é tão... nebuloso, tão cheio de buracos, e não sei se são memórias ou sonhos que eu produzi em minha própria mente. Não posso dizer com certeza. Eu era tão, tão jovem. Mas me lembro do sentimento de... ser uma equipe, de querer não apenas cuidar de mim mesma, mas sabendo que eu tinha que cuidar dela também, porque estávamos em *família*. Eu me lembro desse sentimento de ter um *propósito*.

Amor.

Eu parei por um breve momento. — Alec é um órfão como eu, — eu disse suavemente. — Ele perdeu seus pais quando era jovem e eu sou... era... sou tudo o que ele tem. — Eu fechei meus olhos enquanto reunia meus pensamentos. — Ainda assim, sei que há uma boa chance de que Alec me deixou. Olhando para trás agora, vejo coisas que talvez deveria ter visto com mais atenção... Bem, de qualquer maneira, — eu disse, sabendo que era uma outra conversa, ainda não estava bem completamente com esse assunto e não estava preparada para falar com outra pessoa, — Sei que as chances são boas que, se eu encontrar Alec em Palomino, ele não fique especialmente em êxtase ao me ver. Estou preparada para isso.

Eu penso assim. Abri os olhos e vi que, embora Thomas estivesse na mesma posição, ele virou a cabeça para olhar para mim. Mesmo a vários

metros de distância, podia sentir a intensidade daqueles olhos incomuns me perfurando, vendo através de mim.

— Eu fui abandonada uma vez, — eu sussurrei. — Perdi minha irmã e minha mãe, e talvez minha mãe não fosse uma boa pessoa, talvez tivesse feito muitas escolhas ruins, mas ainda sinto essa perda...mesmo agora...e me pergunto se ela teve uma chance, alguma ajuda, se talvez ela pudesse ter mudado as coisas.

Eu parei novamente. — Talvez Alec tenha feito algumas escolhas ruins também, talvez ele tenha errado e tenha se assustado e fugido. Mas talvez ele precisa ter certeza de que todos merecem uma segunda chance e que eu vou ficar por ele e vamos enfrentar esses problemas juntos porque é isso que a família faz. Não vou abandoná-lo porque sei o que é isso e me recuso a fazer isso com outra pessoa. E se resulta que eu sou uma idiota, então pelo menos serei uma idiota que foi até o fim. Pelo menos vou saber que *lutei*.

Minhas palavras finais se afastaram quando meus olhos se fecharam e meu corpo cansado e minha mente perturbada começaram a ceder ao chamado do descanso. Pouco antes de adormecer, ouvi Thomas dizer baixinho: — Ele é o idiota Livvy.

CAPÍTULO 07

Thomas

Saí do exército já faz seis anos, e geralmente ainda dormia como um soldado - fácil adormecer e fácil de acordar, mas não tinha adormecido facilmente na noite anterior. Suas palavras repetiram em minha mente. - Eu vou ficar com ele e enfrentaremos esses problemas juntos porque é isso que a família faz.

Jesus.

A mulher era uma idiota. Mas maldito fosse meu coração se não tivesse amolecido, porque ela era uma idiota doce e leal talvez isso significasse que ela não era uma idiota.

Merda.

Eu não podia me dar ao luxo de sentir simpatia - e um respeito relutante - por Livvy Barton. Esse era o tipo de coisa que me faria questionar minhas escolhas, e era tarde demais para isso. Além disso, não era realmente sobre Livvy. Nada disso era sobre a suave, doce, imprudente Livvy, e eu tinha que me lembrar disso.

Eu a acordei, observando seu rosto quando aqueles grandes olhos azuis piscaram para mim, observando como o reconhecimento vinha em sua expressão.

Ela pareceu surpresa por um momento e depois se sentou rapidamente, alisando o cabelo para trás. Ela não falou, não perguntou que horas eram, apenas se levantou e começou a enrolar o saco de dormir.

Pequena soldado.

Eu sorri para mim mesmo quando me virei para encontrar um lugar privado para urinar.

A verdade era que ela me impressionou no dia anterior. Estava pensando em coisas, meio que irritado e chateado que o olhar que ela me deu quando lhe ensinei o movimento de derrubar tinha complicado as coisas na minha mente, e não tinha considerado ela o suficiente. Ou talvez eu quase *procurei* fazer com que ela se sentisse desconfortável. Talvez eu tenha mantido o ritmo acelerado porque parte de mim queria puni-la. Porra. Eu era realmente tão idiota?

Mas Livvy não havia dado um pio, embora estivesse pingando de suor, o rosto vermelho brilhante e seus pés praticamente em carne viva. Não havia muitos homens que continuassem sem pelo menos uma reclamação, ou algumas poucas palavras escolhidas em minha direção.

Quando saí da floresta, Livvy estava fechando a mochila. Seu cabelo estava puxado para trás e já tinha guardado o saco de dormir. Ela me deu um pequeno sorriso. — Posso usar alguma água para escovar meus dentes? — Eu assenti. — Sim, mas só um pouquinho. Essas duas garrafas são tudo o que sobrou até chegarmos à cidade algumas horas à nossa frente.

Uma vez que ambos estávamos limpos, mochilas prontas, comemos uma barra energética e bebemos um pouco de água, começamos a andar novamente. Desta vez, eu adotei um ritmo mais lento, embora Livvy tenha me garantido várias vezes que seus pés estavam bem.

Bem, não era possível. Eu tinha muito conhecimento em primeira mão sobre lesões - tinha experimentado de tudo, desde bolhas a ossos quebrados - e sabia quão rapidamente as coisas curavam. Ainda assim,

espero que com o que eu tinha aplicado e as bandagens grossas, eles fossem apenas levemente desconfortáveis.

A manhã transbordava pela selva, filetes de luz encontrando folhas pesadas de orvalho. Sombras mudavam e brilhavam e o silêncio da noite se transformava no coro do dia: farfalhar de folhas, pássaros tagarelando, coaxar de sapos e uma centena de outros sons que significavam que a floresta havia acordado.

O ar estava tão limpo e doce, juro que poderia beber se eu inclinasse minha cabeça para trás e abrisse a minha boca. O cheiro argiloso do solo e o cheiro doce de plantas tropicais e flores encontraram meu nariz enquanto nós caminhamos.

— A Colômbia tem o melhor café do mundo e não há uma gota para beber, — ouvi Livvy murmurar tristemente. — É realmente doloroso. — Eu ri. — Não pense sobre isso e não vai doer tanto.

— Você não toma café? — Dei de ombros. — Se estou por aqui. Mas nunca sei onde vou acordar ou o se vai ser acessível. Não seria sábio em meu trabalho se tornar dependente de qualquer coisa.

Ela ficou quieta por um momento enquanto parecia refletir sobre isso. — Nem mesmo as pessoas?

— Especialmente não as pessoas.

Ela me lançou um olhar cheio de... o quê? Simpatia? Antes que eu pudesse discernir exatamente o que estava na cara dela, ela se virou, olhando na direção oposta para onde campos de algodão subiam à distância.

Eu parei e puxei o cantil em que eu coloquei o resto da água e tomei um gole, entregando-o para Livvy. Ela pegou, bebendo profundamente e olhando para a vista diante de nós. — Dois meses atrás, estava bebendo champanhe enquanto observava minhas damas de honra mudarem seus vestidos, e agora estou bebendo de um cantil no meio de uma selva com... você.

Meus olhos encontraram os dela. Sua expressão era meio melancólica, meio triste. — Onde você esperava estar? Agora? — Eu perguntei,

lamentando as palavras que tinham caído dos meus lábios. Eu não precisava ouvir mais pensamentos pessoais de Livvy, nenhuma de suas esperanças ou sonhos. Ela respirou fundo. — Eu deveria estar no Havaí com Alec agora, tomando uma bebida tropical em uma praia ensolarada.

Sua lua de mel. Ele realmente era um idiota. — A vida as vezes nos surpreende, hein?

Seu olhar permaneceu no meu. — Eu diria, — ela murmurou e inclinou a cabeça. — Como você se acostuma a isto?

— Acostuma com o quê?

— A mudança constante. Não acordar no mesmo lugar todos os dias. Nunca sabendo o que vai acontecer em seguida.

— Eu gosto assim.

Ela me estudou outro momento. — Somos tão diferentes, não somos?

— Sim. Nós somos Livvy. — Eu parei por um momento. — De qualquer forma, — comecei a andar e ela também — Não posso oferecer-lhe uma praia ou uma bebida tropical, mas tenho a parte ensolarada. — Eu olhei para o sol colombiano brilhante.

Atrás de mim, ouvi o som suave de sua risada e gostei mais do que deveria. — Melhor do que nada. — Era isso? Supus que ela necessitava que fosse esse algo.

Ao dobrarmos uma curva, de repente ouvi o leve eco de... algo à nossa frente, movendo-se mais perto. Virei-me para Livvy, que tinha parado quando eu parei, e coloquei um dedo nos meus lábios. *Quieta.* De testa franzida, o sorriso que ela estava usando desapareceu de seu rosto. Ela obviamente não tinha ouvido qualquer coisa, mas eu sim, e confiava na minha capacidade de captar sons que não se encaixavam no ambiente. Tomando a mão de Livvy, eu a levei para trás de um agrupamento de árvores no caminho e a puxei contra mim.

Eu podia sentir a batida do seu coração contra a meu - acelerado como a respiração dela - embora

seus lábios se separassem, ela estava expelindo o ar em seus pulmões silenciosamente. *Boa menina*. E eu podia sentir o cheiro dela, aquela luz, fragrância fresca que ela usava quando a conheci naquele bar, mas agora havia o cheiro quente de suor feminino subjacente a isso. E isso me excitou, enviando um raio de excitação através do meu sangue, endurecendo meu pau que estava pressionando desconfortavelmente contra o zíper da minha calça. *Porra.* Um gemido se moveu dentro do meu peito.

Eu deveria ter virado minha cabeça, para não respirar o seu cheiro tão intensamente. Deveria ter feito. Mas não fiz. Eu me inclinei mais perto porque não podia me controlar, inalando mais dela enquanto ficávamos congelados juntos, esperando.

Vinte segundos depois, as vozes se tornaram discerníveis. *Vozes masculinas*, risos e o barulho alto de passos. Livvy congelou contra mim. Instintivamente, meu braço esquerdo veio ao redor dela, segurando-a mais solidamente contra o meu peito, seu hálito quente contra a minha camiseta, seu coração batendo um ritmo bem alterado enquanto esperávamos em silêncio até que os homens passassem. Com a mão direita, segurei a arma nas minhas costas, pronta para disparar imediatamente se fosse preciso. Estava confiante de que não seria necessário - os homens não estavam fazendo nenhum esforço para ser silenciosos, um bando de delinquentes desorganizados na pior das hipóteses, e eu tinha todos os motivos para acreditar que eles passariam por nós e não seríamos vistos. A menos que um deles decidisse urinar atrás da árvore exata que estávamos escondidos, o que não era muito provável.

Eu escutei o que eles estavam dizendo enquanto o riso deles ficava mais alto, suas vozes mais claras, conversando estridente em espanhol. Meus músculos se apertaram quando percebi o que eles estavam falando. *Doentes filhos da puta.* Por um momento, suas vozes pareciam bem ao nosso lado e senti cheiro de fumaça de cigarro e o fedor de corpos não lavados antes que eles se afastassem, seu ruído desaparecendo enquanto continuávamos

em pé. Escondidos pelo mato, nossos corpos colados.

Livvy começou a tremer, e eu a puxei ainda mais perto, a intensa necessidade de proteger ela quase me dominando. As vozes dos homens se desvaneceram, e depois de um minuto a risada deles foi apenas uma lembrança, mas Livvy não me soltou. Eu não a soltei também, movendo meu foco de volta para a sensação de seu calor contra mim, o aperto do seu corpo macio e delicado, seu cheiro. Ela agarrou minha camiseta e virou o rosto contra o meu peito, continuando a tremer. Eu não falei, realmente não sabia o que fazer para acalmá-la, a necessidade de algo desconhecido me preencheu e então passei a mão pelo seu cabelo, pelas costas, para cima, depois para baixo novamente. E me perguntei se a reação dela foi por causa dos homens que tinham passado, ou se isso era maior. Alguém a abraçou desde que o seu noivo desapareceu? Quem a confortou quando percebeu que o homem com quem ia se casar provavelmente a tinha traído? Ela era forte, eu percebia isso agora, mas uma pessoa não podia ser forte o tempo todo.

Os pássaros pulavam nas árvores, uma brisa agitava as folhas e os tremores de Livvy acabaram parando, sua frequência cardíaca se acalmou quando ela cedia mais contra mim. Finalmente, seu aperto na minha camiseta afrouxou, e me olhou, seu olhar fixo no meu. — Você estava... me acariciando? — Ela sussurrou.

Eu congelei e tudo o que apareceu no meu rosto fez seus olhos se arregalarem. — Não, — ela disse, colocando a mão no meu peito. — Eu... eu gostei. Foi agradável. Obrigada. Sinto muito, eu... — Ela balançou a cabeça, estremecendo levemente.

— Não sinta.

Livvy se afastou, recuando, os olhos grandes no rosto enquanto olhava para mim. Deus, ela era bonita. Ela realmente era. Ela era linda e macia e aqueles seios altos e redondos subiam e desciam com cada respiração lenta. — Quem eram eles? — Ela finalmente perguntou.

— Homens que não são bons. Eu não vou repetir do que eles estavam rindo. — Eu

pressionei meus lábios juntos enquanto meu olhar se movia na direção de onde eles vieram.

Ela abriu a boca como se quisesse argumentar, mas depois a fechou, aparentemente mudando de ideia. *Boa.* Não fazia sentido ela saber como aquele bando de animais tinham enganado alguma garota e achado isso ruidosamente engraçado. Não havia sentido ela saber que a garota desconhecida havia implorado por misericórdia, e eles não mostraram nenhuma. Eu esperava por Deus eles estivessem falando besteira e nada mais.

— Vamos, — eu disse, minha voz cortada de raiva. Ela fez uma careta confusa, mas não discutiu. Ela simplesmente saiu atrás de mim quando comecei a andar. Eu estava ciente de andar a um ritmo razoável - um ritmo razoável para um civil em forma moderada com bolhas nos pés - parando para intervalos de água com mais frequência do que no dia anterior.

A cidade que estávamos indo em direção entrou a vista ao meio-dia. Das informações que eu tinha sido capaz de reunir, esta aldeia em particular tinha sido atingida pelo terremoto, mas tinha uma boa fonte de água e fazendas locais com água e comida estavam disponíveis.

Quando nós andamos na parte pavimentada da estrada, estava rachada e quebrada em várias áreas. Mesmo quando as principais estradas foram reparadas, os danos sofridos pelas estradas secundárias que iam para as cidades e aldeias iam dificultar o acesso, exceto a pé. Essas pessoas passaram por meses de dificuldades – sem medicina, sem combustível, comida e água limitadas nas áreas, e edifícios que foram totalmente achatados, ou sofreram tanto dano, não puderam ser considerados seguros. Na maioria dos casos, seriam anos antes de as coisas voltarem ao normal. Desafiando circunstâncias suficientes em uma área rica. A maioria destas pessoas eram muito pobres. Ainda assim, as pessoas eram resistentes. Eles começariam a reconstruir, começariam de novo porque que outra escolha eles tinham? *Levante-se ou deite-se e morra*. A vida era um lembrete constante de que apenas os fortes sobreviveram.

Passamos pelas fazendas de banana que levavam à cidade, as árvores balançando ao vento fraco. Hoje fazia um pouco mais frio, mas eu ainda insisto em que Livvy colocasse protetor solar quando paramos de manhã para uma pausa. A pele dela era tão linda que teria queimado em algumas horas sob o implacável sol colombiano.

Minha própria herança colombiana assegurava que eu raramente me queimava, o que era uma ótima conveniência quando se trabalha no campo. Eu poderia agradecer a minha mãe por isso, pelo menos.

Você estava me acariciando? ela perguntou. Jesus. Eu estava. Foi, porque era tudo que eu lembrava de afeto. De conforto. Não admira que fiz questão de ficar longe das pessoas. Além de foder, eu não tinha necessidade real de ter qualquer contato com qualquer pessoa. Havia um velho andando na beira da estrada quando entramos na cidade, e eu o parei para perguntar se havia algum lugar em que pudéssemos comprar alguma comida. Ele se virou, apontando para trás. — Rosaria está aberta, mas o cardápio é limitado. Você está com os homens que estão tratando a filha deles?

Eu não tinha ideia do que ele estava falando, mas disse não, agradeci e conduzi Livvy na direção que ele apontou. — Esta deve ter sido uma linda cidade antes... — Livvy disse, suas palavras se apagando enquanto olhou em volta para os edifícios humildes, mas brilhantemente pintados, muitos com varandas acima deles e lojas abaixo. — Antes do desastre acontecer, — ela terminou depois de um momento. Eu olhei para ela e depois para longe. Parece ter sido uma cidade pitoresca. Mas o dano aqui foi severo com muitos dos edifícios ou desmoronou completamente, tombando, ou apresentando grandes rachaduras na frente. Grupos de homens ainda estavam limpando os destroços meses após o terremoto. Mas como nós passamos por eles, eles nos olharam desconfiados, murmurando um ao outro com palavras baixas demais para serem ouvidas.

Vi a placa de rosaria no fim da rua e nós caminhamos em direção a ela. Era um edifício de dois andares, verde que parecia ter escapado de qualquer dano maior, pelo menos que eu pudesse ver. Livvy estava procurando ao redor, sua expressão sombria enquanto observava um garotinho de olhos tristes sem sapatos morder um tomate. Ela se aproximou do meu lado enquanto caminhávamos, olhando em volta nervosa, obviamente sentindo a atmosfera estranha nesta cidade.
O interior da Rosaria parecia limpo, as mesas arrumadas, embora eu não tivesse certeza de que estava aberto para atendimento. Algumas mesas estavam ocupadas, mas as pessoas sentadas nelas não tinham comida ou pratos vazios frente a eles. Parecia que eles estavam usando o espaço mais para um lugar para descansar do que como um restaurante.

Quando entramos, cabeças viraram rapidamente, fomos estudados por apenas um momento antes de voltarem para suas conversas. Uma porta perto da parte de trás se abriu e uma mulher entrou, com o rosto franzido, mãos, torcendo um pano de prato. Quando ela nos viu, pareceu momentaneamente surpresa antes de oferecer um sorriso de lábios finos. — Hola. Você está aqui com o outro médico? — Livvy se aproximou mais. Eu deixei minha mochila deslizar pelo meu braço, pegando-a com a minha mão. — Não, minha esposa e eu estamos aqui para comer.

Ela se aproximou de nós. — Ah. Temos pouca variedade de comida. As estradas ainda não são boas e...

— Tudo o que você tiver está bom para nós. — A mulher assentiu. — Eu tenho arepas e legumes. Tudo bem?

— Isso é ótimo, — eu disse, quando a porta da parte de trás se abriu novamente e um homem alto com cabelo castanho curto vestindo calças camufladas e uma camiseta preta entrou. O homem nos viu, franzindo a testa por um momento antes de seu rosto se transformar em um sorriso. Eu ri.

— Não me diga, porra. — Eu andei em direção a ele e o abracei, batendo nas minhas costas antes de se afastar. — Josh Garner. Por todo o gim em todas as cidades, em todo o mundo. Que diabos você está fazendo aqui? Aqui?

Josh riu quando Livvy deu alguns passos para ficar ao meu lado. Josh estendeu a mão e sacudiu a de Livvy. — Por favor, me diga que você não está acompanhando este maluco. — Livvy riu, mas foi uma risada nervosa quando olhou para mim. — Você vai assustá-la, cara, e é tarde demais. Ela já se casou comigo. — Eu levantei a minha voz quando disse a última linha, mas dei a Josh um pequeno arquear de sobrancelhas bem antes de olhar para Livvy.

Josh me deu um minúsculo levantamento de queixo em compreensão. Ele olhou para Livvy, acariciando o queixo. — Droga, eu realmente sinto muito por isso, minha senhora. — Livvy riu de novo, olhando para mim. — Não tem sido terrível até agora.

— Bem, eu vou te dar meu número, caso ocorra uma reviravolta no futuro. — Ele piscou para ela e meus músculos ficaram tensos, mas me forcei a relaxar, dando a Josh um sorriso apertado. Josh me assistiu por um tempo e depois sorriu.

— Então, hum, como vocês se conhecem? — Livvy perguntou, seus olhos se movendo para frente e para trás entre nós dois.

— Nós estávamos nos BUDs[2] juntos, — respondi.

Josh apontou para uma mesa perto de uma das grandes janelas abertas e nós o seguimos, todos sentando-se. — Sim, — ele disse, jogando um braço sobre a cadeira e se inclinando para trás. — As histórias que eu posso contar. Esse cara é ainda uma lenda entre nossa classe. — Ele me deu outro sorriso e uma piscadela. — E, você fez um nome para você mesmo desde então. Eu já ouvi histórias.

[2] Treinamento do exército.

— Não acredite em tudo que você ouve. Sério, cara, como você acabou aqui? O que está acontecendo nesta cidade?

Josh soltou um suspiro, inclinando-se para frente, sua expressão séria. Ele olhou rapidamente para Livvy antes de começar a falar. Eu entendi que a informação que ele forneceria enquanto ela estava ouvindo era limitado. — Eu estava aqui na Colômbia com outro cara trabalhando. Estávamos voltando quando foram parados por esta mulher histérica, chorando e gritando e dizendo que sua filha de treze anos de idade precisava de ajuda médica. Nós tínhamos detido alguém, então meu parceiro pegou nosso prisioneiro e foi embora, e eu fiquei atrás para dar uma olhada na filha da mulher.

Eu olhei para Livvy. — Josh é um médico. — Voltei a olhar para Josh. — Em que condição ela estava?

— É. Isso aconteceu apenas esta manhã. Ela foi estuprada. — Ele soltou um suspiro. — Eles brutalizaram ela. — Ele balançou sua cabeça. — Ela vai sobreviver fisicamente, mas duvido que ela tenha filhos. — Eu vacilei, esfregando a mão no meu rosto. — Jesus.

— Eles sabem quem fez isso? — Livvy perguntou, sua expressão indignada.

— Pequena gangue de homens que tem aterrorizado cidades nesta área desde o terremoto. A aplicação da lei local é crítica para tratar com esse tipo de coisa, e as mulheres são alvos fáceis, considerando que todos os seus homens estão limpando destroços e começando a reconstruir com esforços para que suas famílias não morram de fome. — Ele balançou a cabeça.

— Como se essas pessoas não tivessem dificuldade suficiente. Esta cidade perdeu trinta e dois filhos. Eles foram enterrados vivos em sua escola. Há um novo cemitério cheio de pequenas covas fora da cidade.

Livvy colocou a mão sobre a boca, os olhos grandes e doloridos no rosto.

Meus músculos ficaram tensos enquanto a raiva

e a tristeza desabrochavam no meu sangue. — A garota que foi estuprada, o nome dela é Graciela? — Eu vi na minha visão periférica quando o olhar de Livvy disparou para mim.

— Sim, — disse Josh. — Como você sabe?

— Os homens que a atacaram passaram por nós mais cedo. Se gabando disso. — Um som de raiva a frustração subiu pela minha garganta.

— Doentes filhos da puta, — Josh disse com firmeza.

— Droga. Eu deveria ter feito alguma coisa quando tive a chance. Eu só peguei alguns pedaços de sua conversa mas... porra, deveria ter sido o suficiente.

— Não se castigue, cara. Você não tinha como saber se eles eram um grupo de idiotas falando besteira ou o que. Além disso, eles estão armados. Teria sido estúpido confrontá-los desprevenidos, e você sabe. — Seu olhar se moveu para Livvy e de volta para mim. — Para não mencionar, responsabilidades próprias.

— Sim, — eu respirei, ainda com raiva de mim. Eles estupraram uma garota que ainda era praticamente uma criança, e eu permiti que eles passassem, e estava desejando Livvy atrás de uma árvore a menos de um metro de distância.

A mulher com quem conversamos mais cedo saiu carregando uma bandeja contendo um prato fumegante de legumes e um prato coberto com uma toalha que devia ser as arepas. Ela os colocou na mesa junto com dois copos de água. — *Gracias,* — eu disse, e ela nos deu um sorriso vacilante antes de ir embora. A mulher obviamente estava chorando. — Mãe de Graciela? — Josh balançou a cabeça uma vez que ela estava fora do alcance da voz. — Eu teria ido atrás daqueles filhos da puta mais cedo eu mesmo, se não fosse necessário aqui, — ele falou, com a mandíbula apertada.

Mudei a comida em direção a Livvy, que começou a colocar legumes no prato dela enquanto olhava de volta para Josh — Há dois de nós aqui

agora. E sabemos em que direção eles foram. — Eu dei-lhe um olhar significativo. — Quanto tempo você planeja estar aqui? — Sua pausa foi breve. — Tenho que sair esta noite para conversar com meu parceiro em Bogotá.

Eu considerei a situação. — Uh oh, — Josh riu. — Se bem me lembro, essa é a sua, estou prestes a ir renegado. Veja. Você realmente quer fazer isso?

— Você a tratou, não eu. Qual é a sua opinião? — Sua expressão ficou séria imediatamente, e eu sabia que o minúsculo endurecimento de seus olhos significava que era ruim. *Muito ruim.* — Sim, — ele disse. — Precisamos lidar com eles. — Lidar com isso era uma maneira legal de colocar isso, e fiquei feliz por sua discrição na frente de Livvy. Assenti minha cabeça para ela e estreitei meus olhos para ele. — Você cuidará dela até eu voltar?

Livvy ofegou. — Até você voltar? Aqueles homens passaram por nós duas horas atrás. Você nunca será capaz de chegar até eles.

Josh levantou as sobrancelhas quando olhou para ela e depois para mim. Eu mantive meus olhos em Josh, que apenas sorriu.

— Melhor ir logo. Se eu tivesse que adivinhar, diria que eles estão indo para a cidade agrícola ao norte daqui. Deixe-me pegar um mapa, e vamos ver isso bem rápido. — Eu balancei a cabeça quando Josh se levantou e caminhou de volta pela porta de onde ele veio com seu equipamento.

A cabeça de Livvy girou entre mim e onde Josh tinha desaparecido, confusa, obviamente insegura sobre exatamente o que esclarecer. Boa. Eu precisava sair antes que ela pensasse em quais perguntas iria fazer. Peguei uma arepa, alguns legumes e dei uma mordida grande, mastigando e engolindo rapidamente. — Eu não consideraria deixar você aqui se eu não confiasse em Josh com minha própria vida. Mas aqueles homens violaram uma garotinha, e se não forem parados, farão de novo e de novo. Confie em mim, estou muito familiarizado com homens como eles.

Ela balançou a cabeça, os olhos arregalados e doloridos. — Mas... como você poderia detê-los? O que você vai fazer?

Por um momento, apenas nos entreolhamos, entendendo o alvorecer em seus olhos. Ela cerrou as pálpebras fechou por um segundo e depois os abriu. — Oh.

— Eu volto no final da tarde. Se eu não estiver, Josh vai levá-la de volta a Bogotá com ele.

— Se você não voltar?

Eu soltei um suspiro. — Espero estar de volta, mas deve sempre haver um plano de contingência. Ela abriu a boca para falar, mas depois fechou novamente, simplesmente assentindo. Ela mordeu aquele lindo lábio inferior e por um momento breve e louco eu considerei beijá-la antes de sair. Ela provavelmente me deixaria imaginando que eu estava indo para a batalha - o que não era completamente impreciso, embora eu não tenha considerado tomar tanto cuidado com três ou quatro idiotas desorganizados uma verdadeira luta. Mas eu não queria que ela me beijasse de volta porque sentia que tinha que fazer. E eu não queria beijá-la e ir embora. *Ah, foda-se*. Eu não deveria estar pensando em beijá-la em absoluto.

Fiquei observando-a morder esse lábio por outro momento, ela respirou fundo, me olhou nos olhos e disse simplesmente: — Vá.

CAPÍTULO 08

Livvy

Josh e Thomas tinham levado alguns minutos para revisar o mapa que Josh trouxe de volta para nossa mesa enquanto Thomas enfiou outra arepa cheio de vegetais em sua boca, e então encheu seu cantil e pegou alguns outros itens de sua mochila e saiu.

Ele me deu um último olhar intenso, parou como se considerasse algo, mas no final acabou dizendo. — Te vejo em breve.

Eu balancei a cabeça e observei-o ir embora, desviando dos carros e movendo-se rapidamente entre as pessoas andando pela rua. Olhei para Josh, e quando olhei para trás, onde Thomas tinha ido apenas um segundo antes, ele já havia desaparecido. Eu imaginei ele deslizando pelas árvores além da cidade, movendo-se como uma coisa selvagem, algo ágil e predatório. Enquanto estava olhando para aquela vegetação distante, sabendo que ele estava em algum lugar dentro dela, meu coração se alojou na minha garganta.

Que tipo de homem corria - *literalmente* - para o perigo procurando vingança por uma garota que ele não conhecia? *Um caçador.* Isso é o que ele era. Esse foi o perigo a fogo lento que eu senti nele a primeira vez que nos encontramos. No entanto, não foi

crueldade ou malevolência. Foi bondade. Ele não era apenas um caçador. Ele era um protetor.

Quando olhei para Josh, ele estava me observando. — Você se importa com ele, — afirmou. Eu pisquei, pega de surpresa. — Eu... mal o conheço. — Olhei na direção onde Thomas desapareceu e depois para o rosto de Josh novamente. — Ele está fazendo um trabalho para mim. — Eu sabia que Josh entendia que não estávamos casados, ele estava na mesma linha de trabalho - ele provavelmente entendeu perfeitamente bem que era uma medida de segurança e nada mais. Mas Josh me deu um sorriso arrogante que me fez arrepiar por algum motivo, como se pensasse que sabia algo que eu não soubesse. Quase contei a ele a natureza do trabalho que contratara Thomas para fazer. Se ele soubesse, não brincaria.

— Como você quiser. — Josh piscou e eu balancei a cabeça. No final, seu sorriso provocante me desarmou.

Eu voltei para dentro de Rosaria com Josh e ele me levou pelas portas dos fundos do restaurante, pela pequena cozinha a um lance de escadas estreitas até onde a família morava. Não queria me intrometer onde eu certamente não era bem-vinda, e disse isso a Josh, mas ele balançou a cabeça e disse: — Eu preciso ver como está a Graciela e não vou deixar você lá embaixo sozinha. Você está comigo. Eles não vão se importar.

Eu ainda estava relutante, mas de jeito nenhum eu ficaria lá embaixo sozinha, então entrei no quarto com ele, caminhando até ao lado da porta e encostando na parede. Foi quando eu avistei a menina na cama, deitada debaixo de um lençol branco, os olhos abertos enquanto olhava para o teto. Meu coração despencou aos meus pés e minha garganta se apertou. Seu rosto estava tão inchado e machucado que eu não tinha ideia como ela realmente parecia. *Oh Deus.*

Eu fechei meus olhos com força, respirando fundo. Um grupo de homens tinha feito isso com uma menina que era só uma adolescente, e ela estava deitada tão quieta naquela cama. Eu duvidava que ela tivesse seus próprios filhos algum dia.

Josh os chamou de animais, mas eram piores que animais - eles haviam feito isso com ela por diversão. Eu senti a comida que comi apenas meia hora antes subir pela minha garganta, mas me forcei a engoli-la.

Lembrei da risada dos homens, como soou quando estávamos atrás daquela árvore. Tinha sido alegre, e no momento, não tinha ideia do que eles achavam tão engraçado, mas agora estava enojada, nunca pensei em alguém rindo do que havia sido feito a essa criança. *Meu Deus, meu Deus.*

Agora eu entendi o jeito que o corpo de Thomas tinha ficado tenso, o jeito que o queixo dele tinha endurecido e o gelo, raiva em seus olhos. A necessidade de exigir justiça. O desejo de ter certeza de que os homens que fizeram isso fossem detidos antes que eles machucassem mais alguém. Mas na hora, Thomas nem sequer compreendia totalmente o que eles haviam feito.

Agora eu entendia porque ele foi atrás deles. Agora eu o aplaudia. Ele não tinha visto essa garota antes de tomar sua decisão, mas deveria ter visto outras como ela. *Ele sabia.*

E sem querer, entreguei um pedaço do meu coração a ele, embora estivesse a quilômetros de distância. *Você se importa com ele.* Sim.

Apenas era mais complicada do que isso. Eu me importava com o homem que estava se vingando em nome dessa menina indefesa e sua família. E me importava com o homem que estava garantindo minha segurança enquanto me levava através de território perigoso. Eu me importava com o homem que hesitante acariciava meu cabelo, minhas costas, enquanto eu tremia nos seus braços, meu coração doía por afeto humano.

Um homem estava sentado perto da janela, imóvel, com as costas inclinadas, olhos avermelhados e duros. Eu vi raiva em sua expressão, mas também um desamparo que me cortou ao meio. *Era o pai da Graciela?* Eu desviei o olhar, incapaz de suportar a agonia indiscutível no seu rosto.

Josh parecia estar verificando os sinais vitais de Graciela enquanto falava em espanhol com voz baixa para sua mãe. Ela parecia estar contente nesse momento, porque ele acariciou a mãe no ombro, deu um sorriso encorajador e virou-se para mim. Eu me levantei, seguindo-o para fora e desci as escadas.

Quando voltamos ao restaurante, apareceu uma nova garçonete. A jovem tinha um belo corpo, era linda com cabelos escuros amarrado em um rabo de cavalo baixo, olhos escuros que realçavam cílios longos e arrebatadores. Eu coloquei meu próprio cabelo sujo atrás da minha orelha, percebendo o quão suada e desleixada eu deveria estar, especialmente ao lado desta deusa.

Ela viu Josh, seus olhos demoraram enquanto sorria provocativamente. Ela me deu um rápido olhar, mas voltou seus olhos imediatamente para Josh, dizendo algo em espanhol. Josh assentiu, gesticulando para uma mesa ao lado da janela.

Eu me juntei a Josh na mesa, olhando para ele quando me sentei. Ele era um homem bonito, obviamente em grande forma - claramente um soldado como Thomas. Mas ele também era diferente. Ele não tinha a intensidade tranquila de Thomas, tinha a vigilância. Ele não se movia com a mesma graça predatória. Ele não tinha olhos que mudavam de gelo para pedra aquecida pelo sol em um único batimento cardíaco. Ele não. *Merda, Livvy. O que você tem? Por que você está comparando-os?*

— Você está preocupado por ele? — Eu soltei a respiração. — Não. Quero dizer, sim. — Eu balancei a cabeça. — Quero dizer, entendo porque ele foi atrás daqueles homens. Eu só... não quero que ele se machuque.

Ele me olhou por um momento, sua expressão séria, aquele brilho de humor que ele parecia ter em seus olhos mais frequentemente do que não, desapareceu de repente. — Nem toda mulher seria tão compreensiva. — Ele inclinou a cabeça me estudando. — Eu vejo uma força em você, Livvy. — Ele fez uma pausa. —

Só uma mulher forte pode amar um homem como ele.

— Eu pisquei. *Amor?* Ele realmente tinha a ideia errada. Balançando a cabeça com um sorriso, eu disse: — Tenho certeza de que sim. Mas não é assim com a gente. Como eu disse...

— Eu sei o que você disse.

Franzindo a testa, abri a boca para falar quando a bela garçonete colombiana se aproximou da nossa mesa. Seus quadris balançando, o olhar ainda fixo em Josh. Josh reclinou de volta, olhando para ela, e quase revirei meus olhos. Era incômodo. Eu nunca me senti como uma vela na minha vida. Claro, eu suponho que não podia exatamente culpá-la - Josh era bonito e, no momento, ele era o herói da cidade. A bebida chamada refajo que Josh pediu para mim - cerveja misturada com um refrigerante - era fresca e amargo eu bebi uma, depois outra, resistindo a um terceiro porque não queria estar em coma quando Thomas voltasse. E porque eu estava em um país estranho onde, no momento, estava essencialmente sozinha.

Sabia que Josh estava garantindo minha segurança, mas ele estava ocupado flertando com a bela garçonete chamada Carmen, e eu realmente só queria ficar sozinha com meus pensamentos, então fui sentar em uma mesa no pátio ao lado do prédio, peguei meu diário e fingi escrever nele.

Principalmente, eu apenas rabisquei, deixando minha mente vagar. Pensei em Alec, pensei em algumas semanas antes dele desaparecer. Estava sentada no carro esperando-o sair de um restaurante onde nós pedimos comida para levar. Quando ele saiu, uma mulher estava entrando e ele não tinha segurado a porta para ela. Ele foi até o carro e sorriu quando se aproximou e eu pensei, ele não é o meu homem dos sonhos.

Exatamente essas palavras passaram pelo meu cérebro. Mas então eu me castiguei por ser mesquinha. Ele era bom para mim, era atencioso e cortês. Então, e se ele fosse às vezes descuidado com estranhos? E se ele esqueceu de segurar a porta ou oferecer seu lugar para mulheres idosas? Ou, se ele às vezes parecia alheio àqueles em sua volta? Mas... talvez isso importasse.

Talvez estivesse tudo bem que importasse para mim. Talvez eu tenha descartado muito rápido como mesquinho, quando era realmente importante.

Ou talvez eu estivesse comparando-o injustamente com um homem que não apenas mantinha as portas abertas, mas exigia vingança por garotas que ele nunca conheceu. Antes disso, eu não sabia que homens como Thomas realmente existiam. E no mundo real eles não existiam. Então não, eu não compararia Alec com ele dessa maneira. Não era justo.

Mas como eu saberia o que realmente sentia por Alec, a menos que eu o confrontasse? Como iria saber qualquer coisa a menos que eu o encontrasse e escutasse sua história? No entanto, ele acabou aqui - e por qualquer razão - os desastres naturais o prenderam. Ele não tinha recursos, nenhum dinheiro aqui em Colômbia. Mas eu tinha. Eu poderia chegar até ele, e assim seria. *Família.* O resto... bem, o resto estava no ar.

Mas parte de mim estava com raiva agora. Um homem que eu conhecia há menos de quarenta e oito horas tinha acabado de vingar a injustiça que não era dele. *Com suas próprias mãos.*

No entanto, Alec, a razão pela qual eu estava aqui, fugiu com seu rabo entre as pernas ao invés de falar comigo. Sua noiva. *Oh Alec, por que você não veio até mim? Por que você correu ao invés de enfrentar suas lutas como um adulto?*

Eu continuei a rabiscar, minha mente vagando enquanto a risada de Carmen flutuava para onde eu estava sentada, a risada profunda de Josh rompendo meus pensamentos sinuosos de vez em quando. Tomei o último gole da minha bebida e olhei para a rua.

E foi quando eu o vi.

Ele estava andando na minha direção, seu andar suave e decidido - aquela graça masculina tão familiar para mim agora. Coloquei meu diário sobre a mesa, fiquei de pé lentamente, observando. Eu não conseguia desviar o olhar. Nenhuma mulher poderia. Ele parecia com todos os heróis perfeitos, andando em alguma

cidade empoeirada com a necessidade de salvar, e estava lá para fazer apenas isso. Bonito. Poderoso.

Meu coração batia contra meu peito e meus olhos estavam fixos nele enquanto se aproximava. Sua camiseta colada ao peito, mostrando os músculos perfeitos, de sua parte superior do corpo. O homem havia suado - finalmente.

E levou apenas quatro horas e uma luta para fazê-lo transpirar. Sua calça jeans estava pendurada em seus quadris e havia uma faca de algum tipo amarrada a uma coxa musculosa. *De onde veio isso?* Não estava lá quando ele saiu, então eu só podia supor que ele pegou de um dos homens que ele foi atrás. *Puta merda.*

Josh e Carmen se aproximaram de mim, mas eu só os notei pela minha visão periférica. Engoli o nó na garganta, meus olhos grudados no rosto de Thomas enquanto eu tentava ver em sua expressão o que tinha acontecido. Mas verdadeiramente? Eu só me importava que ele estivesse de volta.

— Você os encontrou? — Josh perguntou. Os olhos de Thomas estavam fixos nos meus, algo feroz em sua expressão enquanto seu olhar se movia para baixo ao meu corpo e outra vez de volta aos meus olhos como se avaliasse que eu estava bem. Mas com a pergunta de Josh, ele olhou para o seu amigo e acenou com a cabeça uma vez, um rápido movimento do queixo ao peito, seus lábios apertados.

— Sim. — E não disse mais nada. Josh bateu nas costas dele uma vez quando ele se virou. — Vamos dizer ao pai dela.

— Eu posso ficar aqui— Eu comecei a dizer, mas Thomas pegou minha mão, seu aperto forte, seus longos dedos envolvidos em segurança ao redor dos meus, levando-me com ele enquanto seguia Josh até o quarto no andar de cima.

Eu não pude ver o rosto de Thomas quando ele viu a garota deitada na cama, mas ele soltou minha mão e andou devagar até o homem sentado na cadeira perto da janela. Seu corpo estava rígido, sua posição inalterada.

Ele era o sentinela de sua filha - talvez a única coisa que ele pudesse oferecer a essa altura. Thomas parou ao lado dele e o homem levantou a cabeça devagar. Thomas estendeu a mão, removendo a faca que estava amarrada em sua coxa - a faca que agora eu vi tinha manchas de sangue seco - e colocou na palma da mão do homem. Meu coração apertou. A dor brotou dentro de mim quando o rosto do homem se quebrou. — *¿Están muertos?*

— *Muertos.*

Mortos.

Thomas assentiu uma vez.

O pai de Graciela respirou fundo, estremecendo, os ombros voltando enquanto se endireitava, olhando uma vez para a filha e depois para Thomas.

— *Bien,* — ele disse, sua voz mais forte do que antes. — *Gracias*. — Sua voz falhou quando ele disse a palavra, mas depois reuniu a força que Thomas parecia ter infundido nele. Ele passou a faca a palma da mão, traços de sangue deixavam marcas vermelhas escuras na própria pele. Eu queria me encolher, mas não o fiz. O homem olhou para Thomas, com o maxilar cerrado, os olhos cheios de vida mais uma vez. — *Eres un salvador*. — Eu sabia aquela palavra - salvador - sabia o que ele disse a Thomas. Você é um salvador.

***

Josh saiu algumas horas depois, depois de um jantar que se transformou em uma pequena reunião social, discreta. A justiça tinha sido feita, e ainda assim a garotinha no andar de cima tinha um longo caminho de recuperação à sua frente.

Nós jantamos e depois despedimos de Josh. Ele piscou para mim, dizendo: — Fique forte, Livvy, — antes de se afastar. Thomas o acompanhou até a

beira da estrada, onde conversaram por algum tempo, Thomas relatando os detalhes sobre o que quer que tenha acontecido antes naquele dia eu assumi. Parte de mim queria saber, mas outra parte entendi que o conhecimento me mudaria de alguma forma vital. Talvez para o bem, talvez não, e eu não conseguia decidir, então não perguntei. *Você é um salvador*.

Carmen ficou observando Josh sair, uma expressão petulante e desapontada no rosto, e quando Thomas começou a andar de volta, eu a observei enquanto ela o observava, o sorriso retornando. Seus olhos dispararam para mim e seu queixo se levantou enquanto sorria aquele sorriso de gato dela. Eu me arrepiei com a mensagem não sutil, embora ele não fosse meu e nunca seria. Aparentemente, não significava nada para Carmen que o homem, estava com a esposa.

Deus, eu estava seriamente com ciúmes?

A família de Graciela fechou o restaurante, mas Rosaria nos convidou para passar a noite em seu loft. Na verdade, eu teria gostado de sair daquela pequena cidade onde a dor do que aconteceu a Graciela pairava no ar e a bela Carmen estava olhando Thomas como um gato olha um prato de leite, mas o sol estava começando a se pôr, e era mais ou menos a hora em que teríamos achado acampamento para a noite de qualquer maneira. E mais do que isso, Thomas tinha acabado de correr por horas e passou por mais coisas que não sabia. Ele devia estar exausto. Eu não sugeriria que começássemos a andar novamente, então ele teria que dormir em um chão duro se nos oferecessem uma cama de verdade. Os homens começaram um jogo de cartas em uma mesa perto do fogo e convidaram Thomas para jogar. Ele me olhou. — Você se importa? — Ele perguntou como se eu realmente fosse sua esposa e precisasse da minha permissão.

— Enquanto você vencer, querido. — Thomas me deu um sorriso lento. — Oh, com certeza, amor. — Eu olhei para ele fixamente, meu estômago dava um meio salto antes de desviar o olhar. Thomas sentou-se com o resto dos homens e recostou-se indiferente,

bebendo uma garrafa de cerveja. Eu o vi jogar cartas, aquela cara de pôquer que ele muitas vezes usava bem no momento. Eles estavam jogando apenas por moedas, mas Thomas já tinha uma pequena pilha na frente dele dentro de apenas alguns minutos.

A mãe de Graciela colocou uma cerveja na minha frente, olhando para a mesa onde todos os homens estavam sentados, conversando em inglês altamente acentuado. — Seu homem é muito valente. — *Meu homem*. — E muito bom. — Ela atirou um olhar na direção de Thomas, sua expressão preocupada, e quando eu segui o olhar dela, vi que Carmen estava inclinando-se para ele, sussurrando algo em seu ouvido. Ele disse algo a ela, e que inclinou a cabeça para trás e riu, as ondas sedosas do seu cabelo descendo pelas costas.

Olhei para Rosaria, dando-lhe um sorriso indiferente, sentindo um aperto estranho por dentro. *Feroz.*

— Sim ele é. — Mas não meu.

Ela assentiu, olhando para ele e depois para Carmen, que estava se aproximando da mesa, verificando as bebidas, seu quadril roçou o ombro de Thomas enquanto ele tomava um longo gole de sua garrafa de cerveja.

Uma lareira estava acesa e música suave tocava enquanto as pessoas da aldeia se reuniam, muitas das quais que tinham trabalhado nos campos durante todo o dia. A notícia obviamente se espalhou sobre o que aconteceu e enquanto a atmosfera definitivamente não era festiva, ficou claro que as pessoas lá poderiam celebrar o fato de que os homens que tinham machucado Graciela e estavam aterrorizando sua cidade de várias maneiras, nunca mais seriam problema.

Carmen se movia pelo grupo, seu balanço sedutor enquanto lançava olhares quentes para Thomas. Senti meu peito apertar, enquanto eu o observava como a olhava, como uma expressão ilegível no seu rosto. Mas seus olhos cinzentos ferviam a fogo lento como no brilho quente do fogo. Sua mensagem era clara, e por

que ele não deveria aceitar a oferta?

Atletas muitas vezes precisavam de uma saída sexual depois de um evento esportivo intenso. Eu tinha certeza que era o mesmo para os soldados também. Toda aquela adrenalina, aquela explosão de testosterona, e fazia sentido que um homem precisa tirá-lo de seu corpo de alguma forma. Deus, o que seria do receptor de toda essa energia masculina reprimida?

Como seria a sensação de ser devastada por um guerreiro? Devastada? Eu bufei internamente. *De verdade, Livvy?*

Eu nunca sequer considerei tal coisa e ainda... Por que eu estava de repente tão quente? *Seu homem, ele é muito feroz.* Por que tive vontade de apertar minhas coxas para aliviar a tensão ali? Deus, eu realmente poderia culpar Carmen?

Rosaria se inclinou quando Carmen passou e lhe disse algumas palavras aparentemente duras quando olhou para Thomas, mas Carmen apenas riu respondendo algumas palavras para a mulher antes de ir embora.

Rosaria me lançou um olhar, cheia de simpatia e vergonha, e corei antes de me virar. Ela obviamente se sentiu mal por mim que Carmen estava flertando com o meu *marido* e porque isso me humilhou, eu não sabia.

Carmen caminhou até o meio do pátio e começou a dançar a música, levantando os braços acima de sua cabeça e movendo seus quadris de um jeito que quase me fez corar. Seus olhos foram diretos para Thomas enquanto ela dançava, mas eu não ousei olhar para ele. Não aguentava ver a luxúria em sua expressão. Que homem não a queria? Eu sentei rigidamente, virando minha cabeça para longe do seu show.

O jogo chegou ao fim e Thomas se levantou, sua forma sólida se movendo através das sombras e dançando a luz do fogo quando virou a esquina do prédio. Meu coração bateu no meu peito quando notei Carmen o seguindo, contornando a esquina onde ele também havia desaparecido. *Ele disse a ela para encontrá-lo?* Senti

uma coceira sob a minha pele fria, solitária. Eu imaginei eles se encontrando na escuridão, imaginei ela pressionando seu corpo curvilíneo contra ele. Eles teriam sexo ali mesmo contra a parede, as calças em volta dos quadris enquanto ele a penetrava e ela mordia o lábio para não gritar e alertar alguém para a presença deles? Ele teria aquele mesmo olhar intenso quando gozasse ou seus olhos se suavizaram? Calor? Uma nuvem ondulante vermelha encheu meu peito.

Eu sabia como ele cheirava, como se sentia moldado a ele. Eu senti seus braços sólidos ao meu redor e alguma coisa tinha acontecido, uma profunda necessidade de ser segurada, consolada, de absorver a força dele. Por uma vez eu não queria ficar de pé sozinha. Queria confiar em outra pessoa para me apoiar neles e sei que eles não me decepcionariam. Só uma vez. Eu nunca me senti assim com Alec, não acreditei que eu desejava isto. Mas eu desejava.

Thomas me fez sentir segura o suficiente para admitir. Thomas me permitiu apoiar firmemente porque ele realmente não tinha outra escolha. Mas agora ele tinha uma escolha e estava escolhendo uma mulher bonita e disponível. E por que não deveria? *Eu acho companhia quando quero.*

Fiquei de pé, empurrando um homem que estava de pé ao lado do banco onde estava sentada. Eu não poderia ficar aqui embaixo. Não podia vê-los voltar, não tinha interesse em ver o que eu tinha certeza que seria um contentamento um sorriso no rosto e uma sonolenta satisfação em seus olhos cinzentos. Não queria ver mais simpatia nos olhos de Rosaria. *Não.* Eu não tinha direito a esses sentimentos. Minha mente estava toda torcida e confusa. Eu precisava ir para a cama e terminar este dia. Precisava desaparecer e permitir que Thomas o quarto, para que recebesse a liberação que ele merecia. Ele era meu guia nesta viagem, e apesar dos papéis que desempenhamos, ele não me devia mais do que me levar ao local acordado.

Amanhã eu acordaria e o propósito desta viagem seria claro novamente. Mas meu próprio conforto interno não apareceu. Em vez disso, parecia que

eu estava mentindo para mim mesma.



CAPÍTULO 09

Livvy

Passos soaram na escada estreita do loft onde Rosaria nos havia dirigido mais cedo. Assustada, sentei na cama, segurando o lençol no meu peito. A cabeça escura de Thomas apareceu e quando ele subiu no último degrau, ele ajoelhou, o teto muito baixo para ficar de pé.

— Por que você desapareceu assim? — Ele esbravejou.

— Eu pensei... — Minhas palavras sumiram quando ele me deu um olhar de aborrecimento, pegando um dos travesseiros, jogando no espaço estreito ao lado da cama.

— Você pensou o quê?

— Pensei que você estivesse com Carmen. — Eu não podia negar o alívio que atravessou meu corpo apesar de estar confusa porque ele não estava com ela. Também não podia negar o tom acusatório na minha voz, e fiz uma careta ao saber que ele também devia ter ouvido.

Seus olhos permaneceram no meu rosto por um momento, aqueles olhos pálidos me perfurando tanto que o calor inundou meu rosto.

Algo brilhou em seus olhos, mas se foi antes que eu pudesse tentar nomeá-lo. Ele pegou o cobertor no final da cama e virou-se, jogando-o no chão.

— Não, — ele disse, chutando seus sapatos.

Eu olhei para o espaço pequeno e estreito onde ele estava fazendo uma cama. — O que você está fazendo?

— Indo dormir. Tem sido um longo e dia fodido, — ele murmurou.

— Eu que o diga. — Eu balancei a cabeça. — Você nem vai poder deitar de bruços. Tem mais lugar na cama. — Eu deslizei um pouco mais, mas Thomas hesitou, parecendo inseguro. Eu também estava. Mas depois de hoje, o mínimo que ele merecia era uma cama macia para se esticar. Eu poderia lidar com a tensão sexual latente dentro de mim. Estava exausta, ele deveria estar também, e tinha certeza de que adormeceríamos rapidamente. Finalmente, ele assentiu, sentando-se ao lado da cama.

— Obrigado. Essas roupas estão muito sujas para dormir. Vire de costas, ou vou acabar te mostrando demais.

Uma pontada no estômago me fez respirar fundo e me virei, o movimento brusco. Ouvi o farfalhar das roupas de Thomas e a luz ao lado da cama se apagou, lançando o quarto às sombras, o brilho pálido das luzes do pátio ao lado do prédio mal chegando à nossa janela no segundo andar. Por um momento houve apenas o murmúrio distante de vozes, o som muito fraco da música e nossas respirações mescladas. Por que ele estava aqui? Comigo? Por dever?

— Ela obviamente... queria você. Você não precisava... cuidar de mim. Estou perfeitamente segura aqui em cima... sozinha.

Houve uma pausa e ele disse: — Talvez eu a encontre mais tarde. — Minha cabeça girou em direção a ele na escuridão.

— Você o quê?

Ele riu, virando-se para mim. — Eu sou um homem casado, Livvy.

— Você não é. Você não é realmente casado.

— Ela não sabia disso. — Minhas sobrancelhas se juntaram. Eu me virei para ele, então nós dois estávamos deitados de lado, encarando um ao outro na luz fraca.

— Então... o quê? Você não queria... dormir com ela por causa da... falta de caráter? — Ele deu de ombros e bocejou.

— Um homem não tem permissão para ter padrões? — Havia algo em seu tom, uma qualidade provocante e eu pisquei, surpresa.

— Você está... sendo idiota? Eu devo estar sonhando. Não é o seu estilo. — Um sorriso apareceu em seu rosto, um verdadeiro, largo e bonito sorriso e meu coração se agitou ao vê-lo. Transformou o rosto dele, suavizando as linhas ásperas e aquecendo os olhos, embora houvesse alguma coisa... parecia sem prática nele. Sua boca se curvou, mas sua testa mergulhou como se a felicidade o surpreendesse de alguma forma. Ou como se ele sentisse que tinha que se desculpar por isso.

— Na verdade não, — ele disse.

— Na verdade não?

— Mulheres manipuladoras, me irritam.

— Tudo bem, mas... não estamos falando de uma mulher com quem você está pensando em se casar, estamos falando de uma noite só.

— Não estou interessado.

— Então, você não dorme com uma mulher até ter certeza de que ela é de caráter, moral e honesta?

Thomas riu. Estava enferrujado e profundo. — Eu não faço uma pesquisa antes, mas algumas pessoas tornam isso desnecessário.

— Huh, — eu disse, pensando nisso.

— Por que isso é tão chocante para você? — Havia aquele tom de provocação em sua voz novamente e isso me aqueceu, me fez sentir uma intimidade com ele que eu não tinha antes. Isso me fez sentir...

especial de alguma forma como se estivesse conseguindo uma parte dele que poucos tinham.

— Eu não sei. Pensei que os homens eram mais visuais do que qualquer outra coisa.

— Oh, eu sou visual, querida. — Seu olhar vagou pelo meu corpo e corei, evitando seus olhos e mordendo meu lábio para tentar parar o calor da satisfação. *Pare com isso, Livvy. Ele estava brincando comigo, e eu não gostei de como isso me afetou.*

— Mas nenhum homem quer levar uma cobra para a cama.

— Huh, — eu murmurei novamente. — Você está cheio de surpresas. — Sua expressão foi algo raro, mas depois suavizou e eu pensei que tinha sido um truque estranho da luz e das sombras dançando neste pequeno espaço. Ajustei minha cabeça em meus braços, meus olhos ficando pesados. Vi a tensão nos cantos dos olhos de Thomas quando ele estendeu um dedo, franzindo a testa quando circulou a cicatriz na parte de baixo do meu braço. Eu observei seu dedo enquanto se movia, a cicatriz embaixo tão leve que mal podia ser vista na sala escura.

— Marcas de cigarro, — eu disse, respondendo a sua pergunta não formulada. Ele continuou olhando para as cicatrizes, sua boca dura, uma linha fixa. — Essa foi a maldade que você falou? — Eu hesitei. — Sim. No entanto, não me lembro. Não recebi essas cicatrizes especificamente por nada. Meus pais adotivos as odiavam, me enviaram para um cirurgião plástico que tentou removê-las. Ele as fez menos perceptíveis, mas nunca desapareceram completamente. Uma parte de mim que eles não podiam apagar, não importava o quanto tentassem. — Fiz uma pausa quando Thomas retirou a mão, um estranho olhar em seu rosto, quase uma mistura de raiva e confusão.

— Mas... eu nunca consegui me lembrar. É quase como se essas cicatrizes fossem a lembrança física de minha irmã, o sacrifício que eu fiz de bom grado por ela. Eu sei que não sou durona como você é... — eu dei um pequeno sorriso. — mas elas são minhas próprias cicatrizes de batalha e estou... orgulhosa delas.

— Eu me aconcheguei no travesseiro, pegando o cheiro de Thomas. E simultaneamente fez meu coração bater mais rapidamente e forneceu uma espécie de conforto. Eu nunca me deitei na cama... conversando com um homem antes, e eu realmente gostei. Alec sempre esteve tão cansado depois de um dia de trabalho e geralmente caía direto para dormir quando nos deitávamos. Agora sabia que ele deveria estar estressado também, fazendo malabarismos com as preocupações que ele nunca tinha compartilhado comigo. Thomas se virou e estava deitado de costas, e por um minuto pensei que ele tinha ido dormir, mas a luz mudou e vi que seus olhos estavam abertos e ele estava olhando para o teto. — Você está bem... sobre o que aconteceu hoje? — Eu perguntei. Ele ficou em silêncio por um momento.

— Sim. Você está?

— Eu? Eu não fiz nada.

— Você fez. Você não brigou comigo quando eu saí. Sua força me ajudou a me concentrar no que eu precisava.

Eu vejo uma força em você, Livvy. Eu nunca pensei em mim como particularmente forte, mas a ideia de que dois homens ferozes - Josh e Thomas - pensavam em mim desse jeito me fazia sentir... *orgulhosa*.

Houve um momento de silêncio entre nós antes de Thomas falar de novo. — Eu dei a esses homens uma escolha, você sabe. Confesse seus crimes e seja julgado ou... não. Eles escolheram não confessar. Alguns homens têm que ser eliminados, Liv. Ou eles vão continuar causando dor a inocentes.

Liv.

Eu respirei fundo e deixei sair lentamente. Isso foi tudo tão além do meu alcance de familiaridade. Por que ele tinha me dito isso? Era porque ele achava que eu discordava de sua escolha? Ou porque eu acreditava que ele era um assassino de sangue frio? Eu não o fiz. Admito que eu não entendia completamente seu mundo, mas sabia que o que ele fez hoje era necessário.

— Eu acho que você é um bom homem, Thomas, — eu disse, esperando responder qualquer pergunta que senti em sua declaração.

Fechei meus olhos e fui dormir, sentindo uma mudança no humor de Thomas, mas muito cansada para tentar entender o que isso significava.

CAPÍTULO 10

Thomas

Maldita Livvy e suas cicatrizes de batalha. Nós estávamos viajando por dois dias desde aquela noite na casa de Rosaria, e eu não conseguia parar de pensar naquelas pequenas feridas cicatrizadas e curadas que ela tinha me mostrado quando nos deitamos na cama juntos naquele loft abafado.

Dormir com Livvy naquela noite foi uma tortura. Seu perfume provocante, me fazendo desesperado por respirar de perto, por correr o nariz sobre sua pele, mergulhar meus dedos nas aberturas molhadas de seu corpo e inalar seu cheiro misturado com o meu. Desde então, fiz questão de colocar meu saco de dormir o mais longe dela possível.

Ainda assim, não parecia diminuir a necessidade através do meu sangue toda vez que ela chegava perto e eu sentia seu cheiro. Ouvi seus passos diminuírem atrás de mim, o som rítmico de sua respiração acelerada. Eu me forcei a diminuir a velocidade. Já a havia castigado uma vez antes pela carência do meu próprio corpo e me arrependi. E não faria isso de novo. Ainda assim, estava muito irritado. Cansado. Porque agora, não só o meu corpo estava no caos, mas

minha mente também estava. *Uma parte de mim que eles não puderam apagar, não importava o quanto tentassem.*

Uma mimada garota rica... com queimaduras de cigarro nos braços. A realidade poderia ser tão diferente da percepção.

— Para onde estamos indo hoje? — Livvy perguntou.

— Josh me disse que podíamos pegar um ônibus de uma cidade a cerca de quinze quilômetros adiante. Não chegaremos até Palomino, mas muito mais perto.

— Um ônibus? Sério? — Eu podia ouvir a emoção em sua voz e isso causou um pequeno sorriso nos meus lábios e um buraco no meu peito. Esta jornada estava chegando ao fim, aquela que estava me matando pouco a pouco.

O ar ao nosso redor estava abafado e um pouco chuvoso, embora nenhuma chuva real tivesse começado. O nevoeiro embaçou o chão, dando à floresta uma sensação sonhadora. Rãs coaxavam alto, e a conversa das aves era especialmente estridente esta manhã.

— Deus, deve ter sido incrível crescer aqui, — disse Livvy, e quando eu olhei de volta para ela, ela estava usando um sorriso sereno, seu olhar se movendo sobre a paisagem exuberante ao nosso redor. *Confiei nela ao ver beleza nesta paisagem volátil.*

— Sim, — eu murmurei. — Tinha seus benefícios. Pelo menos estava quente o suficiente para dormir do lado de fora e não congelar até a morte.

Livvy franziu a testa. — Dormir do lado de fora? Por que você faria isso?

Soltei um suspiro. Estava distraído e não tinha pensado muito no que estava dizendo. Mas quem diabos se importava? Talvez se Livvy soubesse que eu mantive mais companhia com cachorros do que com pessoas a maior parte da minha vida, isso apagaria aquele olhar de adoração que ela usava desde que eu voltei de vingar o ataque de Graciela. Cuidando de seus

atacantes, cortando suas gargantas porque, caso contrário, eles teriam cortado a minha.

— Meu tio trabalhava com um ringue de luta de cães. Passei muito tempo nos canis - muitas vezes dormi ao lado deles no chão.

— Um ringue de luta de cachorro? Oh. — Ela olhou para mim, seus olhos procurando. — Você dormiu ao lado deles nos canis? No chão? — Seu tom soou desconcertado, horrorizado. — Isso ou um galpão por perto.

— Mas por quê?

Eu olhei para longe por um momento. — Eu me sentia mais bem-vindo lá.

— Você se sentiu mais bem-vindo nos canis do que em sua própria casa? — Ela parou e eu também, meus olhos se movendo sobre o rosto dela.

— Isso é... — Sua voz desapareceu como se ela não pudesse sequer formar as palavras de como isso era horrível. Seus olhos se apertaram como se o pensamento trouxesse dor física. — Merda. Foi há muito tempo, Livvy. — Ela assentiu, mas manteve os olhos fechados por outro momento. Eu a olhei, observando a empatia tão clara em sua expressão, o jeito que ela se segurava, e isso fez meu próprio coração pegar. — Onde estava sua tia?

— Dentro da casa. — Sua boca se abriu e ela balançou a cabeça. — E ela apenas deixou você... dormir fora? Por que ela faria isso?

— Meu tio era um malvado filho da puta, Livvy. Seus filhos eram estúpidos e cruéis. Sua esposa era inútil e distante. Eu preferia os animais a eles.

— Oh— Ela olhou para baixo, franziu a testa. — Você disse que não conhecia o seu pai, mas certamente ele teria ajudado você se... — Eu ri, de repente, querendo causar-lhe dor, querendo chocá-la e horrorizá-la, querendo que ela sentisse o mesmo desconforto que estava me causando por se importar tanto.

— Meu pai era um executivo rico em Los Angeles que fodeu a empregada colombiana. Sua esposa descobriu, nos jogou para fora da casa, e ele não fez nada para impedir. Minha mãe passou os primeiros seis anos da minha vida escrevendo cartas para ele, implorando para levá-la de volta, que nunca foram respondidas. Então, não, Livvy, ele não teria me ajudado se soubesse.

Ela piscou para mim, os olhos arregalados e luminosos, os ombros rígidos. — Sua mãe morreu e sua família, aqueles que deveriam ter ajudado te rejeitaram, — ela praticamente sussurrou. Dei de ombros. — Eles fizeram. Eles sempre o fizeram. Mas eu devolvi o favor. Assim que pude, saí e não olhei para trás.

— Eu sinto muito. — Essa mesma pontada apertou meu coração quando nossos olhos se encontraram. Imaginei meu olhar desafiador, frio, mas o dela permaneceu compassivo, suave. Eu olhei pro outro lado, dando um passo para trás.

— Foi há muito tempo, — repeti. Eu comecei a andar novamente, um estranho vazio dentro de mim. Eu não deveria ter falado sobre isso. *Por que diabos eu falei sobre isso?* Nós caminhamos por um tempo, nenhum de nós dizendo uma palavra, e depois de um tempo, meu humor se estabilizou. Quem se importava? Isso tudo era temporário. Essa viagem, essa mulher, esses sentimentos que ela provocou em mim. Todo trabalho continha seus desafios, e este oferecia os que eu nunca havia experimentado antes, mas, como toda as outras tarefas, era temporário. Eu passaria por isso, passaria por ela. Com esse pensamento, me senti melhor, mais calmo.

— O que é isso? — Saí de meus próprios pensamentos, ouvindo o rugido da água, voltando-me para Livvy. — Há uma pequena cachoeira à frente. — Seus olhos se iluminaram. — Você está falando sério? Podemos nos banhar nela? — Olhei para a cachoeira que eu tinha visto no mapa e depois para ela. Nenhum de nós tomou banho durante dias. Tinha um banheiro

com um chuveiro em miniatura na casa de Rosaria, mas eu não entrava lá, e não achava que Livvy tivesse tentado. Eu tinha me limpado com um balde de água e um pouco de sabão, e tinha sido melhor do que nada, mas ficar totalmente submerso na água soava muito bem.

— Eu não vejo porque não. — Seguimos o som da água correndo até chegarmos a um clarão entre as árvores. Livvy respirou fundo ao ver a pequena piscina, uma pequena cachoeira fluindo entre duas rochas grandes. Deixou cair a mochila e começou a desabotoar as calças, parando de repente e virando-se para mim com um olhar hesitante no rosto.

— Você se importa se eu... — Eu sai da névoa em que estava, virando.

— Não, vá em frente. — Sentei-me em uma pedra próxima, em frente, mas longe da piscina de água para que eu pudesse ver apenas Livvy na minha visão periférica. Ela estava com sua blusa e calcinha e até isso foi o suficiente para me fazer sentir quente, nervoso. Eu virei minha cabeça, olhando para o sol da manhã, tentando esfriar meu sangue.

— Thomas, — Livvy chamou,

— Entre. A água está incrível. — Eu virei minha cabeça para vê-la em pé sob a queda da cachoeira, deixando a água lavar seu cabelo enquanto ria. *Oh Livvy, que porra você está fazendo comigo?* Eu me levantei, largando minha mochila ao lado da dela, e abri minhas calças. Ela parou debaixo da água e inclinou a cabeça para trás, para não me olhar. Eu despi minha calça e entrei na água, o contato frio da piscina rasa me fazendo suspirar em contentamento. Porra, isso é bom. Quando entrei um pouco, mergulhei, chegando ao lado de onde Livvy estava. Ela soltou um grito de surpresa, pulando e rindo.

— Como você fez isso? — Fiquei de pé, a água até a minha cintura, passando a mão pelo meu cabelo enquanto as gotas de água voavam do meu corpo, brilhando no ar.

— Fazer o quê?

— Nadar assim rapidamente? — Eu ri e ela piscou para mim, seus olhos se movendo da minha testa para a minha boca e parecendo... calorosa.

— Eu era um SEAL. A água é meu elemento. — Ela inclinou a cabeça, seus olhos descendo pelo meu peito, demorando-se enquanto lambia os lábios.

— Oh.

Sim, oh *Porra*. Eu podia ver o sutiã de renda branco de Livvy sob sua blusa, as sombras escurecidas dos mamilos. Seu cabelo estava penteado para trás e havia gotículas de água grudadas nos cílios. Ela era tão linda que minhas entranhas se apertaram. Carente, querendo. O sol passou por cima, encontrando uma ruptura nas folhas, o calor se movendo sobre a minha pele.

— Seus olhos, — ela respirou, olhando para mim, inclinando a cabeça como em reverência.

— Você sabia... eles ficam azuis sob a luz direta do sol? — A luz pegou a água em sua pele, fazendo-a brilhar. Ela era sol. Quente e brilhante, doce demais para esse mundo cruel e sujo. Boa demais. Uma libélula voou no ar, chamando a atenção de Livvy, e ela levantou o dedo. Aterrissou em sua mão estendida e seus olhos se arregalaram de prazer quando seu olhar encontrou o meu. O tempo parou, o rugido da água desapareceu quando a observei, algo enchendo meu peito. Eu não gostei disso. Luxúria.. Eu poderia lidar com a luxúria Mas isso... Não. Senti o perigo, a minha luta - só que, de alguma forma, isso era diferente. Ela me ameaçou de alguma forma que eu não conseguia definir e não sabia como me defender. Mergulhei de volta na água, mergulhando no frio, chegando do outro lado da piscina enquanto Livvy ria de onde ela estava. A libélula voara para longe. — Exibido, — ela chamou.

Dei um sorriso duro quando saí, sentindo seu olhar nas minhas costas, sentindo seu desejo, mas também sua confusão. Este empurra e puxa que nós estávamos lutando com cada grama de nós mesmos. Coloquei minhas calças de volta, sentando na

pedra, em frente. Eu podia ouvi-la cantarolar, mergulhando, mas me recusei a olhar para ela. Não podia.

Logo em seguida, ouvi os sons de salpicos de Livvy nadando até a praia e depois colocando as roupas dela de volta. Meu desconforto diminuiu um pouco, sabendo que ela estava vestida.

— Deus, isso é tão bom. — Ela suspirou satisfeita, sentada na rocha ao meu lado enquanto torcia o cabelo em um coque molhado. — Obrigado por parar.

— Você não tem que me agradecer. — Eu chequei seus pés e os enfaixei novamente. Rapidamente. Metodicamente. Embora eu pudesse sentir seu olhar enquanto eu trabalhava. Depois de calçar os sapatos, levantei-me, peguei minha mochila e comecei a andar. Eu a ouvi levantar sua mochila e ir atrás de mim. Depois de um minuto, o caminho se alargou e ela andou ao meu lado.

— Então, quais outros truques você pode fazer?

— Truques? — Minha voz soou cortada, mas estava cansado, com tesão, confuso e mal-humorado, quando nunca me sentira assim antes. Essa mulher me sacudiu, misturou-me e francamente, eu só queria um pouco de *paz*. O que eu fiz me envolvendo nessa confusão toda?

— Sim, você sabe, correndo longas distâncias, nadando como um peixe... — Ela olhou para mim com esse olhar em seu rosto, de adoração e enviou um raio de culpa através as minhas entranhas. — Eu nunca conheci um verdadeiro herói vivo antes e...

— Pare de olhar para mim desse jeito, — eu retruquei. Parei, virando-me para ela quando ela também parou. — Eu não sou herói.

Seu rosto caiu levemente, mas ela deu outro sorriso, levantando o queixo e cruzando os braços sob os seios ainda molhados. — Eu determinarei quem é um herói e quem não é.

— Oh, porque o seu julgamento das pessoas é tão bom. — O flash de dor foi instantâneo, e eu fiz uma careta, xingando quando desviei o olhar.

— Porra, Liv.

— Não, — ela balançou a cabeça, — você está certo. — Um vislumbre de confusão passou por suas feições. — Você pode estar certo. — Seus ombros caíram de repente como em derrota.

— Deus...

— Liv, merda, me desculpe. Eu não quis dizer...

— Não, está tudo bem. Eu entendi. Questionei o meu próprio julgamento

— Merda.

— Thomas?

— Estamos na beira de um campo de cocaína. — Sua cabeça balançou para a esquerda, depois para a direita, observando as fileiras de plantas que havíamos entrado, as pequenas flores vermelhas. Planta de coca. *Merda.*

— O que — Temos que sair daqui, Liv. — Os olhos de Livvy se arregalaram e ela pareceu tremer. Foi quando eu ouvi: vozes, um carro ou dois em marcha lenta. Congelei por um momento, ouvindo e então olhei de volta para Livvy, gesticulando para ela seguir. As vozes aumentaram em volume quando nos aproximamos, e pude sentir Livvy logo atrás de mim, procurando proteção. Eu parei atrás de uma parede de arbustos, agachando e gesticulando para Livvy para fazer o mesmo, segurando um dedo na minha boca. Ela assentiu em compreensão, seus olhos mais uma vez grandes de medo. Parecia que as pessoas conversando estavam quase na nossa frente e eu parei para ouvir suas palavras, estendendo a mão e usando um dedo para mover um galho ligeiramente. Através do pequeno espaço, pude ver dois carros, dois homens encostados nos veículos conversando, um fumando um charuto e vários

outros homens transportando caixotes do porta-malas de um carro para o porta-malas do outro. Enquanto observávamos, o homem que fumava o charuto de repente tirou a mão do bolso e o estalo agudo de uma arma soou. O homem com quem ele estava conversando momentos antes caiu no chão e Livvy respirava com medo ao meu lado.

— Levante-se muito devagar e jogue sua arma no chão, — disse uma voz profunda atrás de nós.

Merda.

CAPÍTULO 11

Livvy

A respiração profunda que eu acabei de dar saiu como um suspiro assustado e Thomas congelou ao meu lado. Balançando minha cabeça ao redor, vi um homem alto e corpulento segurando uma arma muito grande para nós, sua expressão firme e fria. Thomas amaldiçoou suavemente quando começou a se levantar. Eu o olhei com pânico, mas ele não olhou para mim. Eu também fiquei de pé, colocando minhas mãos no ar.

— Tire suas mochilas e jogue suas armas no chão, — disse o homem novamente, com os olhos grudados em Thomas. Ele falava inglês, embora sua voz tivesse um forte sotaque. Meus olhos correram para Thomas enquanto ele lentamente deslizava sua mochila de seus ombros. Segui o exemplo quando Thomas jogou a arma que estava em seu cós no chão aos pés do homem e, em seguida, removeu lentamente a faca presa ao cinto. O homem se inclinou devagar, com os olhos apontados para nós junto com o rifle, pegou a arma e depois a faca, enfiando a arma na cintura e puxando a faca da bainha, inspecionando-a rapidamente e depois atirando-a nos arbustos.. Ele gesticulou com sua arma.

— Agora mova-se.

Eu estava tremendo tanto que não tinha certeza se podia andar, mas o fiz, seguindo Thomas, que ainda não tinha olhado para mim.

Sua mandíbula estava apertada e sua expressão em branco. Quando saímos do meio do mato, os homens que estavam conversando e rindo pararam, suas expressões de surpresa, pararam onde estavam; o homem que fumava o charuto deixou cair no chão a seus pés. Ninguém se incomodou em mover o homem morto deitado no chão - aparentemente, ninguém se importava que o homem do charuto tivesse atirado nele onde ele estava.

Os dois homens carregando uma caixa a colocaram rapidamente e ambos puxaram armas, apontando-as para nós. O pânico me fez sentir tontura, e eu queria me aproximar de Thomas, mas não ousei fazer nenhum movimento que os homens que seguravam armas apontando pra nós não nos orientassem a fazer.

Agora, fora dos arbustos, notei algumas motos velhas ao lado, provavelmente pertenciam aos homens que moviam as caixas. O homem encostado no brilhante Mercedes estava vestido com um terno caro. O que era isso? Teríamos interrompido algum tipo de transporte de drogas do cartel? Eles obviamente contrataram homens armados para vigiar o perímetro do local que escolheram para fazer a troca, e nós entramos direto nisso. Tinha que ser drogas naquelas caixas, certo? Deus, o que importava? O ponto era que nós entramos no meio de... tanto faz. E o fato de termos testemunhado um assassinato tornaria impossível que eles nos deixassem ir embora. Eu ousei olhar para Thomas e sua expressão era enigmática, sua postura solta e aparentemente calma.

O que nós vamos fazer? O que poderíamos fazer?

O homem mais velho de terno preto adiantou-se, dizendo alguma coisa para Thomas que o fez franzir a testa, lançando a cabeça para mim.

Eu pisquei olhando entre eles, imaginando que parecia uma coruja aterrorizada. O homem tossiu, um som profundo e rouco provavelmente

por conta do charuto que ele fumou mais cedo. Ele disse algo em espanhol e Thomas disse em inglês:

— Peço desculpas, meu espanhol não é muito bom. Você fala inglês? — *Mentiu.*

O homem deu a Thomas um olhar confuso, mas disse: — Sim, eu falo um pouco de inglês. — Ele me deu uma olhada e depois olhou para Thomas.

— Para quem você trabalha?

— Não trabalhamos para ninguém. Estamos viajando pelo seu belo país. Se você nos deixar seguir em frente, não mencionaremos isso a ninguém. — O homem suspirou.

— Infelizmente, não posso contar com promessas de um estranho. Negócios são negócios, entende? — Ele olhou para mim e levou a mão ao rosto, acariciando o bigode. O homem com a arma grande - *Metralhadora* - estava entre Thomas e eu, e o homem de terno acenou com a cabeça para ele e disse algo em espanhol rápido.

— Nós realmente estávamos apenas caminhando, — Thomas disse, seus olhos encontrando os meus por um segundo, seus lábios se inclinando. — O homem lá... — ele apontou para o homem com a longa arma. — faça o elemento surpresa nele. — Ele olhou de volta para mim.

— Liv, nossa *melhor aposta* é ouvir o que ele diz, — disse ele, colocando uma ênfase sutil nas palavras melhor aposta.

Faça o elemento surpresa nele. Melhor aposta.

Quando ele disse isso antes? Minha mente aterrorizada lutou para lembrar.

Esse é o elemento surpresa. Mas a sua melhor aposta é dar uma joelhada no adversário nas bolas.

Água gelada encheu minhas veias, um zumbido frio. Oh Deus, foi isso que ele queria que eu fizesse? Eu não podia. Não podia. Não ousei olhar para o

homem ao meu lado com a arma, mas pude vê-lo na minha visão periférica. Ele estava perto. Muito perto. Os dois homens que estavam carregando o caixote também seguravam armas nas mãos, mas eram menores. Eles estavam prontos, mas não estavam mais preparados do que nós.

Não pense. Apenas faça isso, Livvy. Confie em Thomas e faça o que ele está lhe dizendo para fazer.

Sua melhor aposta.

Assim que captei o primeiro movimento do homem com a arma ao meu lado, joguei a cabeça para trás e comecei a chorar, grandes soluços estrondosos. O homem de terno disse algo em espanhol, e assim que o homem com a arma olhou para ele, eu girei, trazendo meu joelho para cima com toda a minha força e conectando com sua virilha enquanto ele soltava um grito estridente, curvando-se para a frente em choque. Eu vi seus braços levantarem quando eu imediatamente me joguei para trás, tropeçando nele enquanto ele tentava se endireitar. Ele ainda estava segurando a arma, e ela disparou quando ele caiu, um tiro selvagem em direção ao céu, e quando caiu, eu ouvi um som assobiando e, em seguida, uma faca alojada em seu peito com um som molhado. O homem gorgolejou, os olhos esbugalhados quando caiu na terra. Minha cabeça balançou para a direita, onde o homem do terno estava gritando de repente, outra faca se alojou em seus olhos quando ele caiu no chão e ficou imóvel. *Thomas, Thomas havia jogado as facas. De onde vieram todas essas facas?*

Mais tiros soaram, gritos, mas de repente houve mãos fortes no meu braço, me puxando e eu corri, meu coração batendo no meu cérebro enquanto os sons suaves de gritos, armas disparando, e o caos geral se seguia. Eu fui pega e então estava sentada em alguma coisa - uma motocicleta - quando Thomas pulou no banco na minha frente, girou a chave que ainda devia estar na ignição e gritou: — Se segure!

Eu passei meus braços ao redor de sua cintura enquanto a motocicleta balançava para frente, e soltei um grito chocado. — Isso vai ficar ruim, —

ele gritou, virando a cabeça para que eu pudesse ouvi-lo.

— Não solte. — Eu estava tão apavorada que não conseguia formar palavras. Apertei sua cintura com mais força, pressionando minha bochecha contra suas costas, esperando que ele entendesse que eu o ouvira e não tinha planos de soltar. Eu ouvi a segunda motocicleta atrás de nós e percebi que estávamos sendo perseguidos.

Thomas acelerou, e nós encontramos um terreno acidentado[3], voando por árvores e colinas pequenas, indo para o ar aqui e ali. Eu cerrei meus olhos e segurei por minha vida. Thomas desviou do caminho de terra em que estávamos, e um segundo depois estávamos voando ao longo do caminho asfaltado, andando mais lento, o vento batia no meu cabelo, que caíra do coque solto. Mas quando ouvi um segundo rugido atrás de nós e ousei olhar para trás, a outra motocicleta também virou na estrada e estava a uma curta distância. Eu ouvi Thomas xingar quando saiu da estrada, de volta para a cobertura das árvores, mas em terrenos acidentados que rangeram meus dentes e tiveram meu estômago na minha garganta.

Algumas vezes estávamos tão perto de uma árvore que me preparei para o impacto; Um grito se alojou na minha garganta enquanto me preparava para bater em um tronco duro. Mas ao invés disso nós corremos, tão perto que eu jurei que senti o cheiro de madeira da casca a poucos centímetros do meu rosto.

Por alguns minutos, o rugido do motor atrás de nós ficou fraco, e eu me permiti respirar, mas depois ficou mais alto e meu coração bateu na minha garganta novamente. Senti o braço de Thomas flexionar quando ele acelerou, e corremos a uma velocidade que tinha que ser suicida para o terreno em que estávamos.

[3] Terreno acidentado são terrenos com superfícies irregulares, com aclives e declives (altos e baixos) com relevos e depressões. Resumindo com curvas de níveis diferentes.

— Prepare-se, — ele gritou de volta para mim. — Segure forte! — *Prepare-se? Segure forte? Prepare-se para o quê?*

A pergunta foi respondida quando Thomas desviou repentinamente para o lado, batendo nas árvores, nossa velocidade desacelerando quando ele inclinou a moto para que eu sentisse que estávamos andando no chão e depois apertou o freio. Quando estávamos indo devagar o suficiente, Thomas desligou o motor, colocou o pé no chão para segurar a motocicleta e me empurrou antes que ela caísse em cima de mim. Nós dois deitamos no chão, ofegantes, as rodas da motocicleta ainda girando ao nosso lado. Passou outro minuto e a outra motocicleta passou voando pelo caminho que tínhamos acabado de pegar, uma nuvem de sujeira subindo sobre os arbustos que deixamos atrás.

Puta merda, puta merda, puta merda.

— Há uma encruzilhada pavimentada à frente. Eles não saberão para onde fomos. — Thomas rolou de costas, respirando duramente enquanto olhava para o céu, e ouvimos o som da motocicleta desaparecer. Um pássaro grasnou na árvore acima de nós, repreendendo-nos por perturbar sua paz. A umidade no ar ficou mais pesada e as gotas de chuva começaram a pingar suavemente nas folhas ao nosso redor, não um banho, mas gotas que causaram um vapor que subia misteriosamente do chão.

Nossas respirações misturadas desapareceram enquanto a selva soava ao nosso redor, os animais e insetos respondendo à chuva fraca: sussurros, palpitações, zumbidos e gritos de júbilo. Eu virei meu rosto para Thomas, e ele estava olhando de volta para mim, nossos olhares a apenas alguns centímetros de distância. Seus olhos escureceram, prateados para o bronze, suas pálpebras inclinando-se levemente, e eu olhei enquanto um estrondo alto soava no ar ao meu redor. Meu sangue estava zumbindo. Houve um súbito latejar, e eu não sabia se o trovão tinha vindo de cima ou de algum lugar de dentro de mim.

— Foda-se, — ele disse asperamente.

Eu não tinha certeza de quem se moveu primeiro, eu ou ele, mas de repente seus lábios estavam nos meus, quentes e exigentes, e eu gemi, um profundo som de desejo e anseio. Sua língua mergulhou entre meus lábios, e eu abri para ele ansiosa, chupando sua língua antes de usar a minha para girar e enrolar com a dele. Um gemido soou profundamente em seu peito, e isso me eletrificou, fazendo uma centelha quente de luxúria em espiral entre as minhas pernas e se acomodou lá pulsando. Seu peso veio sobre mim, e eu pressionei meu núcleo para cima, procurando, precisando, desesperada para ele preencher o vazio dolorido dentro de mim, para encontrar esse pulsar interior com o bater de seu corpo.

Eu envolvi minhas pernas em torno de seus quadris, inclinando os meus e esfregando contra seu eixo duro como pedra que deslizou tão deliciosamente contra o meu clitóris inchado. *Oh Deus, isso é tão bom.* Eu parei de beijá-lo e ofeguei, um som de desespero, de luxúria crua quando inclinei minha cabeça para trás, meus dedos agarrando sua bunda para pressioná-lo mais perto, mais perto, mas não perto o suficiente.

— Eu preciso parar, ou vou foder você aqui mesmo no chão, — ele disse, sua voz grave, torturada.

— Sim, — eu ofeguei. Ele soltou um gemido sufocado, sua respiração quente se agitando contra a minha pele.

— Você se arrependeria, — ele mordeu meu pescoço e eu gemi — Eu não posso...

Arrepender do quê? Eu não conseguia organizar meus pensamentos, era apenas uma massa derretida de sensação e desejo. Por que eu iria me arrepender disso? Foi mágico. Uma magia encantadora, girando e cintilante. Algo havia despertado dentro de mim, algo maravilhoso. — Não, — respirei. — Eu não vou.

Thomas gemeu e então sua cabeça foi para baixo, sua boca no meu mamilo através do material fino da minha regata. Eu gritei quando ele chupou profundamente, outra espiral de luxúria balançando através do meu núcleo e aterrissando em um pulso quente no

ápice das minhas coxas. Ele balançou contra mim, usando seus quadris para fazer círculos lentos exatamente onde eu mais precisava dele, e me senti tão bem. Eu estava perdendo a cabeça, agarrando o cabelo dele, ofegante, meu sangue fumegante, quente, correndo, meus mamilos formigando e duros, e entre minhas pernas escorregadias e macias. Estava pronta.

Eu corri minha mão sobre a dura onda de sua bunda, os músculos tensos de seus braços, e sobre a massa sólida de suas costas, subindo aqueles ombros largos enquanto ele continuava esfregando seus quadris, aqueles círculos lentos me guiando mais alto, mais alto até o mundo inteiro explodiu em uma cascata branca de estrelas cadentes. Eu gritei, estremecendo, pulsando, o prazer tão intenso que eu nem sabia se deveria chamar prazer. Porque eu nunca senti nada assim. E de repente toda as velhas palavras que usei para descrever o sexo pareciam fracas e sem sentido. Por um momento, tudo ao meu redor - o mundo inteiro - pareceu novo e... diferente.

Pisquei olhando para o céu quando a realidade fluiu de volta como água fria. Não estava mais chovendo e o trovão e o raio se afastaram enquanto nós estávamos... entrelaçados, juntos. Eu estava deitada na grama, minhas mãos ainda no cabelo de Thomas, a motocicleta em que tínhamos feito uma corrida selvagem deitada completamente imóvel ao nosso lado. Eu movi meu rosto para frente e encarei os olhos de Thomas. Ele estava olhando para mim com um olhar no rosto tenso e imóvel. Era como se ele estivesse esperando pela minha reação e não tivesse certeza do que seria.

— Você está bem? — Ele perguntou cautelosamente. Eu pisquei para ele, minha mente ainda nublada, a luxúria se dissipando lentamente como a névoa subindo no chão da floresta.

— Sim, eu disse. Eu nunca percebi que poderia ser assim... nunca experimentou esse nível de intensidade pelo toque de um homem. — Eu soltei uma respiração lenta. — Sim.

Ele deve ter percebido minha surpresa porque vi o breve clarão de satisfação em seus olhos. Meu Deus, só um punhado de dias com este homem e estava aprendendo a ler suas expressões quando ele parecia incapaz de qualquer emoção quando o conheci. Ele manteve suas reações em segredo durante a maior parte, mas não completamente, pelo menos não comigo. Ele se afastou, para o lado, então estava deitado ao meu lado. Ele gemeu, trazendo um braço sobre os olhos.

— Deus, você não tem ideia do quanto adoraria sentir você gozando enquanto estou dentro de você, — ele murmurou quase como para si mesmo. Um raio de luxúria passou através de mim, um pequeno tremor secundário, provocado só por suas palavras. *Enquanto estou dentro de você*. Meu Deus. Tomei consciência de um leve pulsar dentro e percebi que eu ainda estava desejando ser preenchida, ainda em falta de um delicioso alongamento que não tinha acontecido. O que também levou à percepção de que ele provavelmente estava desesperado para gozar. Olhei para a sua virilha e vi o contorno completo de sua ereção pressionando contra o tecido grosso de sua calça cargo.

— Eu, ah... — Ele olhou, seguindo a direção do meu olhar e sentando-se. — Eu vou viver. — Ele ficou de pé lentamente, fazendo uma careta. — Talvez. — Ele estendeu a mão e eu peguei.

Eu ainda me sentia desequilibrada, mas também estava começando a me sentir um pouco envergonhada, meio que culpada por deixá-lo em um estado muito menos completo do que eu estava desfrutando atualmente - fisicamente, pelo menos.

— Eu não teria parado as coisas. — Minhas bochechas se aqueceram novamente e eu desviei o olhar. — Quero dizer... se você... — Ele parou por um momento.

— Não quero que você faça algo que você acabará se arrependendo. Eu não pude evitar beijar você, Livvy. Porra, eu quero você. Não vou negar isso. Mas você e eu... nós só.... — Ele balançou a cabeça, parecendo frustrado, irritado, talvez até um pouco triste.

— Você o ama?

Por um momento eu não tinha ideia de quem ele estava falando, então percebi, e minha garganta se apertou. Eu olhei para o chão onde momentos atrás nós estávamos entrelaçados juntos, eu praticamente implorando para ele fazer o que quisesse com o meu corpo, quando eu o contratei... para me levar em segurança ao meu noivo. Essa atração, essas emoções estavam crescendo a cada dia, e me senti impotente para impedi-las. E ainda... no entanto, eu vim até aqui para confrontar outro homem e, se necessário, para tranquilizar o homem com quem eu dissera que passaria minha vida com o fato de que não o abandonaria, mesmo que tivesse cometido erros. Eu vivi e respirei esse compromisso por tanto tempo e agora... o que agora?

Alguns dias passados com outro homem e eu estava hesitante, tendo dúvidas e me divertindo. Beijando-o. Contorcendo-se no chão sob seu peso maravilhoso. Eu era tão inconstante? Seria inconstante? Que tipo de pessoa eu era?

Você o ama?

Nenhum homem quer levar uma cobra para a cama.

— Você deve pensar que sou tão imoral quanto Carmen. — Eu mal sussurrei as palavras em minha vergonha. Ele franziu a testa, estudando-me por um momento, seus lábios afinando e algo duro entrando em seus olhos.

— Não. Ele deixou você, — ele disse simplesmente, obviamente entendendo meu significado.

Mordi meu lábio, me sentindo envergonhada, incerta. Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, Thomas foi até a moto e a pegou. Claro que ele fez isso parecer fácil também. Tinha que pesar muitos quilos.

— Nós deveríamos ir. Eu diria que a estrada está provavelmente limpa agora.

A estrada está provavelmente limpa.

Certo. Nós tínhamos sido perseguidos por traficantes de drogas atirando contra nós. De alguma forma tinha esquecido quando Thomas colocou seus lábios nos meus e colocou seu corpo em cima de mim.

Nós dois estávamos encharcados da chuva leve, mas o tempo estava quente para que não houvesse risco de frio. Eu subi na motocicleta atrás de Thomas e passei meus braços ao redor de sua cintura. A primeira vez que eu andei dessa maneira, fiquei apavorada na minha mente - para não mencionar que ele não tinha me dado um orgasmo com nada mais do que beijos quentes e seu corpo se movendo em cima do meu - mas dessa vez estava completamente consciente da pressão de nossos corpos, grudados por nossas roupas molhadas.

Se eu pudesse, fugiria, me afastado um pouco daquele homem que abalou tanto meus sentidos e me fez questionar …tudo. Mas isso não era possível, então segurei seu corpo duro enquanto ele ligava a motocicleta e voltava para a estrada de terra.

Ele deixou você.

Fechei os olhos enquanto viajávamos, sabendo de alguma forma, toda a minha vida tinha acabado de mudar. Eu só não tinha certeza se queria pensar sobre o que isso significava.

CAPÍTULO 12

Thomas

Eu fiz questão de *não* evitar os buracos e os pedregulhos na estrada, porque precisava continuar me torturando para não desligar aquela maldita motocicleta e me pressionar entre as pernas dela como se estivesse praticamente morrendo de vontade de fazer. *Porra, foda-se, foda-se.* Nós estávamos andando por meia hora, e eu ainda tinha uma ereção implorando por libertação. Afastei meu pensamento para longe do gosto que ela tinha, o jeito que ela tinha se desfeito debaixo de mim, o jeito que eu me senti meio louco de luxúria por ela.

Olhei de volta para Livvy e apontei para a frente, onde a turquesa cintilante do mar do Caribe apareceu à distância. *Palomino*.

Estávamos chegando ao fim e eu não sabia o que fazer. Eu queria avisar a Livvy no que ela estava se metendo. Queria incluí-la no meu plano. Mas sabia que isso era idiota - havia muita coisa aqui para eu começar a fazer escolhas que estragariam tudo. A mulher usaria a informação neste seu lindo rosto. E o seu noivo iria enxergar em um piscar de olhos - inferno, qualquer um faria.

Porra, tinha sido tão fácil quando acreditei que ela não era nada mais do que uma riquinha tola.

Estava bem em deixá-la viver com suas próprias consequências, se ela estava sendo manipulada ou não. Mas agora... Deus, agora tudo se contorceu e virou, e eu caí de cabeça para baixo. Livvy queria resgatar pessoas porque ninguém a salvou. Eu entendia a necessidade, o impulso ardente. Inferno, eu vivi isso. Mas Livvy havia mirado na pessoa errada, e ela aprenderia a lição da maneira mais difícil. Porra, se isso não fizesse com que um pedaço do meu coração - o que eu não sabia que ainda tinha - quebrasse.

Ela, como eu, olhava o brilho das janelas de estranhos, desejando saber o que era fazer parte de uma família calorosa? Pertencer a outros? Se. . . importar? Não ser o único sempre de pé lá fora, com frio e sozinho? *Talvez.* Mas esta mulher com os olhos sonhadores ainda usava o coração sob a manga. Ela ainda estava com o rosto pressionado contra o vidro - seu anseio transparente - enquanto eu me virava para longe, sem vontade de ser o único olhando para sempre novamente. *Nunca* mais.

Meu coração apertou com a lembrança do jeito que me olhou quando disse a ela sobre os cachorros, minha mãe, a crueldade do meu tio, a indiferença da minha tia. . . A simpatia crua em seus olhos havia tocado um lugar dentro de mim que eu não reconhecia há muito, muito tempo. As pessoas com quem eu contava para me salvar viraram as costas. Eles olharam para o outro lado quando eu sofri. Mas quando olhei para ela, percebi que Livvy não faria isso. *Nunca.* A mulher lutaria como um gato selvagem pela família que teria um dia. Ela viajaria através das selvas ou através dos desertos; ela arriscaria sua segurança e seu orgulho, nunca desistindo, não importava o custo.

Ela poderia ser uma maldita idiota, afinal.

E eu poderia estar apaixonado por ela.

E daí? O que isso importava? Essa situação toda era fodida. Livvy me odiaria em breve, e se ela não o fizesse, eu não tinha nada para oferecer. As coisas que Livvy queria - as mesmas coisas pelas quais ela estava se arriscando - eram exatamente o que eu *não poderia* fornecer.

Não só isso, mas independentemente do que aconteceu em Palomino, e apesar da confusão da nossa atração física, ela ainda estava emocionalmente ligada a outro homem. Com esse pensamento, o ciúmes em brasa queimou minhas veias, e eu apertei minha mandíbula para que o grunhido subindo pela minha garganta não saísse.

Nós deixamos a moto fora da cidade para a qual eu estava indo, escondendo-a em um arbusto ao lado da estrada. Infelizmente, não houve tempo para pegar nossas mochilas quando escapamos dos traficantes de drogas, mas felizmente eu tinha nossas carteiras.

Entrar naquela situação tinha sido um golpe espetacular de má sorte - mas Livvy tinha feito exatamente como eu havia sinalizado para ela fazer. Deus, o medo mais a força em seus olhos. Diante de um maldito barão das drogas, ela não só se lembrou do que eu disse a ela, mas seguiu completamente em frente. Eu me senti muito orgulhoso dela, de. . . nosso trabalho em equipe. Desde que deixei os SEALs, eu me considerei um lobo solitário. Não que eu quisesse encarar mais perigo com Livvy nunca mais - *porra não* - mas o sentimento de parceria com uma mulher era... Novo.

Diferente.

Assustador.

Estúpido.

— Como vamos comprar os bilhetes? — Livvy perguntou quando a estação de ônibus apareceu.

— Minha carteira está no meu bolso. — Eu parei, olhando para minhas calças cargo. — Sua identidade e passaporte também estão.

— O quê? Estava na minha mochila.

— Eu peguei em Rionegro.

— Por quê?

— Eu pensei que era mais seguro carregá-lo no meu corpo.

— Eu não deixei minha mochila fora da minha vista. Como você conseguiu isso? — Dei de ombros, indo em direção ao prédio com um ônibus vermelho esperando do lado de fora. — Habilidade necessária.

Ela fez um som de aborrecimento.

— Você poderia ter me pedido.

Me virei para ela, parando, e ela parou, tropeçando em mim. Eu a firmei e recuei.

— É o que eu faço.

Ela piscou para mim, assustada, seus olhos se movendo em meu rosto. Ela estava surpresa, confusa. *Bom.*

— Eu roubo e minto. Minto para as pessoas que eu gosto e para as pessoas que eu não gosto. Faço o que tenho que fazer para terminar o trabalho. Faço coisas que não gosto de fazer porque são necessárias. Às vezes eu mato. Eu não gosto disso também, mas algumas pessoas são um flagelo na terra, e não há outra escolha. Algumas pessoas são tão malditamente perversas que você não tem ideia das profundezas de sua depravação, Livvy, você não pode nem imaginar. Então sim, faz parte do meu trabalho.

Sua expressão ainda estava aturdida, mas agora havia algo mais em seus olhos: simpatia e... orgulho. Meu coração falhou.

— Você sonha como eu. Apenas... você é mais abnegado do que eu, Thomas. Você sonha para os *outros.* Você já esteve com medo, sozinho. — Ela inclinou a cabeça, olhando nos meus olhos, minha alma. — Então você resgata aqueles que ainda estão.

Algo estava se apertando em volta do meu peito. Uma corda invisível. Uma prensa que não consegui remover.

— Resgato?

— Sim, — eu respirei, sem pensar.

Durante algum tempo nos encaramos. Ela se inclinou sobre as pontas dos pés e me beijou,

seus lábios macios roçando minha pele, deixando o calor em seu rastro. *Raio de sol.* Então ela levantou o queixo e disse:

— *Isso é o* que faz de você um herói.

Ah, Jesus Cristo Todo Poderoso. Eu ia pular na frente do ônibus ao invés de entrar nele. Com esforço, eu abandonei o sentimento que tinha vindo sobre mim com suas palavras, sua percepção. Isso não estava ajudando em nada.

— Vamos lá. Nós temos uma carona para pegar. — Até eu pude ouvir a resignação no meu tom, agarrei a mão dela e me virei, indo para o balcão.

***

Eu soube por Josh que a empresa de ônibus ainda estava funcionando, embora apenas dois dias por semana. Se o dono tinha um depósito de combustível ou algo assim, eu não sabia e não me importava. Eu estava muito grato por não termos perdido nossa oportunidade de pegar uma carona ao invés de caminhar. Eu normalmente não me importava com a natureza física da caminhada, mesmo com o exercício extenuante de correr, mas isso me permitia muito tempo gasto em minha própria cabeça, e neste momento, isso era a última coisa que eu precisava.

O ônibus estava meio cheio de gente, e Livvy e eu sentamos perto dos fundos. Nós estávamos na estrada apenas cerca de quinze minutos, quando de repente senti a cabeça de Livvy no meu ombro. Ela estava dormindo. Eu não estava surpreso - toda aquela adrenalina de mais cedo. O ônibus avançou, o Caribe criando uma vista deslumbrante pela janela. Fechei meus próprios olhos, o preço do que nós tínhamos experimentado antes me alcançando também.

Senti o ônibus diminuindo, os freios rangendo ruidosamente e abri os olhos. Livvy mudou sua cabeça para o meu peito. Eu tinha um braço ao

redor dela e a outra em seus cabelos, meus dedos entrelaçados nos fios macios. Por um momento eu me permiti aproveitar - minhas mãos nela, protegendo-a, confortando-a, respirando-a.

Por um momento, me permiti fingir que isso poderia ser real. Eu levantei minha cabeça, uma espécie de tristeza me dominando. Este momento nunca poderia durar. Livvy começou a se mexer. Com cuidado, eu tirei minha mão do seu cabelo, ela se sentou, piscando cansadamente. — Oh meu Deus, eu dormi como os mortos, — disse, bocejando e olhando pela janela. — Eu nunca dormi tanto assim. — Sua voz ainda estava um pouco arrastada, profunda e aquecida com o sono e isso tomou conta de mim. Era assim que ela soava pela manhã - eu sabia porque tinha acordado com ela por quatro manhãs agora. Mas e se eu acordar com aquela voz bem no meu ouvido enquanto a mão dela vagava pelo meu corpo, acariciando, afagando. Eu rolaria em cima dela e empurraria dentro do seu calor úmido fazendo-a gozar tão forte - *Pare com isso. Porra, pare com isso.*

— Choque de adrenalina, — eu disse um pouco bruscamente e Livvy olhou para mim antes de alisar o cabelo dela para trás.

— Foi por causa disso? Você deve ter caído também, então.

— Eu dormi um pouco. Mas estou acostumado a controlar os efeitos da adrenalina.

Seus olhos se demoraram em mim. — Hmm. — Ela fez uma pausa, inclinando a cabeça. — Você gosta disso, não é? Você deve ser um caçador de emoções. Não é?

O ônibus parou e as pessoas começaram a se levantar, pegando as malas do compartimento acima do assento. Teríamos que esperar que as pessoas saíssem antes que pudéssemos sair. Eu pensei sobre a pergunta dela por um minuto. — Sim, eu sou.

Ela assentiu lentamente, tomando o lábio entre os dentes. Ela sorriu, embora tristemente. — Você está no trabalho certo então.

Nossos olhos se encontraram e eu assenti. Esse trabalho em particular ia me matar, mas sim, sim, estava no trabalho certo.

Infelizmente.

— Um caçador de emoções e uma pessoa caseira. Somos um casal engraçado, não somos? — ela perguntou suavemente. *Engraçado.* Então, por que eu não quis rir?

— Onde você mora, afinal? — Ela tentou ser indiferente, mas falhou.

— Em nenhum lugar. Em todo lugar. Eu não mantenho uma base. Não há razão para isso.

— Entendo. — Havia algo ainda mais sombrio em seu tom e enquanto esperávamos o corredor esvaziar, estávamos ambos quietos.

— Quem é Lobo?

Eu congelei, meu olhar indo para Livvy. — O quê?

— Lobo. Eu acordei por um segundo... e ouvi você dizer a palavra.

— Não é nada, — eu disse inexpressivamente, sentindo um frio passar por mim. Eu não tinha pensado nesse nome em anos. *Por que eu estava murmurando em meu sono?*

Os outros passageiros avançaram, e eu fiquei de pé rapidamente, precisando sair desse ônibus, dando um passo atrás para que Livvy pudesse passar por mim. Ela tinha manchas de grama na bunda e a manga de sua camisa tinha um rasgo. Nós precisaríamos encontrar roupas novas... um lugar para ficar. Mais uma noite então amanhã tudo mudaria. Meu estômago apertou.

Lobo.

Não, não pense nisso.

O sol me atingiu no rosto, e eu levei um momento para olhar em volta, observando os detalhes do novo ambiente. Esta cidade obviamente foi duramente atingida pelos desastres naturais - o terremoto

derrubou prédios e o tsunami havia deixado sua própria bagunça. Eu podia ver linhas de água em muitas das estruturas intactas, e no final da rua um barco estava deitado de lado, obviamente tendo sido levado pelo mar e ainda não removido. Esta era uma cidade turística, e eles dependiam da renda proveniente do turismo, e isso tinha sido completamente levado embora. Mesmo assim, os moradores que tinham coisas para vender estavam abertos para negócios, muitas lojas instaladas com mesas na rua. Talvez eles vendessem alguma coisa que fosse irrelevante. Talvez o propósito de abrir de novo era mais sobre esperança do que dinheiro, embora eu tivesse certeza de que ele também era bem-vindo.

Havia uma velha com pele morena enrugada vendendo papaias e bananas maduras, então comprei um copo de fruta cortada para nós dois. Livvy gemeu enquanto comia um pedaço de mamão açucarado e meus olhos foram para sua boca e depois para longe, recusando-me a deixar meu olhar se demorar em seus lábios macios e doces com suco de frutas. Eu estava com fome também, então comi a fruta, sabendo que ambos precisariam de algo mais substancial, mas pelo menos eram algumas calorias para nos levar até lá. A outra fome seria ignorada. *Eu estava acostumado a me privar, não era?*

— Vamos ver se podemos encontrar algumas roupas decentes e alguns produtos de higiene pessoal, — eu murmurei. — E depois vamos encontrar um lugar para ficar. Amanhã acordaremos cedo e estaremos em Palomino à tarde.

Livvy fez uma pausa, olhando para mim, e eu vi o medo que veio em seus olhos. Mas ela respirou fundo e assentiu. — Uma mudança de roupa seria ótimo.

Alguns passos além da mulher que vendia frutas, havia uma loja com algumas peças de roupa penduradas do lado de fora - itens turísticos principalmente - e uma mulher sentada em uma cadeira de balanço ao lado da porta aberta. Ela era mais velha, na casa dos cinquenta talvez, mas ainda bonita, com mechas de prata nas têmporas e olhos profundos de chocolate. — *Buenas*, — ela

cumprimentou. Sua testa franziu e algo que parecia desaprovação entrou em seu olhar quando olhou para Livvy. — *Usted estuvo aquí la semana pasada*. — *Você esteve aqui na semana passada.*

Livvy deu-lhe um sorriso de desculpas e balançou a cabeça para que ela soubesse que não falava espanhol. A mulher parecia confusa quando olhou para ela.

— Ela não fala muito espanhol, — eu disse à mulher em sua língua nativa. — E você está enganada, nós nunca estivemos aqui antes.

A mulher sacudiu a cabeça. — *Não, eu tenho certeza disso. Não você, mas ela, ela esteve aqui semana passada com outro gringo.*

Eu balancei a cabeça. A mulher estava obviamente confusa, mas mesmo assim, um arrepio estranho desceu pelas minhas costas. Alguma coisa parecia ruim, mas não consegui pensar em uma explicação, então descartei. Eu não conhecia essa mulher - pelo o que sabia, ela podia estar sofrendo de uma doença mental. — Precisamos de algumas roupas, — eu disse. — Nossas malas foram perdidas e precisamos comprar o necessário.

Por um momento a mulher não respondeu a mim, ainda olhando entre Livvy e eu com aquela expressão confusa em seu rosto. Mas ela sacudiu a cabeça minuciosamente e sorriu. — Entre na minha loja. Todo os itens de dentro estavam em minha casa e foram salvos da água. Eu acho que você vai encontrar o que você precisa.

— Ótimo. — Peguei o braço de Livvy e comecei a conduzi-la para dentro da loja. Voltando-me para a mulher, eu disse: — Você sabe onde podemos alugar um quarto para a noite?

— *Sim. Há um hotel no rochedo que sofreu danos mínimos. Eles instalaram muitas pessoas da cidade cujas casas foram perdidas, mas eles terão um espaço para clientes que pagam.*

Eu assenti. — *Gracias.*

Meia hora depois, tínhamos roupas limpas e os poucos produtos que a mulher fornecia em

sua loja — enxaguante bucal, pente, protetor solar e hidratante labial. Nós teríamos que esperar que o hotel pudesse fornecer um pouco de sabonete e um frasco de xampu.

O prédio branco que se erguia acima da cidade ficava a cerca de vinte minutos a pé de sua loja. Havia um caminho ao longo do penhasco e nós o pegamos, o azul cintilante do Caribe se estendendo em direção ao horizonte. O dia estava quente e tranquilo, uma leve brisa soprava da água, o sol brilhava ao longo das ondas que quebraram contra as rochas. Por um momento pareceu impossível que algo tão bonito tivesse criado tanta devastação. O mar havia retornado ao seu estado pacífico tão facilmente como tinha exercido sua fúria.

Livvy e eu estávamos quietos enquanto caminhávamos. Ela parecia perturbada, perdida em seu próprio mundo, e eu me sentia tenso também, um pouco de arrependimento queimando em minhas entranhas. O zumbido familiar que eu sentia quando o confronto se aproximava era, em vez disso, um nódulo frio de pavor. Eu não poderia entrar amanhã me sentindo assim. Precisava me distanciar de Livvy hoje à noite - apenas uma noite. Poderia passar por essa noite e fazer o que tinha que fazer. Eu faria.

Eu queria fazer o registro em dois quartos separados, então não teria que olhá-la pelo resto da noite. Queria passar o tempo sozinho, reforçando a importância deste trabalho em vez de me perder naqueles grandes olhos azuis. Mas eu não arriscaria sua segurança nesta cidade desconhecida em um hotel desconhecido, quando só precisava assegurar seu bem-estar por mais vinte e quatro horas.

E então o quê?

Eu realmente a deixaria na Colômbia com um homem que não chegava nem perto de merecê-la? Que iria usá-la e depois jogá-la fora?

Porra, não pense nisso. Não considere o que vai acontecer com Livvy. Não é da sua conta.

Sim, porra sim, vou deixá-la na Colômbia para sofrer as consequências, porque esse é o meu trabalho.

Esta noite, eu ficaria longe dela.

Por ela *e* por mim.

Esta noite, quando ela dormisse, encontraria uma mulher disposta e aliviaria a dor em minhas entranhas. Eu queria aliviar essa dor com Livvy - queria tanto que mal podia enxergar direito - mas não podia arriscar isso. Isso mudaria tudo, e eu não podia me permitir isso. Agora não. Nunca.

CAPÍTULO 13

Thomas

O hotel ainda estava lindo. Um diamante intocado entre os escombros que o rodeavam. O exterior branco brilhava ao sol e, dentro de enormes palmeiras, protegia o saguão de mármore. Havia pedaços de móveis contra as paredes que obviamente não pertenciam ao espaço - talvez pedaços que as pessoas da cidade puderam salvar, mas que não tinham mais lugar para guardar. As áreas de estar estavam cheias de pessoas tagarelando em espanhol e crianças corriam pelas largas colunas de mármore.

Fomos para a recepção, onde mais itens domésticos estavam guardados atrás dos balcões e quando eu toquei a campainha, uma mulher veio da parte de trás, parecendo surpresa ao nos ver. Eu pedi um quarto, e a mulher assentiu, dizendo que só tinham apenas um reservado no caso de hóspedes. — Estou surpreso em ver alguém viajando nessa área, — ela disse enquanto nos checava.

— Minha esposa e eu estávamos viajando pela Colômbia quando o terremoto aconteceu, — menti. — Infelizmente, perdemos nossas malas ontem, incluindo nosso equipamento de acampamento.

A mulher assentiu. — Ah— Ela me deu um olhar conhecedor. — Há muitos ladrões que querem tirar vantagem de qualquer um e de todos.

— Eu acho que é da natureza humana.

— Ah, mas não. Algo deu errado com essas pessoas. Isso... — ela gesticulou ao redor da sala onde tantas pessoas que se viram sem lar agora viviam temporariamente — é a natureza humana. Ajudar um ao outro. O dono deste hotel é um homem muito gentil.

Suas palavras fizeram algo apertar dentro de mim, mas eu dei a ela um aceno de cabeça em reconhecimento e tomei nosso cartão-chave de sua mão estendida.

Alguns minutos depois, destranquei o quarto no segundo andar, no final do corredor. Era pequeno mas repleto de charme espanhol - tetos com vigas pintadas, piso de cerâmica e varanda com vista para o pátio onde as pessoas se misturavam e conversavam. O banheiro contava com um grande chuveiro com azulejos em uma parede baixa e um banco ocupando um lado inteiro do espaço.

Eu verifiquei as janelas e olhei nos armários, Livvy me observava com interesse. — Você faz uma varredura por toda parte que você vai? Mesmo quando você não está trabalhando?

Dei de ombros. — É hábito. Eu preciso conhecer o que me rodeia, onde estão as saídas. Eu já cruzei com muitas pessoas perigosas. Não seria sensato ser complacente.

Seus olhos demoraram no meu rosto, mas ela balançou a cabeça, voltando-se para a cama onde colocou a sacola de suas compras. — Eu acho que vou tomar um banho e me trocar. Parecia que eles estavam servindo comida no pátio. Você quer ir jantar?

— Eu vou sair hoje à noite, — eu disse categoricamente. Ela se virou para mim, com uma camiseta presa em suas mãos, a expressão estupefata. Eu queria me encolher sob o olhar cru de dor em seus olhos, mas não o fiz. Ela tinha que saber que era assim que precisava

ser. Não só para mim, mas para ela também. Nós dois estávamos tensos, confusos e passar o tempo juntos hoje à noite só complicaria ainda mais... tudo.

— Sair? — Ela sussurrou. Foi o mesmo olhar de mágoa em seus olhos quando me confrontou sobre Carmen. Ela entendeu o que eu quis dizer.

— Sim.

— Eu entendi, — ela disse.

— Eu sei.

Seus punhos apertaram o tecido em suas mãos, os nós dos dedos ficando brancos.

— E você está... você está certo. Claro. Eu não estou exatamente... bem, disponível. — Suas sobrancelhas se uniram. — E você está fazendo um trabalho. Você está... bem, não vou te ver novamente depois de amanhã, vou?

— Não.

Um lampejo de dor atravessou seu olhar, uma espécie de hesitação interna, e senti uma pontada em minhas próprias entranhas em resposta.

— Eu vou tomar um banho rápido, então vou arranjar alguma comida para nós.

Ela assentiu com a cabeça, um movimento brusco e exalou uma respiração rápida.

— Obrigada. Eu deveria me recolher cedo de qualquer maneira. Amanhã...— Ela deixou o pensamento inacabado, mas eu suponho que era o suficiente. *Amanhã.* A palavra ficou entre nós como uma coisa viva, respirando.

Nossos olhos se detiveram novamente por um instante antes que ela assentisse, virando-se para a cama. Afastando-se.

Tomei banho o mais rápido possível e, quando saí, Livvy estava sentada na cama, olhando através dos folhetos que estavam na mesa de cabeceira. Eu

sabia que ela não sabia falar espanhol, muito menos ler; ela estava fazendo isso para tornar mais fácil para eu sair pela porta. Eu estava agradecido. Com algumas palavras murmuradas que estaria de volta, saí do quarto e fui em direção ao saguão. A mesma mulher estava em pé no meio do espaço, rindo com algumas outras mulheres, uma das quais tinha um bebê em uma tipoia no peito.

Ela se virou para mim com um sorriso questionador, e eu perguntei sobre a comida que tinha visto sendo levada para o pátio quando nós tínhamos caminhado para as escadas. — É um buffet. Sirva-se com alguns pratos. As pessoas estarão trazendo coisas de toda a cidade, então é uma mistura. — Ela riu. — Mas espero que você encontre algo a seu gosto, e para a sua esposa também, é claro.

Minha esposa.

Eu limpei minha garganta, tentando afastar a dor no meu peito. — E, ah, você pode me dizer onde eu posso encontrar algum... entretenimento?

A mulher inclinou a cabeça, um olhar de desaprovação entrando em seus olhos. Ela assentiu. — Existe um bar no final da rua, se é isso que você está procurando. — Eu balancei a cabeça uma vez, embora ela já tivesse olhado para longe.

Lá fora o sol estava se pondo, lavando o espaço do pátio em tons de ouro, as telhas pintadas brilhando a última luz do dia. Pratos de comida estavam sendo colocados em uma longa mesa sobre a projeção de uma sombra. Lá havia carne grelhada, legumes assados, arepas, empanadas, banana-da-terra e um pote de feijão vermelho.

— Sirva-se, — disse um homem, sorrindo enquanto colocava uma grande tigela fumegante de arroz de coco na mesa. — É para todos.

Eu balancei a cabeça, servindo dois pratos.

Quando entrei no quarto de novo, o som do chuveiro me cumprimentou, o vapor vindo da fenda da porta. Eu hesitei, colocando o prato de

Livvy na mesa de cabeceira. Eu comi um pouco, mas mesmo estando com fome, a comida desceu como serragem. Eu me forcei a terminar a maior parte.

Escutei o barulho da água no piso do chão enquanto Livvy lavava seu corpo. Meu pau inchou e eu de repente me senti quente, encurralado. Eu precisava sair antes que Livvy saísse do banho, molhada, sua pele brilhante e rosa do calor da água. *Ah Deus. Porra.* Eu peguei o bloco de papel ao lado do prato de comida de Livvy e escrevi uma nota rápida dizendo que eu voltaria mais tarde, para não esperar. *Por favor não.* Quando me inclinei para trás, vislumbrei o reflexo de Livvy no espelho através da fresta na porta do banheiro. Sua cabeça estava inclinada para trás sob o jato da água, os braços levantados para o rosto e os seios nus à mostra. Eles eram cheios e redondos, com mamilos firmes cor de rosa. Minha respiração engatou e eu quase gemi, ficando mais duro. Se eu entrasse lá agora, o que ela faria? Se eu pisasse no chuveiro e... *foda-se.* Eu larguei a caneta e me endireitei, forçando meus olhos para longe daquela pequena visão de Livvy.

Virando, eu fui para a porta, não me dando a chance de mudar de ideia.

***

O bar estava escuro e esfumaçado, turbulento e barulhento. É o que eu estava procurando. Música tocava, uma batida sensual isso ajudou a abafar meus pensamentos tumultuados. Sentei-me no bar e pedi uma cerveja, trazendo a garrafa para os meus lábios enquanto dei uma olhada casual ao redor. Tomei a cerveja e pedi outra. Depois de mais ou menos uma hora, uma mulher no final do bar chamou minha atenção, desviando o olhar e depois recuando. Eu dei a ela uma inclinação irônica dos meus lábios e os olhos dela brilharam quando se levantou, aproximando-se. Ela era jovem e bonita, com cabelos castanhos, pele dourada e olhos escuros, um pouco mais curvilínea do que eu normalmente procurava. Mas ela estava olhando para mim com o interesse de uma mulher, e eu precisava da distração.

Precisava aliviar a terrível tensão sexual dentro de mim, e essa mulher ajudaria a conseguir isso.

Eu deixei meus olhos se moverem pelo seu corpo voluptuoso, deixando-a saber que estava interessado também. — Você me parece um homem à procura de problemas, — ela disse enquanto se aproximava de mim, um brilho provocante nos olhos.

— Sim? — Eu murmurei. — Talvez eu esteja.

Ela inclinou a cabeça, sorrindo animadamente. — Dança comigo? — Ela pegou minha mão e eu a segui para a pequena pista de dança lotada, onde ela começou a se mover com a batida, pressionando a pélvis na minha ritmicamente.

Isso era bom. Ela era macia e cheirava bem. Eu poderia fazer isso. Eu trouxe meus braços ao redor dela puxando-a para mais perto. Nós dançamos uma música, duas, seus olhos ficando esfumaçados, suas mãos mais descaradas, movendo-se sobre meus braços, minha bunda. — Mmm, você é duro em todos os lugares, não é, senhor?

Sim eu estava. E eu não estava pensando em Livvy. Livvy com seu doce - *não.* — Existe algum lugar em que podemos ir? — Eu perguntei a menina, inclinando-me em seu ouvido, minha voz mais dura do que eu pretendia. *Desesperado.*

Desesperado para parar meus pensamentos descontrolados, o desejo por uma mulher que eu não poderia ter. Eu só precisava de um quarto, um armário, inferno, uma porra de canto em algum lugar que eu poderia levantar a saia dessa mulher e fodê-la contra a parede, rápido e sujo. Sem sentido. Ela era bonita e disponível. Não havia amarras aqui. Ela tinha cabelos longos e brilhantes e pele macia. Ela tinha seios deliciosos que saiam da parte de cima da blusa e quadris bem arredondados.

A mulher deu um passo para trás, sorrindo enquanto pegava minha mão, conduzindo-me por uma escada nos fundos. Eu olhei sua bunda balançar enquanto andava, o jeito que ela olhava por cima do

ombro para mim, lambendo os lábios.

Nós entramos em um quarto, ela rindo quando me empurrou em uma cadeira e fechou a porta. Ela ficou de joelhos na minha frente, mexendo na fivela do meu cinto, passando a mão pela minha virilha. — Você é tão bom e grande, — ela ronronou. — Eu sabia que você seria. — Ela continuou a se atrapalhar com a minha fivela quando ela lançou em mim um olhar aquecido. — Isso é para mim?

Eu a observei enquanto esperava minha resposta, meu sangue esfriando. *Sim*, eu queria dizer. Eu *deveria* querê-la. Eu deveria querer o que ela estava fazendo.

Mas não a queria porque essa mulher não tinha olhos que se arregalavam de alegria quando uma libélula pousava na mão dela. Esta mulher não tinha uma pequena franja na testa que ficava em linha reta pela manhã e uma risada que fazia meu coração virar no meu peito. Esta mulher não era sol e luz. Esta mulher não tinha cicatrizes nos braços que usava como distintivo de honra, de esperança.

Esta mulher não era Livvy.

Ah, porra. Eu estava fodido.

Eu me levantei, assim que a mulher soltou a fivela do meu cinto. — *Mierda*, — eu disse com voz ronca. — Eu não posso fazer isso.

A mulher olhou para mim, os olhos arregalados, a confusão clara em sua expressão. — Qual é a sua -?

Eu balancei a cabeça, me movendo para a porta. *Porra, foda-se!* Eu queria gritar com frustração. — Desculpe. Não é você, — eu disse novamente quando abri a porta, deixando-a fechar atrás de mim e descendo rapidamente as escadas para o bar esfumaçado.

Eu andei em direção à porta da frente, mas a multidão estava se movendo contra mim, em direção a uma saída que levava a algum tipo de beco do outro lado. — Onde todo mundo está indo? — Eu perguntei a um homem que estava passando por mim.

— Para as lutas de cães, — disse ele. — Eles lutam até a morte. — Ele riu, passando por mim, meus músculos ficando rígidos. Eu podia sentir o cheiro - o sangue, o medo. O sofrimento.

Eu explodi pela porta da frente, inalando o ar fresco do oceano, tropeçando para longe daquele lugar úmido, para o outro lado da rua indo ao penhasco com vista para o oceano. Coloquei minhas mãos na parte de trás do meu pescoço, olhando para o céu estrelado, a lua cheia e brilhante acima. Eu queria gritar, queria cair de joelhos. Em vez disso, inclinei-me para frente, apoiei minhas mãos em minhas coxas enquanto respirava profundamente, acalmando-me.

Ouvi o cachorro latindo, aquele rosnado feroz que eu bloqueei da minha memória, e voltei para o hotel, de volta para Livvy, embora eu não pudesse, não podia ir até ela. Eu não deveria.

Eu andava, me sentindo perdido, confuso, um arranhão no meu intestino que eu não sabia o que fazer.

Outra mulher não ajudou.

Nada ajudaria.

Eu não pretendia voltar para o hotel, e mesmo assim, de alguma forma, acabei lá de qualquer maneira, atraído por Livvy como uma mariposa para uma chama. Eu não iria para o quarto. Eu dormiria no pátio, na praia, em algum lugar. Qualquer lugar.

Do lado de fora. Sozinho.

Eu olhei para a janela para o quarto onde sabia que ela estava, respirei fundo quando a vi de pé na varanda. Eu podia ver seu perfil, podia ver que ela estava pressionada contra o corrimão, olhando para mim, e embora eu não pudesse ver os detalhes do rosto dela, de alguma forma sabia que estávamos nos olhando.

O conhecimento me atingiu no estômago, uma chama ansiando para viver. Uma sensibilidade que eu só sentia com *ela.*

Com Livvy.

Eu ouvi os latidos distante dos cachorros, os ganidos, o lamento. E de repente senti aquela saudade antiga por dentro, o que eu tentei fingir que não era mais uma parte de mim, a que pensava ter deixado para trás há muito tempo.

Mas não, ainda estava lá e ressurgiu em mim. Eu me senti como aquele garotinho olhando para a casa onde o resto da minha família estava aquecidos e juntos. Eu senti o velho desejo familiar, um desejo pesado pelo que não era meu.

Mas agora... agora era diferente. Eu não poderia sentir os mesmos tentáculos querendo chegar em minha direção? Acenando. Nós estávamos nos assistindo agora, eu podia *sentir* a eletricidade nos conectando até mesmo à distância. E se eu me aproximasse, se eu apenas me aproximasse, eu poderia matar essa fome crua e dolorida pela mulher que eu realmente queria.

Eu me movi em direção ao hotel, atraído, meus passos longos, meu sangue cantarolando com propósito, com necessidade.

Entrei no quarto, fechando e trancando a porta atrás de mim. Livvy estava vindo da varanda, e quando ela me viu parou, sua boca se abriu uma vez como se fosse dizer alguma coisa, então fechou enquanto ela olhava, suas mãos abrindo e fechando ao lado de seu corpo, seu pulso batendo sob a pele de sua garganta.

Minha respiração acelerou enquanto o desejo - quente e pulsante - fluía através de mim, a espessura do ar aumentando.

— Não é normal o quanto eu quero você, — eu disse com rispidez. Ela parou e me olhou, seus olhos questionando, seu olhar se movendo sobre o meu rosto como se estivesse tentando descobrir o que eu estava pensando. Eu não consegui responder. Eu nem

sequer me reconhecia.

— Tudo bem, — ela disse, sua voz calma, reconfortante.

Eu respirei fundo. — Isso vai mudar tudo, — eu disse, minha voz tensa enquanto me segurava ainda pela pura força de vontade. Meu corpo estava gritando para dar um passo em direção a ela, para levá-la em meus braços, para fazê-la minha esta noite porque amanhã seria muito tarde. Tentei me impedir - *eu tentei* - mas não pude. Eu não pude. Mas talvez ela pudesse e talvez isso fosse o melhor. Esperei, cheio de medo e esperança, um coquetel rodopiante de desejo carente para ela fazer sua escolha.

Ela fez uma pausa e meu coração gaguejou, o olhar fixo em seu rosto, sustentado por aqueles olhos expressivos. — Eu... sei, — ela disse, e sua voz era ofegante, suave. Ela assentiu com a cabeça, dando um passo em minha direção. — Eu sei.

Foi tudo que eu precisava. Fechei a distância entre nós e nos juntamos, nossa respiração acelerada misturando-se, nossos olhares se fixaram, tanta coisa se movendo entre nós que eu não poderia começar a nomeá-lo. Ela inclinou o rosto para o meu e eu abaixei minha boca, roçando sobre a dela. Ela estava tremendo e uma feroz necessidade de protege-la, acalmá-la, gritou dentro de mim. Eu tentei assustá-la, mas agora não suportava. Eu não queria que ela ficasse com medo, não de mim, então peguei seu rosto em minhas mãos, esfregando meus polegares ao longo de sua delicada mandíbula antes de beijá-la novamente, movendo minha língua entre seus lábios lentamente, provando-a, o néctar de sua boca já familiar, embora eu só a tenha beijado uma vez antes.

Eu estava quente e latejante, meu corpo me obrigando a empurrar e recuar, mas me movi lentamente para ela, abaixei minha boca pelo seu pescoço enquanto ela inclinava a cabeça para trás em um suspiro feminino de prazer. Meu sangue aqueceu, derreteu, e eu puxei a alça de sua blusa para baixo do seu ombro, beijando e lambendo aquele declive suave e sedoso. A respiração de Livvy aumentou; suas respirações vieram em pequenos

arquejos. Ela enfiou seus dedos pelo meu cabelo enquanto eu ia mais baixo, empurrando sua blusa sobre os bicos de seus seios para beijar entre eles, correndo minha língua ao longo desses montes cremosos. — Sim, — ela gemeu. Eu corri minha língua preguiçosamente em torno de um mamilo endurecido, um grunhido de satisfação abafado contra sua pele. Ela já estava excitada.

— Diga-me que você também me quer.

— Sim, — ela engasgou. Eu puxei seu mamilo esticado e sedoso em minha boca, dando-lhe uma profunda sucção quando ela gritou, me puxando para mais perto e enganchando uma perna ao redor das minhas coxas. *Oh Jesus. Essa mulher.* A sensação dela. O cheiro dela. Eu me senti selvagem, completamente indomável, tremendo com uma necessidade que nunca tinha conhecido antes. A necessidade de reivindicar. Com a percepção veio uma emoção vibrante e um choque de terror, mas já era tarde demais. Eu não poderia ter parado mesmo se eu tentasse.

Livvy pressionou o mamilo na minha boca, guiando minha cabeça com as mãos, seus dedos passando por cima do meu couro cabeludo, fazendo com que arrepios explodissem na minha pele. *Porra, eu estava tão duro.* As cortinas se levantaram em um sopro de ar e voltaram para o lugar atrás de Livvy.

Seu corpo estremeceu e seus olhos se abriram, escuros e dilatados com luxúria. Eu me afastei, a perna dela deslizando pelo meu corpo quando eu fui atrás dela, fechando as portas da varanda até a metade. Eu me virei e ela estava me observando agora, mordendo o lábio. Seus seios estavam à mostra, seus mamilos ainda duros e avermelhados e molhados de onde minha boca tinha estado. Meu pau latejava. Meus olhos percorriam seu corpo, gananciosos, e ela estremeceu sob o meu olhar, seus braços se agitando como para se cobrir. Eu dei um passo à frente, pegando-os.

— Não

Ela baixou os braços, sua expressão vulnerável. — Eu pensei que você fosse fazer

amor com outra mulher, — ela disse calmamente. Eu fiz uma pausa. Sim, esse tinha sido o meu plano, a tentativa desesperada de empurrar Livvy para longe, e não fui capaz de fazer isso.

Eu soltei um suspiro, balançando a cabeça. — Não teria feito amor.

— Sexo então. Eu pensei que você fosse levar outra mulher para a cama e eu... — Ela se encolheu. — Eu odiei isso. Imaginei o que você ia fazer com ela e queria bater em alguém, arrancar seus olhos. — Suas bochechas coraram e ela desviou o olhar.

Eu a observei, aquele rosto expressivo que sussurrava todos os seus segredos. — Por que, Livvy?

Ela virou a cabeça para mim, com os olhos baixos por um momento antes de encontrar meu olhar.

Calor subiu entre nós, crepitando. — Por que, querida? — Eu sussurrei, e toquei um pouco de cabelo por cima de seu ombro, trazendo minha mão para trás e roçando a palma sobre os mamilos, para trás e para frente.

Ela gemeu, seus olhos se fecharam quando ela mordeu o lábio. — Não se contenha comigo, Thomas. O que você ia dar a elas... me dê mais. Quero isso. Eu quero você. Tudo de você.

Porra. Eu.

Ela engasgou quando eu a levei para trás, pressionando-a contra a parede ao lado da mesa de cabeceira, trazendo as mãos sobre a cabeça e pressionando minha ereção contra seu estômago, beijando-a.

Por longos minutos nós devoramos um ao outro, os sons de nossos gemidos combinados, a umidade de nossas bocas se juntando erguendo-se acima do zumbido suave do ventilador de teto. O quarto estava mais quente - apesar da brisa fresca do oceano ainda entrar pelas portas entreabertas - e dentro das minhas veias meu sangue queimava.

Estendi a mão entre nós, deslizando minha mão no cós solto da saia de algodão que ela comprou mais cedo. Ela era suave como seda, sem pelos e não usava roupas íntimas. Eu gemi, desejo arqueando através de mim. — Jesus.

— Minha calcinha está secando no banheiro, — disse. — Eu lavei.

O quê? Eu mal conseguia entender o que ela estava dizendo e o significado do que havia dito se dissolveu completamente quando eu deslizei um dedo em sua abertura escorregadia. — Oh, Deus, Livvy. Eu não posso esperar muito mais tempo. Eu já esperei por muito tempo.

— Então não espere.

— Eu não quero te foder contra uma parede, querida. Quero você em uma cama. Quero você debaixo de mim.

Ela gemeu, longo e baixo, pressionando-se em mim, montando minha mão enquanto ela segurava meus ombros, unhas cavando na minha carne. Isso ajudou a dissipar o nevoeiro de luxúria em que eu estava em uma pequena medida, e eu tirei meu dedo, puxando-a comigo para a cama. Ela parecia atordoada quando se sentou.

Eu chutei meus sapatos e puxei a saia para baixo de suas pernas, jogando-a de lado. Sua blusa solta já estava em torno de sua cintura, então eu puxei isso sobre seus quadris, Livvy levantou um pouco enquanto eu deslizava isso debaixo dela. *Santo Cristo, ela era linda.* Sua pele brilhava sob a luz fraca, suave e úmida do calor do quarto, de nós. Suas bochechas estavam vermelhas, seus lábios inchados e rosados dos beijos. Seu cabelo estava desarrumado em um emaranhado selvagem, aquela franja levantada em direção ao teto. Apesar da minha ereção furiosa e a necessidade imediata de buscar alívio, eu sorri, a ternura passando por mim, seguida por uma espécie de entusiasmo que eu nunca havia associado com sexo antes. Livvy me olhou com as pálpebras pesadas enquanto eu puxava minha camisa sobre minha cabeça, abrindo minhas calças e deixando-as cair no chão, minha ereção, saltando livre, se projetando na minha frente. Os

olhos de Livvy se moveram para baixo, alargando-se logo antes de eu me mover em cima dela.

— Deus, você é gostosa, — eu disse, sua pele nua, sedosa e quente contra a minha. Eu me esfreguei contra ela inclinando minha cabeça para trás e deixando escapar um gemido de prazer.

Livvy abriu suas coxas, criando espaço para meus quadris, unindo nossos núcleos, meu pau duro encontrando sua umidade suave. Eu a beijei novamente, nossas línguas se enroscando, dançando enquanto eu deslizava meu pau ao longo de sua fenda, deslizando facilmente com a ajuda de sua umidade sedosa. Ela estava tão excitada quanto eu. Eu usei meu pau para circular seu clitóris, deixando sua boca por um momento para que eu pudesse assistir. Livvy pressionou a cabeça dela de volta ao colchão, um riso estrangulado se misturou com um gemido. — Meu Deus, eu vou gozar.

— Ainda não, querida. Deixe-me entrar dentro de você primeiro. Eu quero sentir você.

Seus olhos pesados se abriram quando olhou para mim. Deus, ela era linda assim. A mais linda criatura na face da terra.

Minha.

Eu me posicionei em sua entrada, nossos olhares fixos quando empurrei para dentro pouco a pouco, seus lábios se abriram quando nossos núcleos se encontraram. Ela se parecia como o céu, como um maldito sonho. Molhado e apertado. Quente. Eu comecei me movendo lentamente, não querendo que esta parte acabasse, querendo estender essa subida, aumentá-la para que a queda fosse uma onda intensa de prazer insano.

Livvy cruzou seus tornozelos ao redor dos meus quadris, inclinando-se, então eu fui mais fundo, e deixei escapar um profundo gemido de prazer. *Deus, isso foi bom. Bom demais.* Eu acelerei o meu ritmo, meu corpo assumindo, suor saindo da minha pele. Livvy de repente gritou, inclinando a cabeça para trás no colchão enquanto suas mãos se apertavam nos cobertores. Seus

músculos pulsavam ao meu redor, se contraindo, me ordenhando e eu não conseguia mais aguentar. O prazer disparou, aumentou e depois explodiu em uma descarga delirante de felicidade. Eu nunca fui um amante barulhento, mas não pude evitar o grito de prazer quando cheguei ao clímax explosivamente e depois desabei meio fora de Livvy, gemendo o resto do meu orgasmo, estremecendo e depois acalmando, a respiração áspera do meu peito. *Santo Deus.*

Por um tempo, o único som na sala foi o zumbido do ventilador, a música muito fraca vindo do pátio, e nossa respiração se misturou à medida que diminuía. Meu ritmo cardíaco estabilizou, o suor na minha pele secando eu levantei a cabeça, olhando para Livvy. Ela parecia sonolenta, mas satisfeita, seu olhar não tinha arrependimento e uma onda de alívio me percorreu. — Isso foi... Deus, o que foi isso? — ela respirou.

— Nós.

Eu a beijei novamente, acariciando sua orelha. Ela sorriu docemente, levantando e tirando meu cabelo da minha testa, correndo um dedo ao longo da minha mandíbula.

— Você precisa se barbear.

Eu ri, virando a cabeça para mordiscar o seu dedo. Ela riu.

— Eu vou me barbear depois. — Eu passei um dedo em seu seio, o mamilo endurecendo sob o meu toque.

— Mmm, — ela cantarolou, com um sorriso em sua voz. Ela bocejou, correndo o pé lentamente para cima e para baixo na minha canela.

— Mas primeiro, — eu disse, bocejando também — dormir.

Nós dois tiramos um minuto para usar o banheiro, então eu puxei os cobertores de volta para o final da cama, e nós subimos entre os lençóis frios. Eu me senti meio bêbado de satisfação e um sentimento diferente que não tinha certeza como classificar e realmente não queria fazer isso. As coisas que teríamos que

enfrentar ainda estavam lá entre nós, mas elas poderiam esperar. Por enquanto, eles poderiam esperar. Nós dois estávamos exaustos e precisávamos dormir, para recarregar. Eu descobriria o que fazer de manhã porque agora, assim como eu disse, tudo mudaria.

A respiração de Livvy ficou pesada, seu corpo quente ainda contra o meu. Deitei na quase escuridão, as luzes cintilantes do pátio lá embaixo mal passavam pela cortina transparente. Eu a puxei contra mim, essa mulher que se enterrou debaixo da minha pele tão profundamente que eu fiquei apavorado de nunca conseguir tirá-la - *especialmente agora*. Ela se mexeu na escuridão, mas não acordou. Eu sorri, fechando meus olhos. O sono veio rapidamente.

Eu acordei com a deliciosa sensação das mãos de Livvy no meu pau. Gemendo, eu me pressionei com mais firmeza na mão dela, deslizando entre seu agarre. *Oh Deus, sim.* — Eu quero você, — ela sussurrou. — Você pode... Quero dizer...

Eu soltei uma risada torturada, minha voz grossa de sono.

— Deus, sim. Você não pode dizer?

Antes que eu pudesse me mover, ela subiu em cima de mim, abaixando-se sobre a minha ereção, acomodando-me confortavelmente quando soltou um longo gemido.

— Deus, como é bom, — ela respirou. — Nós nos encaixamos tão... — Esse pensamento terminou com um suspiro quando ela começou a se mover. Segurei seus quadris, enterrei meus dedos na pele macia de sua bunda enquanto ela me cavalgava, para cima, para baixo, deslizando devagar, graciosamente. Considerando que nossa primeira vez tinha sido selvagem, desesperada, dessa vez foi lenta, sonhadora. Exceto pela batida acelerada do meu coração, eu ainda me sentia meio acordado, flutuando em uma fantasia erótica que poderia ser real e talvez não. As luzes do pátio haviam sido desligadas, então a única luz brilhando no quarto agora era o da lua cheia e redonda. O brilho amarelo fraco banhou Livvy nas sombras

e a luz amarela pálida a fazia parecer etérea, uma deusa com cabelos soltos e pele de alabastro. Mesmo a Lua a amava. Como não poderia?

As cortinas cobriam a alta brisa que saía da água e no silêncio da noite, as ondas podiam ser ouvidas batendo na costa, batendo, rítmicas, como o sangue em minhas veias.

O prazer aumentou, meu corpo encontrando seus impulsos por vontade própria. Eu me deixei ir. Não havia pensamento, sem resistência, apenas a entrega, a rendição. Ela moveu mais rápido, subindo e descendo, inclinando-se para a frente, para que eu pudesse chupar seus mamilos enquanto ela suspirava e gemia, gritando seu prazer, que por sua vez trouxe meu próprio orgasmo. O prazer passou através de mim tão intensamente que eu empurrei meus quadris, meus dedos apertando mais firme em seus quadris quando ela desmoronou em cima de mim, respirando com dificuldade, nossa pele grudada.

Eu coloquei meus braços ao redor dela, minha respiração soprando sobre o seu cabelo, nossos batimentos cardíacos martelando. Nós cochilamos ou talvez não. Tempo estende-se, sonhador e irreal. Eu acariciava seus cabelos, massageando seus quadris, o lugar onde eu certamente a machuquei. Ela levaria a evidência desta noite em seu corpo pela manhã, e no pensamento meio formado, uma feroz onda de satisfação, de posse, surgiu através de mim. Mas algo sobre o pensamento também causou uma espécie de desconforto em minha pele. *De manhã... Ah Deus.*

— Livvy, — eu disse asperamente.

Ela se mexeu em cima de mim. — Hmm, — como um ronronar de um gato satisfeito quando se aconchegou em meu peito. Nós ainda estávamos conectados.

— Eu tenho que te dizer uma coisa.

Ela se acalmou, e eu senti uma maior atenção dela, condimentada sutilmente pelo medo. Ela levantou a cabeça, os olhos de um azul profundo a meia-noite na luz baixa. Ela traçou meus lábios, beijando-me

suavemente e passando o polegar sobre a minha bochecha. — Não, não esta noite. Esta noite é apenas sobre nós, nada mais. Deixe que tudo despareça. Eu sei que as coisas vão mudar amanhã. Eu sei. Mas por favor, isso é nosso. Esta noite será sempre nossa.

Uma grande onda quebrou, o som reverberando pela sala enquanto as cortinas subiam em uma rajada de vento mais uma vez, trazendo o cheiro de sal e areia, vegetação exuberante. Misturou-se com o cheiro de sexo no quarto, da maneira como nossos corpos se combinaram para formar o nosso cheiro singular. Eu encarei seus olhos suplicantes.

— Ok, — eu murmurei.

Amanhã então. Esta noite, o resto ficaria fora...

O oceano subiu e recuou abaixo de nós, e Livvy e eu passamos as horas de escuridão que eram nossas em ataques de sono e explosões de prazer. Eu a acordei com minha língua entre as pernas dela enquanto ela segurava meu cabelo e se contorcia contra o meu rosto, gritando tão alto que eu gemia contra sua carne, fazendo-a sacudir e ofegar. Em seguida, empurrando em sua suavidade, as longas ondas de clímax me ultrapassando antes de eu começar a empurrar.

Quando o céu mudou para um tom de preto mais suave, Livvy retribuiu o favor, me trazendo das profundezas do sono com a boca na minha carne endurecida, as mãos sob as minhas coxas. Eu gemi, um som que estava meio prazer, meio descrença. Eu não sabia que meu corpo era capaz de uma noite como essa. Depois, nos enroscamos um no outro, meu corpo em volta do dela, minha palma tocando seu seio.

Esta noite será sempre nossa.

Esta noite será sempre nossa.

Eu me virei lentamente, horas depois, enquanto o sol se punha sobre as montanhas, derramando luz no quarto.

Em algum momento durante a noite, eu me virei para a janela. Eu rolei, sonolento, procurando Livvy, mas estava na cama sozinho.

Chocado, sentei-me, chamei seu nome, minha voz áspera do sono, meus olhos se movendo rapidamente ao redor do quarto. Seus sapatos já não estavam na porta.

Ela saiu sem me dizer.

Ela se foi.

E eu *não podia* deixá-la ir até Alec antes de mim.

CAPÍTULO 14

Livvy

— *Gracias,* — eu murmurei, saindo da carroça puxada por mulas que estava andando ao lado do velho pelas últimas horas.

— *Con mucho gusto!* — Ele entoou alegremente, levantando as rédeas e estimulando os animais enquanto eu ficava observando ele ir embora. Um nó sentou pesadamente no meu peito, mas me forcei a engolir, levantar meus pés e começar a andar em direção a Palomino.

Naquela manhã, eu juntei minhas roupas, meus olhos se demorando famintos em Thomas enquanto ele dormia profundamente na cama onde fizemos amor a noite toda. Ele estava de barriga para baixo, o lençol mal cobrindo sua bunda musculosa, seus braços abraçando o travesseiro sob sua cabeça e suas costas lisas era toda plana e montanhosa. Ele era lindo, um deus masculino, deitado ao luar assim, e era como eu queria me lembrar dele. Eu segurei as lágrimas que ameaçavam cair quando abri a porta o mais silenciosamente que pude e deslizei pela fresta, fechando-a tão devagar atrás de mim. Se eu fiz o menor barulho e Thomas não acordou, era só porque ele havia exercido muita energia na noite anterior e dormido tão pouco.

Meu corpo estava pesado de cansaço e dor de todas as vezes que Thomas estivera dentro de mim. Uma parte de mim se gloriava na sensação feminina de ter sido repetidamente preenchida, completamente satisfeita, maravilhosamente usada. Mas a outra parte se encolheu com a lembrança toda vez que eu me movia, que a noite anterior era a única que eu teria. Eu não tinha sido capaz de suportar o pensamento de acordar de manhã e tê-lo me olhando nos olhos enquanto me dizia isso. Então eu fui pelo caminho dos covardes. Eu sempre teria aquela noite. Não a desolação do adeus, mas uma lembrança alegre.

Mas eu ia ser corajosa em um aspecto pelo menos - iria encontrar Alec e encará-lo. Estava muito perto e, francamente, não tinha mais para onde ir. E sabia, no entanto, que o propósito de encará-lo era para mim, e só para mim. A verdade que eu não amava Alec o suficiente para passar minha vida com ele, e isso já estava me deixando preocupada havia um tempo. O desaparecimento de Alec me fez deixar de lado esses sentimentos de dúvida, já que minha própria necessidade de resgatá-lo havia aumentado, expulsando qualquer outra coisa. Essa verdade finalmente tornou-se totalmente conhecida na noite passada quando eu tinha me dado total e completamente a outro homem - não apenas o meu corpo, mas meu coração. Eu me entreguei de uma maneira que eu nunca tinha me entregado antes, mas com um homem que vivia em qualquer lugar e em nenhum lugar, um homem que não estava disponível para mim, mas um homem pelo qual eu estava apaixonada.

Eu ainda queria saber por que Alec tinha ido embora, e ainda me importava o suficiente para ajudá-lo se precisasse. Se ele tivesse cometido erros e entrado em pânico, eu o perdoaria. Se ele estivesse ferido, eu o ajudaria. E depois nós seguiríamos nossos caminhos separados. Lágrimas se juntaram no fundo dos meus olhos, sonhos que eu tinha mantido com tanto carinho, estavam se afastando e ficando fora do meu alcance. Eu os deixei ir, sabendo que, para tentar recuperá-los, estaria contentando com menos. Eu não sabia que havia *mais* antes desta viagem, mas agora eu sei.

Por causa de Thomas, agora eu sei.

Isso vai mudar tudo, ele disse. Ele achou que eu não sabia disso? Será que ele achava que eu não entendia o quanto seria mais doloroso um adeus depois de uma noite como a que compartilhamos? Eu sabia e estava disposta de qualquer maneira. *Mais que disposta.*

Eu tirei meu passaporte do bolso e dinheiro suficiente para me levar a Palomino. De lá, teria que improvisar. Pelo menos o tempo estava maravilhosamente quente se eu tivesse que dormir na praia até que fosse restabelecido o transporte para a viagem de volta. Eu gemi internamente. *Por favor, não me deixe dormir na praia.*

Felizmente, a mulher no saguão havia falado um pouco de inglês, e eu pude perguntar se havia alguma maneira de pegar carona para Palomino. Eu não tinha entendido o afinamento de seus lábios e o rápido olhar em direção às escadas que levavam ao quarto onde Thomas que ainda dormia, mas isso não importava. Ela pegou meu braço e levou-me para fora, onde um homem velho estava pegando uma carroça cheia de produtos e falou com ele em espanhol. — *Ele vai te levar a maior parte do caminho até lá,* — ela disse, e então eu montei na carroça instável, meu corpo dolorido e meu coração doendo quando o hotel onde eu passei a noite mais gloriosa da minha vida desapareceu à distância e o sol coroava o horizonte.

Eu segui as placas para Palomino, caminhando ao longo da praia onde podia, o cheiro do oceano se acalmando, o sol quente nas minhas costas. Eu me perguntei o que Thomas tinha feito quando acordou e não me encontrou. *Ele estava chateado? Em pânico?* Ou ele tinha percebido que eu ir embora era o melhor?

Eu não tinha certeza de seus sentimentos por mim, mas certamente ele preferiria evitar um adeus. Certamente ele preferiria evitar a embaraçosa discussão sobre como seu trabalho o impediu de se comprometer com qualquer mulher. E eu queria mais. Eu queria o compromisso, a *família.* Isso não mudou. A

única coisa que mudou foi que eu não queria mais o homem que uma vez prometeu me dar. Pelo menos isso facilitaria o confronto com Alec. Tudo o que ele me disse, eu sabia que ia ficar bem. O buraco vazio dentro de mim era por causa de Thomas.

Era no meio da tarde quando cheguei a Palomino. Parecia muito com a cidade em que ficamos na noite anterior. O dano foi severo, mas as pessoas estavam pegando os restos, a limpeza estava obviamente em andamento apesar da falta de assistência externa, e assim como na outra cidade, as pessoas sentavam-se do lado de fora dos edifícios, vendendo as coisas que eles ainda tinham para vender.

Eu tentei falar com algumas mulheres na rua, mas quando falei em inglês, elas me olharam inexpressivamente e balançaram a cabeça. Eu andei mais pela cidade, tentando novamente com uma mulher varrendo a calçada na frente de um prédio vermelho.

— Com licença você fala inglês?

A mulher parou de varrer, olhando para cima, um olhar de confusão entrando em seus olhos. *— Já nos falamos antes. Como posso ajudá-la?*

Fiz uma careta. — O quê? — Eu balancei a cabeça. Talvez a mulher tenha respondido mal porque não era fluente em inglês. — Ah, estou procurando alguém. Ah, ah, homem loiro. Alto. Ele não é daqui.

A mulher franziu a testa e riu no que parecia uma confusão. — Você está confusa? Você está ficando na cabana laranja lá em cima. — Ela apontou para uma rua estreita atrás de onde estava.

O que estava acontecendo? A mulher me lançou um olhar desconfortável e voltou a varrer. Eu fiquei por um momento, debatendo o que perguntar a ela, mas ela me deu um local - *mais do que eu esperava* - então resmunguei um agradecimento e andei para a rua onde ela disse que eu encontraria uma cabana laranja.

A cabana foi facilmente encontrada, a única no quarteirão que era de uma cor brilhante de tangerina. Estava debaixo de uma palmeira do outro lado da rua, o medo florescendo e crescendo dentro de mim. *Algo não estava certo*. De repente tive uma sensação terrível, e meus instintos me disseram para fugir, para me esconder.

Mas onde? Eu não tinha para onde ir. *Você está sendo boba, Livvy. Você veio até aqui para este momento. E agora você está cheia de ansiedade porque você finalmente vai encarar isso.* Eu mal dormi a noite anterior. Certamente minhas emoções extremas foram resultado disso também. *Respire fundo, você pode fazer isso.*

Reunindo toda a minha coragem, atravessei a rua estreita e bati na porta da cabana. Um pássaro fez barulho em algum lugar próximo, o som do oceano era um rugido baixo no fundo, e meu coração bateu contra minhas costelas. Ouvi passos e a porta se abriu, o ar saindo da minha boca enquanto eu exalava a respiração que estava segurando.

Alec ficou parado ali. Alto, em forma, mais bonito do que eu me lembrava. Ele estava bronzeado, seu cabelo mais loiro, seus olhos azuis brilhantes e claros em seu rosto escurecido pelo sol. Por um momento, ele simplesmente olhou para mim, em seguida, seu rosto abriu um sorriso, seus dentes brancos brilhando. — Estamos esperando por você, Livvy, — ele disse, sorrindo ainda mais. *Nós?*

Eu pisquei, o choque me fazendo sentir fraca. Minha mão encontrou o batente da porta e eu usei para me firmar.

— Alec? — Eu sussurrei. Parecia tudo errado. Por que ele estava sorrindo? Por que não pareceu surpreso ao me ver? Confusão se apoderou de mim, e eu balancei a cabeça.

Alec esticou o pescoço, olhando ao redor na rua vazia, franzindo a testa antes de agarrar meu braço, puxando-me suavemente para dentro. — Livvy, entre. Parece que você está prestes a desmaiar. — Eu tropecei entrando na cabana e ele fechou a porta atrás de mim. A cabana estava aberta e brilhante, mas

meio surrada também. Os móveis pareciam velhos e havia o leve cheiro de mofo no ar. Mas a parede do fundo tinha uma porta de vidro que levava diretamente a uma ladeira até a praia de areia branca e o mar azul brilhante, um panorama lindo.

Eu parei, puxando meu braço livre das mãos de Alec.

— O que está acontecendo, Alec?

Alec pressionou os lábios, balançando a cabeça, sua expressão simpática. — Ah, Livvy, pobre, estúpida Livvy.

Eu pisquei, recuei, virei a cabeça para olhar pela janela por um segundo antes de olhar de volta para Alec.

— Você me deixou.

— Bem, para ser justo, eu nunca fiquei realmente com você.

— O quê?

Havia uma bebida na mesa, e Alec o pegou, tomando um gole. Ele estendeu a mão para mim em questão. — Bebida?

— Não. — Eu balancei a cabeça. — O que está acontecendo? A última vez que eu falei com você, você estava voando para Miami a negócios.

Alec tomou outro gole de sua bebida, suspirou e depois colocou sobre a mesa. Ele abriu a boca para falar quando houve um movimento fora da porta de vidro deslizante. Dois homens estavam andando em direção a cabana da praia, um correndo para acompanhar o outro que estava andando com um rápido, e poderoso passo. Thomas. Eu respirei fundo. Oh Deus, ele deve ter estado bem atrás de mim. Mas quem era o outro homem colombiano mais baixo e mais pesado? Eu olhei enquanto eles se aproximavam, Alec se virou e observou também. Eu fiquei de pé, congelada, minha garganta seca, minha cabeça zumbindo.

— Ah, o meu parceiro de negócios. — Alec abriu a porta, cumprimentando o homem colombiano com um aperto de mão e, em seguida, abrindo a

porta mais larga para Thomas entrar. — Você tem que ser Brody. Bom trabalho, cara. — Ele riu quando Thomas - *Brody?* - entrou na sala, seus olhos brilhando sobre mim rapidamente, sua expressão em branco. *O que estava acontecendo?*

— Bebida? — Alec perguntou ao homem que eu conheci como Thomas na semana passada.

— Não, — ele disse, sua voz grossa.

O homem colombiano me encarou por um momento. Ele estava vestido com bermuda e uma camiseta, arma claramente visível no cós de seus shorts. — Uau. — Ele riu. — Isso é loucura, — disse ele, falando em Inglês, embora seu sotaque fosse forte. Eu fiz uma careta, balançando a cabeça, mas ele não se incomodou em explicar, e em vez disso, dirigiu-se para a cozinha. — Tem alguma comida aqui? — Ele perguntou. Ninguém respondeu, mas ouvi o que pensei ser uma geladeira se abrindo. Eu me virei para Thomas. — *Brody?* O que está acontecendo aqui?

Eu praticamente gritei.

— Bem, — disse Alec, esticando o pescoço para o lado, estalando, — Eu estava planejando me casar com você e usar todo esse lindo dinheiro para comprar um negócio muito lucrativo aqui na Colômbia. Infelizmente... — ele tomou outro gole — eu voei para cá durante a semana para amarrar algumas probabilidades de negócios e terminar antes do casamento, e fiquei preso...e quase morto eu poderia acrescentar...por um maldito tsunami. — Ele bebeu o resto de sua bebida.

Ele olhou para Thomas. — Felizmente, meu parceiro de negócios, Luis, lá dentro. — ele balançou a cabeça em direção à cozinha onde os sons de pratos tilintando podiam ser ouvidos — tem um primo que é foda, e ele o contratou para um trabalho. *Você*, a trouxe para mim. — Ele levantou o copo. — Trabalho bem feito, Brody, meu homem.

Thomas-Brody não respondeu, mas notei um pequeno tique em sua mandíbula.

O parceiro de negócios de Alec era primo de Thomas? Mas Thomas disse... Meu coração caiu aos meus pés e minha cabeça girou. Eu olhei para o homem que me trouxe até aqui, o homem que eu pensava que conhecia, mas não conhecia. Quem se importava com o que ele *disse?* Ele... ele foi contratado por Alec? Ele mentiu para mim todo esse tempo. Me fez pensar que fui eu quem o contratou, quando na verdade era Alec e o primo de Thomas? Eu não entendi. Thomas-Brody olhou para mim, sem emoção em sua expressão, nenhuma tentativa de uma explicação. Eu senti como se estivesse engasgando. *Morrendo.*

— Por que, Alec? — Eu perguntei, minha voz grossa, rouca. — Se nosso casamento era uma farsa, por que me trazer aqui?

— Porque eu ainda preciso do seu dinheiro. — Eu não tinha desviado o olhar de Thomas e vi o minuto do estreitamento de seus olhos. — Nós *todos* precisamos do seu dinheiro, não é mesmo, Brody, meu garoto?

Os olhos de Thomas fixaram em Alec, mas ele não respondeu. *Todos?* Meu rosto estava quente, corado e comecei tremer. Senti como se estivesse em algum pesadelo horrível que não conseguia acordar. Quando Thomas olhou para mim, eu não conseguia disfarçar a intensidade da dor borbulhando no meu peito. — Por quê? — Eu perguntei.

Thomas apenas olhou para mim, seu ombro descansando casualmente contra a parede, sem dizer uma palavra. Outra rachadura de agonia atravessou meu coração. Como ele poderia estar olhando tão friamente para mim assim depois... de tudo? Alec estava olhando para trás e para frente entre nós dois. Ele riu. — Ah, isso é intenso. Você transou com ela também?

Os olhos de Thomas grudaram em Alec e ele finalmente quebrou o silêncio. — Cuidado, — ele disse e sua voz soou como aço.

Alec riu de novo, levantando as mãos. — Tudo bem, tudo bem. Você está certo, não há necessidade de

desrespeitar o nosso grande pagamento. Mesmo que ela seja ignorante e fria, em comparação com sua irmã.

Minha irmã?

Fria?

Eu ia ficar doente.

— O que você está fazendo aí, Harper?

Eu ouvi os passos de alguém do que deveria ser um quarto, e então a porta se abriu e uma mulher saiu. Soltei um suspiro, tropeçando para trás e segurando uma mesa próxima para não cair. A mulher parecia exatamente comigo. Ela *era* eu. Não. Não. Minha *irmã.* Minha irmã gêmea?

A garotinha de minhas lembranças nebulosas. Ela não era mais jovem como eu pensava. Ela era minha gêmea idêntica. *Minha família.*

— Como? — Eu perguntei. Não sabia o que dizer, o que perguntar, estava completamente perdida, em estado de choque. Minha irmã, *minha irmã!* - ergueu as sobrancelhas, cruzando os braços e sorrindo - embora friamente - para mim, uma sinistra inclinação de seus lábios carnudos. *Meus* lábios. Tudo... tudo era o mesmo, e eu não conseguia parar de olha-la, meu coração retumbava nos meus ouvidos, o sangue correndo para as minhas extremidades.

— Olá, Livvy. — Ela olhou para Alec. — Sirva-me uma bebida, querido. Eu vou precisar de uma.

— Sirva-se você mesma.

Ela atirou nele um olhar desagradável. — Idiota.

A mandíbula de Alec se contorceu em aborrecimento. — Desculpe se estou um pouco agitado. Tem sido uma longa porra de dois meses nesta espelunca.

Eu olhei, incrédula, enquanto ela servia uma bebida em uma mesa alta perto da porta, tomando um longo gole e se virou. Minha cabeça estava nublada, meus membros pesados. Ainda estava tendo dificuldade em acreditar que ela realmente existia. — Eu me lembro de você, — eu sussurrei. — Eu... cuidei de você.

Harper encolheu os ombros. — Eu me lembro de você também. Coisinha mandona.

Eu vacilei. — Eu tinha *quatro anos*. *Nós* tínhamos quatro. — Não, ela não era mais jovem. Não mais jovem, não... só... mais fraca.

Ela encolheu os ombros novamente. — Você sabia onde eu estava enquanto você vivia a boa vida com Paul e Linda Barton? Estava vivendo na miséria com uma gorda chamada Gloria e seu marido inútil, Jerry.

O primo de Thomas voltou para a sala, mordendo um sanduíche enquanto olhava em volta para todos nós. Eu sacudi a cabeça. — Eu... não sabia. Eu teria... — O que teria feito? *Alguma coisa.* Eu teria tentado fazer alguma coisa, pelo menos uma vez que tivesse idade suficiente. Olhei para as duas pessoas na minha frente - as pessoas que eu envolvi nos meus sonhos, um com uma saudade distante, e outra a minha esperança do futuro, de família, de amar. Eu me senti corada, quente. *Doente.*

— Nós poderíamos começar agora, — eu disse a Harper. — Somos irmãs... — Eu comecei, a esperança na minha voz patética até para os meus próprios ouvidos.

Harper riu. — Eu não penso assim, irmã querida. Mas você *vai* nos deixar com uma vida muito boa. — Ela olhou para mim e então sorriu, movendo seu olhar para Alec.

— Como você descobriu sobre mim? — Eu perguntei, balançando a cabeça como se negasse toda essa situação. Mas era real. A agonia quente da faca no meu coração me disse que era muito real.

— Foi a coisa mais engraçada. Eu vi você um dia, apenas dirigindo pela rua. Foi um choque. Eu não podia acreditar que era real. Essa garota que parecia comigo, só que estava dirigindo esse elegante BMW. Eu pensei que estava na quinta dimensão, sabe? Eu segui você, no meu pedaço de merda, um Toyota, imagina, você para naquela porra de *mansão.* Você saiu e foi como se você fosse *eu* só atualizado cerca de mil por cento. — Ela olhou

para Alec. — Eu disse ao meu namorado sobre você. O negócio dele não estava indo bem. — Ela encolheu os ombros. — Ele estava procurando uma maneira de comprar uma enorme oportunidade de negócio aqui na Colômbia e lá estava você: como se o próprio Deus tivesse enviado você para nós. Uma resposta para todas as nossas orações, certo baby? — Alec sorriu de volta para ela.

Lágrimas rolaram pelo meu rosto. Eu olhei para Thomas e, embora sua expressão ainda estivesse distante, algo que não podia nomear tinha quebrado em seus olhos. Todo esse tempo... todas as coisas que eu compartilhei com ele. Ele já sabia. Eu fui tão idiota. Um estúpida, tola e estúpida.

— A mercearia onde nos conhecemos...

— Arranjado, — disse Alec suavemente. Eu balancei a cabeça, um movimento brusco, tirando as lágrimas das minhas bochechas. Ele sacudiu sua cabeça suspirando. — Você foi tão *fácil*, Livvy. Tão fácil.

— Quem *é* você?

Ele inclinou a cabeça por um segundo, como se tentasse entender a minha pergunta. — Alec Sanderson. Não sou um órfão. Meus pais moram no centro-oeste. Uma bibliotecária e um contador - dois perdedores que aspiram nada mais do que uma cerca branca e um bom jogo de pinochle nas noites de quinta-feira. — Ele fez uma pausa, um sorriso cruel nos seus lábios. — Simplórios. Como *você*.

Eu balancei a cabeça, minha boca seca com descrença. — Então, o que — eu disse inexpressivamente, — você ia se casar comigo, me mataria e H-Harper tomaria o meu lugar?

— Algo assim, — disse Alec.

— Então você estava preso na Colômbia, e precisava que me trouxessem para você?

— Exatamente.

— Todas as suas viagens de negócios...

— Deus, sim. Você é tão ingênua. Tive que ficar longe de você o mais rápido que pude.

Ele olhou para Harper. — Acabou melhor de qualquer maneira. Pessoas... bem, elas desaparecem na Colômbia o tempo todo. Especialmente depois de um desastre natural. — Ele estalou a língua e sorriu. — Só que você não vai desaparecer. Você vai me resgatar, e nós vamos voltar para os Estados Unidos e nos casar.

Ele e Harper se casariam e então usariam o dinheiro dos meus pais para o que quisessem, e ninguém suspeitaria de nada.

— As pessoas vão saber que ela não sou eu, — eu disse inexpressivamente, sabendo que não era verdade.

Alec balançou a cabeça, parecendo triste. Ele suspirou. — Quem, Livvy? Aquelas irmãs da fraternidade com quem você fala uma vez por mês? Aquele bando de bêbadas cheias de silicone? Sua família? Ah sim, você não tem família. Aquela sua amiga com cerca de oito milhões de crianças que sempre se queixa de horários de futebol? Oh, *ela vai* notar. — Ele riu. — Pobre, solitária Livvy.

Chrissy - *aquela com oito milhões de crianças* - pode realmente notar, mas eu não disse nada. Eu me sentia mal, ainda entorpecida.

Nada disso era real, não podia ser.

Alec levantou o copo para Harper. — Tudo bem, eu não sei sobre o resto de vocês, mas porra, estou cansado de tudo isso. Devemos acabar logo com isso? — Ele acenou para Harper que estava atrás de mim, e antes que eu questionasse seu significado, algo bateu na minha cabeça.

Eu me senti caindo, houve uma briga por cima do meu ombro, um barulho alto perto no meu ouvido, e eu bati no chão com um baque surdo. Eu gemi, virando minha cabeça, o mundo nadando ao meu redor. Harper estava deitada ao meu lado no chão, uma poça de sangue se espalhando em minha direção. — Não, — eu soluçava, mas só saiu como um sussurro.

Estendi a mão para ela, minha irmã, a outra metade de mim. Seus olhos estavam abertos e ela piscou, expressão cheia de dor, confusão. Ela estendeu a mão para mim e nossas mãos se fecharam bem antes do meu mundo ficar escuro.

CAPÍTULO 15

Livvy

Minha cabeça latejava e eu estava com sede. Minha boca ficou áspera e detectei um gosto amargo e medicinal. Estava em algo macio - uma cama? Sim. Estava em um pequeno quarto, e estava escuro, embora uma luz cinza estivesse se filtrando sob uma porta à minha direita. Eu agarrei a minha cabeça, procurando a fonte da dor e encontrei um caroço gigante na parte de trás. Toquei com cuidado, estremecendo. Harper me bateu na cabeça com alguma coisa. Tudo veio de volta para mim em detalhes excruciantes e lágrimas brotaram nos meus olhos mais uma vez. Por um momento, quis desistir, ceder à dor agonizante que sentia - fisicamente, emocionalmente. Sentia que estava exausta, zonza, como se tivesse sido atingida e depois drogada. Com um pequeno e lamentável choro, deitei-me de volta, olhando para o teto, lágrimas quentes escorrendo dos meus olhos e se acumulando em meus ouvidos. Por alguma razão, enquanto estava lá, aquela menininha que tinha sido tão terrivelmente brutalizada veio à minha mente. *Graciela.* Ela lutou. Ela tinha apenas treze anos de idade, mas lutou e viveu. Talvez, apenas talvez, ela estaria bem, eventualmente.

Talvez eu também ficasse.

O pensamento de Graciela me impulsionou a levantar da cama e, por um momento, segurei a minha cabeça novamente, quando as batidas se tornaram suportáveis, a dor desaparecendo apenas o suficiente.

O chão era de concreto e parecia que eu estava em algum tipo de porão. Casas de praia tinham porões? Eu tinha sido movida? Meu Deus, o que eles fariam comigo? Eu não conseguia pensar nisso agora. Eu mal estava aguentando a dor, e se deixasse isso me consumir, nunca sairia daqui. Não havia janelas, apenas uma porta e dei alguns passos instáveis até ela, pegando a maçaneta em minhas mãos e tentando girá-la. Estava trancada, claro, eu girei a maçaneta, puxando-a com todas as minhas forças e, em seguida, usando a mão para bater na porta. O pequeno esforço fez a sala girar, inclinar, e eu coloquei as palmas das mãos na porta, mantendo-me de pé, enquanto a escuridão ameaçava se fechar novamente. Com um soluço, virei-me devagar, pressionando as costas contra a porta. O som de passos de repente veio até mim de cima, pés sobre o metal, alguma coisa tremenda.

Meu coração disparou e eu dei um passo para trás da porta, meu cérebro ficando confuso. Uma arma? Olhei em volta, mas não havia nada na sala, nem mesmo um cobertor na cama. Os passos pararam, o barulho de metal parou e de repente me senti enjoada. Eu mal cheguei ao canto antes de vomitar, meu estômago apertando em espasmos violentos. Eu chorei suavemente, lágrimas escorrendo pelo meu rosto, enquanto me enrolava em uma bola. A escuridão voltou a se fechar sobre mim.

Alguém estava me segurando. Levantei minhas pálpebras pesadas e era Thomas - não, não Thomas, qual era o nome dele? — o rosto nadando acima de mim. Ele estava tirando o cabelo da minha testa, sua expressão tensa, dura. Eu estava sendo carregada. Onde? Ele me traiu. Eu soltei um soluço, batendo fracamente em seu peito.

— Você, — eu ofeguei. — Você...

— Eu sei, Liv. Eu sei. Não vou te machucar. Vou levar você para algum lugar seguro.

Mas ele me machucou. Me devastou. Eu chorei mais forte quando ele me levou até um conjunto de escadas de metal que ressoavam a cada passo. Tudo moveu ao meu redor, tudo exceto ele. *Thomas.*

— Qual o seu nome? — Eu perguntei. Ele olhou para mim enquanto caminhávamos por uma porta que já estava aberta para o frescor do ar exterior.

— Brody. Meu nome é Brody Thomas.

Um nome diferente. Uma pessoa diferente. Um estranho. Foi demais. Meus olhos estão tão pesados. — O que você me deu? — Eu sussurrei.

— Uma droga para derrubá-la. Já vai passar. Feche os olhos, Liv.

Foi a última coisa que ouvi antes de acordar de novo, o som das ondas quebrando na praia vindo pela janela aberta à minha direita. Era dia e o sol brilhava na beira da sombra da cortina. Havia alguém nas minhas costas. Eu congelo. Ele estava quente e sólido, seu corpo em volta do meu. Thomas. Eu o conhecia mesmo sem olhar. Conhecia a sensação dele, seu cheiro. Um buraco se abriu no meu estômago, e de repente senti como se meu espírito, toda a minha vontade fosse sugada para aquele vasto buraco de luto. Por um momento eu apenas respirei, meu coração batendo contra as minhas costelas.

— Lobo era um dos cachorros do meu tio, — disse ele, com a voz áspera como se estivesse dormindo também, mas de alguma forma sabia que eu havia acordado. Eu não me mexi, não pronunciei um som. Estava com medo e confusa, só tinha energia para ficar deitada onde eu estava. Ele era quente e sólido, e mesmo que ele tenha me traído, de alguma forma me salvou também. Meu coração estava partido, mas no momento estava a salvo. No momento, era tudo que eu conseguia entender. — Ele o comprou quando ainda era um filhote. Ele era pequeno e muito doce. E tinha... — ele parou por um segundo, limpando a garganta — ele tinha essa pequena cauda que nunca parava de abanar mesmo quando era colocado contra esses cães maldosos

e cruéis. Ele simplesmente não sabia como ser um lutador.

Thomas... Brody parou por tanto tempo que não tinha certeza se ele ia continuar ou não, mas então ele se moveu atrás de mim, se aproximando e continuou. — Ele queria dormir perto de mim, aquele corpinho gordo me abraçando tão perto, era como se ele não conseguisse chegar perto o suficiente. Eu deixei. A verdade é que eu adorei. Parecia que ele era... meu. Eu o alimentei, brinquei com ele. Eventualmente, ele ficou maior, mais forte, mas não importava o quanto meu tio abusasse dele, ou o que tentasse fazê-lo fazer, simplesmente... não estava nele. — Ele pausou novamente, sua respiração flutuando em meu ouvido. Eu podia sentir que seu coração começou a bater mais rápido nas minhas costas. — Meu tio o mandou para o ringue de qualquer maneira. Ele... foi destruído. Meu tio sabia que seria assim. Acho que é por isso que fez isso. — Ele respirou fundo. — Quando acabou, ele o jogou de volta no galpão onde eu estava dormindo. Seu corpo estava quebrado, mutilado, com sangue. Mas ele... ainda estava vivo. Ele olhou para mim com estes... olhos, Livvy. Eu... não posso esquecer seus olhos e o jeito que ele ainda sacudia a sua cauda lentamente, eu senti isso. Ele tinha sido brutalizado, e ainda estava abanando aquela maldita cauda. Meu tio veio e me disse que foi minha culpa, que eu o amoleci, que o fiz fraco.

Meu coração apertou, e fiz um pequeno som de negação, imaginando o corpo quebrado daquele cão deitado nos braços de um menino. — Não, Liv, ele estava certo. Naquilo, pelo menos, o meu tio estava certo. Eu o amava demais, e o meu amor o deixou fraco. Meu amor o matou. No final, eu fui o único a entrar na casa e pegar a arma, porque fui eu quem causou o dano real, fui eu quem atirou nele, para tirá-lo da sua miséria e mesmo enquanto morria, ele ainda abanava aquela maldita cauda. O amor te faz fraco, Livvy. Isso é tudo o ele que faz.

Lágrimas escorriam pelas minhas bochechas e virei meu rosto para o travesseiro sob a cabeça, cansada demais para chorar, muito confusa e exausta para sentir as coisas que a história provocava dentro de mim.

— Minha irmã? — Eu sussurro. Algo se sentia... diferente dentro de mim, algo que não conseguia explicar.

Thomas fez uma pausa. — Ela está morta. — Eu sabia disso, claro, mas ouvir as palavras... Algo encheu a minha garganta, mas engoli tudo. Tudo era demais. Eu deixo o sono me envolver novamente, me levando ao esquecimento pacífico.

A próxima vez que acordei, o quarto estava mais escuro. Eu ainda estava na mesma cama, debaixo de um lençol branco. Sentei cautelosamente, trazendo uma mão à minha cabeça, mas a dor que eu experimentei mais cedo estava quase desaparecendo. Um olhar rápido me disse que eu estava vestindo uma camisola branca, alguém tinha me vestido, Thomas provavelmente. Envolvendo meus braços ao redor do meu corpo, eu fui na ponta dos pés até a porta e tentei a alça. Estava destrancada e espiei para fora. A casa em que eu estava parecia vazia, mas ouvi o som muito fraco de papel amassado e o que poderia ser a leve arranhadura de uma caneta. Meu coração batia mais rápido quando fui em direção ao som, pegando um vaso de uma mesa próxima, então eu tinha uma arma no caso de ser Alec ou... Luis, embora Thomas tivesse me garantido que eu estava em segurança, e eu acreditei nele.

— Você pode largar a arma, Livvy. Sou só eu. — Thomas. *Não, Brody.*

Meu coração gaguejou e eu coloquei meus ombros para trás, entrando na sala. Ele estava sentado em uma cadeira em uma mesa de jantar redonda, seus antebraços descansando sobre a madeira pintada de branco, sua expressão sombria, vigilante. Quando olhei para seu rosto familiar, um raio de indignação vibrou através do meu corpo, e eu trouxe minha mão para trás e joguei o vaso em sua cabeça, um grito de raiva, de dor, de profunda angústia vindo do meu peito. Ele moveu a cabeça para o lado, esquivando-se do vaso facilmente, e ele quebrou na parede atrás dele. Meu peito estava subindo e descendo enquanto eu tentava me controlar, para conter a maré terrível de traição que ameaçava me afogar.

Brody se levantou devagar, vindo até mim, me pegando quando meus joelhos se dobraram, a onda quebrando, esmurrando. Eu solucei, e ele passou os braços em volta de mim, sem dizer uma palavra, apenas me segurando enquanto eu chorava.

— Sinto muito, Liv. Eu sei. — O que ele sabia? Quanto doeu? Ele era uma das pessoas que me machucaram. Então, por que eu estava deixando-o me consolar agora? Por que escutei sua história mais cedo e não esmaguei o meu cotovelo em seu nariz? Eu era o lobo nesse cenário? Um cão doce e estúpido que foi tão fácil trair, destruir? Um cachorro que continuava voltando para mais abusos porque era simples demais para não fazê-lo?

Todo mundo em quem eu confiava estava me enganando. Ninguém me amava de verdade, nem se importava comigo, e isso rasgou a minha alma em pedaços. Senti-me esfarrapada, dilacerada, os fios do meu coração soltos e emaranhados. A irmã que eu carregava primeiro em meus braços e depois em meu coração, e que agora só teria em minhas lembranças cheias de pesadelo. O homem que eu quase dei a minha vida, e o que eu entreguei a minha alma. Todos eles. Eu funguei, respirando fundo, soltando sua camiseta, que tinha segurado em minhas mãos e finalmente olhando em seu rosto. Sua expressão era tão séria, seus olhos tristes. Eu recuei.

— Você está segura aqui. Eu aluguei esta casa para você. Você pode ficar aqui até o aeroporto ficar limpo, e pegar um voo para casa. — Eu olhei para ele, tentando entender isso.

— Seu primo? Alec? — Eu sussurrei. Algo endureceu no olhar de Thomas. — Eles teriam matado você, Livvy. — Sua postura era vagamente causal, mas seus punhos estavam cerrados, músculos preparados. Um predador. — Pessoas... bem, elas desaparecem na Colômbia o tempo todo. Especialmente depois de um desastre natural. — *Oh Deus*. Alec primeiro usou essas palavras em referência a mim. Esfreguei as minhas têmporas.

— Você precisa de mais Tylenol?

— Não, — eu disse, respirando fundo pelo nariz e deixando sair pela minha boca. — Eu quero respostas. — Seu olhar permaneceu em mim por um momento e então ele assentiu.

— Eu vou te contar tudo, Liv. Deixe-me fazer alguma comida e...

— Eu não quero porra de comida nenhuma! — Eu gritei. — Apenas me diga a verdade, porra, Thomas, Brody, quem quer que você seja! — Seus lábios se afinaram e um músculo saltou em sua mandíbula, mas ele assentiu, gesticulando em direção à sala de estar. Ele sentou-se na beira do sofá e eu me movi para sentar ao lado dele, mas depois pensei melhor, escolhendo uma poltrona. Sentei, enrolando minhas pernas debaixo de mim, de repente me sentindo exposta na camisola fina que eu estava usando.

— Onde estão minhas roupas, a propósito?

— Elas estão no armário do quarto. Eu as lavei.

— Oh — Eu cutuquei um pequeno rasgo no braço da cadeira. — Por que você mentiu para mim sobre o seu nome?

— Meu último nome...

— Sim, eu sei que seu sobrenome é Thomas. Mas você me deixou acreditar que era o seu primeiro nome. — Ele fez uma pausa, inclinando-se sobre os joelhos.

— Eu não costumo dar a um cliente meu nome verdadeiro. Honestamente, Liv, eu não tinha certeza do porque eu te dei meu verdadeiro sobrenome. Eu acho... — ele olhou por trás do meu ombro por um momento. — Eu acho que eu queria ouvir você me chamando por pelo menos um dos meus nomes. Os caras com quem eu servi me chamavam pelo meu sobrenome. É comum. De certa forma, Thomas se sente tanto quanto, o meu primeiro nome Brody. — Ele soltou um suspiro, inclinando a cabeça para frente e massageando a nuca. Quando ele olhou para cima, percebi o quão cansado parecia, vi as olheiras sob seus olhos, a fadiga em sua expressão. Eu desviei o olhar.

— Como devo te chamar agora?

— Brody. Eu gostaria que você me chamasse de Brody. Ninguém me chama de Brody já faz um bom tempo. — Ele passou a mão pelo cabelo. — A verdade é que eu esqueci quem Brody é, — ele murmurou com um suspiro.

— Como você conheceu Alec? — Brody soltou um suspiro.

— Eu nunca o conheci. Um mês atrás, meu primo, Luis, falou comigo sobre entrar em um negócio.

— Você me disse que não falou com seus primos em anos.

Ele balançou sua cabeça. — Eu não tinha, até um mês atrás. A única razão pela qual ele sabia o que eu fazia, era porque Santiago tinha se gabado de mim ao longo dos anos, e ele tinha ouvido falar sobre isso. Luis disse que ele e um parceiro de negócios estavam precisando de serviços que eu poderia oferecer. Em troca, eles me colocariam neste grande negócio que eles tinham.

— Qual negócio? — Seu olhar se moveu sobre o meu rosto, algo de arrependimento aparecendo em seus olhos.

— Aparentemente, seu parceiro de negócios conheceu uma garota rica, e estava a enganando. — Eu me encolhi e, embora Brody tenha parado por um instante, ele continuou. — Logo antes desse cara estar prestes a se casar com ela e ter acesso a sua fortuna, ele voou para a Colômbia para colocar alguns planos de última hora no lugar.

— E quase foi morto por um tsunami e preso em uma pequena cidade perto do mar. — Eu ri baixinho, embora não tenha sido uma risada de humor.

Os olhos de Brody estavam colados no meu rosto enquanto concordava com a cabeça. — A garota ia descobrir que ele estava mentindo para ela. O casamento seria cancelado. O dinheiro ficaria fora de alcance, plano acabado. A menos que... — Ele parou de novo e eu esperei. — A menos que eu pudesse levá-la para ele, e ele pudesse mentir para ela, inventar alguma história para fazê-la perdoá-lo. — Eu cruzei

meus braços ao redor da minha cintura, olhando além de Brody para a cozinha, sem ver.

— Qual foi a história? — Eu perguntei, minha voz soando distante de alguma forma.

Brody soltou um suspiro. — Não sei. Eu não perguntei. — Pensei nisso por um momento, imaginando o que poderia ter sido. O que eu imaginei? O que eu esperava uma vez*? Livvy, baby, eu fui para a Colômbia como uma surpresa para descobrir o local perfeito para lua de mel*... ou talvez, *Livvy, cometi erros. Por favor me perdoe. Eu preciso de você, Livvy*. Eu queria rir, mas me segurei. Meu Deus, eu teria me apaixonado e acreditado nisso também. Eu era como o Lobo. Pobre, triste Livvy. Meu pequeno rabo abanando, mesmo quando meu coração estava sendo mastigado, cuspido.

— O investigador particular que eu contratei teve alguma coisa a ver com você me encontrando?

— Não. Uma vez que eu pesquisei um pouco sobre você, eu ouvi que o detetive havia feito uma ligação em seu nome. *Isso o tornou conveniente para mim*, sabia que você descobriria que foi assim que eu te encontrei. — *Isso tornou conveniente para mim.* Aparentemente, eu era talentosa em tornar conveniente para qualquer um e todos me usarem. Mentirem para mim.

— O que havia nisso para você? Quero dizer, além do dinheiro?

— Não se tratava de dinheiro. Nunca se tratou de dinheiro. Alec e Luis tinham recebido um acordo com um dos maiores traficantes da Colômbia. Se investissem em seus negócios, eles iriam quadruplicar seu dinheiro. E esse cara lida com um pouco de tudo, qualquer que seja a atividade ilegal em que haja dinheiro, esse cara está envolvido, ele vende drogas... humanos, Liv. Ele está na lista de mais procurados de todos os mercenários há vinte anos. E seu nome, seu paradeiro estava sendo entregue a mim em uma bandeja de prata. Tudo que eu tinha a fazer era levar a garota para a Colômbia, provar minha confiabilidade para meu primo e seu parceiro de negócios, Alec, e começar a reunir as informações que eu

precisava para acabar com esse cara.

Pisquei para ele, arrumando todas as peças em minha mente, tantas perguntas ainda girando. — E a minha irmã? — Eu engasguei, então rapidamente limpei minha garganta, me recompondo. — E quanto a Harper?

Ele balançou sua cabeça. — Não sabia sobre ela, Livvy. Eu juro isso para você. Eles me enganaram também. Eles me disseram que eu estaria levando a garota - *você* - para Alec para que ele pudesse cair nas suas graças novamente. Eu não sabia que o plano real era...

— Me matar.

Sua expressão não mudou. — Sim. Eu não sabia nada disso, ou não teria concordado com isso.

— Você não teria? — Eu perguntei e observei quando o menor lampejo de dúvida brilhou em seus olhos. Aquele olhar me cortando, então apartei meus olhos. Talvez ele não tivesse realmente deixado que me matassem, mas ainda me trouxe até eles e poderia ter deixado acontecer algo. Porque às vezes, por causa do bem maior, sacrifícios tinham que ser feitos. *Eu*.

— O que aconteceu... quando Harper foi baleada?

— Harper bateu em você. Eu reagi. Meu primo sacou a arma dele assim que eu também o fiz. Ele atirou em você, acertando Harper. Eu o matei, e então eu lidei com Alec.

Eu balancei a cabeça. — Lidou com ele? — Ele fez uma pausa, várias emoções se movendo através de seus olhos. Eu tinha a sensação de que ele estava pensando em mentir, mas no final escolheu a verdade.

— Eu ainda precisava da informação sobre o traficante, Liv. — Seus olhos eram como pedra, sua boca era uma linha fina. *Oh*. Eu fechei meus olhos. É por isso que ele me drogou. Ele precisava de *tempo* com Alec. Eu queria estar horrorizada, mas não consegui ficar. Talvez eu ainda estivesse em choque.

— Eu tentei te dizer, — ele disse, e meus olhos foram direto para ele. — Jesus, eu tentei. Tentei tanto não fazer isso, Liv, mas não consegui. — Eu olhei para ele.

Eu tenho que te dizer uma coisa. Não esta noite. Esta noite é apenas sobre nós, nada mais. Deixe que tudo despareça. Eu sei que as coisas vão mudar amanhã.

Eu fechei meus olhos. *Deixe que tudo despareça*. Ah, sim, nós fizemos, não fizemos? Mas não sabia até que ponto as coisas mudariam, não entendia os jogos que estavam sendo jogados. Tantos jogos.

— Eu ia avisá-la antes de você confrontar Alec.

— Mas então você não teria conseguido o seu objetivo, — eu disse, e minha voz soava monótona, vazia, mesmo para os meus próprios ouvidos.

Ele balançou sua cabeça. — Pensei que talvez pudéssemos engana-los. Tentei pensar... — Ele jurou em voz baixa. — Droga... Livvy, você não consegue mentir nem para salvar sua vida. E especialmente na frente de um cara como Alec, uma cobra que só mentia em seus negócios. Eu estava despedaçado, querida.

— Não. — Minha voz saiu um sussurro abafado quando nossos olhos se encontraram, atravessando a pequena distância que havia entre nós. Ele parecia derrotado de repente, a exaustão em seu rosto de alguma forma mais óbvia. Ele esfregou um olho. — Eu tenho que ir. — Quando eu não disse nada, ele se levantou.

— Uma mulher chamada Marta estará aqui mais tarde com mantimentos. Ela mora do outro lado se você precisar dela para qualquer coisa. Por enquanto, há café na cozinha e comida suficiente para uma refeição. Se você quiser que eu faça...

— Não. Obrigado. Eu ficarei bem. — Seus olhos se demoraram em mim por alguns instantes, e embora eu tenha desviado meu olhar, o vi acenar uma vez, com a minha visão periférica.

— Vou tentar dar notícias. — Eu não respondi, o sono se instalando novamente.

Eu só queria voltar para a cama.

Para acabar com tudo isso mais uma vez. Eu não o observei enquanto se afastava, não ouviu o clique da porta quando ele saiu.

Caminhei de volta para o quarto, subi na cama e dormi em um instante.

CAPÍTULO 16

Livvy

As semanas se passaram em ondas de inexpressivo aborrecimento e sofrimento angustiante. A mulher chamada Marta veio com comida e outras necessidades, conversando alegremente em um inglês pausado, mas não parecendo esperar respostas. O que Brody disse a ela? Eu comia quando estava com fome, o que não era muito frequente. Eu bebi quando estava com sede. E dormia quando estava cansada, o que era frequente. Eu só queria calar o mundo.

Numa manhã ensolarada, finalmente saí da cama e me arrisquei a sair para olhar o oceano, contemplando aquele vasto corpo de água, que tão recentemente causara tantos danos naquela pequena aldeia. Mas mesmo agora, apenas algumas semanas desde que cheguei, e apesar de não ter saído da cabana, para a praia, os sinais da reconstrução do lugar eram evidentes. Eu observei pela janela enquanto grupos de homens limpavam barcos virados na costa, arrastando outros detritos e lixo. E notei que a comida que Marta me entregava era mais abundante e consistia em mais variedade.

Brody veio algumas vezes quando eu estava dormindo. Uma vez, acordei e o encontrei sentado na cadeira do meu quarto, me observando enquanto eu dormia, sua expressão em branco, seu corpo imóvel. Outra vez acordei com a sensação da mão de alguém no meu braço. Meus olhos se abriram na pálida luz cinzenta da manhã, e eu soltei um suspiro aliviado ao ver que era Brody, mas depois parei, quando notei o olhar em seu rosto - intenso, aflito, seu polegar circulando as queimaduras de cigarro no meu braço. Ele parecia horrível, as sombras sob seus olhos escuros, os ângulos de seu rosto mais profundos como se ele também tivesse perdido peso. — Os aeroportos abriram hoje, — disse ele. E então se levantou e saiu do quarto e eu ouvi a porta da cabana fechar. As lágrimas que eu tinha segurado por tanto tempo finalmente fluíram livremente, assim como a luz do nascer do sol que brilhou através da janela.

Eu chorei a maior parte daquele dia, e no seguinte, deixando a dor passar por mim, a perda de não apenas a irmã que tinha ansiado por toda a minha vida, não apenas a traição de pessoas em quem eu confiava, mas na confiança que tinha em mim mesma. Deixei meus próprios sonhos obscurecerem a realidade. Eu fui tão facilmente enganada. Não confiava em meu próprio julgamento. E a perda da minha fé em mim mesma foi a mais difícil de todas as pílulas que tive que engolir recentemente.

De alguma forma, o choro parecia lavar o pior da dor, como um tsunami na alma - devastador mas purificador. Quando as lágrimas diminuíram, me levantei, tomei um longo banho quente e depois preparei uma refeição, sentando-me à mesa perto da janela vendo uma mãe brincar com seus filhos na praia. A cena me deixou triste, mas não trouxe a mágoa dolorosa como na semana anterior. Eu também estava reconstruindo, apesar do que eu não sabia, quanto tempo os efeitos do meu desastre pessoal durariam.

O dia estava quente, mas alegre, e puxei as cortinas e abri as janelas, deixando o vento fluir através da cabana, arejando a tristeza, iluminando as sombras. Eu

me vesti com um vestido de verão que apareceu magicamente no armário, coloquei os chinelos que estavam na porta, e um grande chapéu flexível, que estava pendurado no gancho.

A areia estava macia sob meus pés e acabei tirando os chinelos, permitindo que os meus dedos afundassem na areia branca e quente. Eu andei por um tempo. O sol estava quente em meus ombros, e o som rítmico da água batendo na praia era um ruído de fundo reconfortante.

Decidindo que era hora de voltar, me virei, parando por um momento e fechando os olhos, deixando a paz do momento cair sobre mim. Quando abri os olhos novamente, vi a forma distante de um homem andando em minha direção. Meu coração se sacudiu e um arrepio de alegria sacudiu minhas entranhas antes que eu pudesse pensar. Era Brody. Eu reconheceria sua forma em qualquer lugar, conheço o passo confiante daquelas pernas fortes. Me senti atraída em sua direção, o desejo de correr para seus braços era tão forte que me senti impotente contra ele. Quase. Não, não. Eu parei, meus pés arrastando na areia macia. Eu fechei meus olhos com força. Não, eu não queria sentir isso, não hoje, quando finalmente encontrei um momento de serenidade. Não hoje, quando finalmente comecei a acreditar que ficaria bem, que o abismo escuro da dor que sentia, estava finalmente começando a se fechar. Eu não queria o lembrete de que ainda não tinha lidado com meus sentimentos por Brody. Não queria reconhecer que a minha reação a ele tinha me contado tudo o que não queria saber. *Eu estava apaixonada por ele.* Apesar de tudo, eu ainda estava apaixonada pelo homem andando na minha direção na praia. Com um pequeno som, meio exalar, meio soluço, eu virei, meu chapéu voando na brisa quando comecei a correr.

Para longe, longe. Eu o ouvi atrás de mim, seus passos pesados, ganhando. — Olivia, pare!

Mas eu não pude. Eu não pude. Porque *sabia*, sabia o que veria em seus olhos quando me virasse. Ele estava aqui para dizer adeus. Eu tropecei, me levantei, larguei os meus chinelos e continuei correndo.

Ele me agarrou por trás quando soltei um grito alto, e me levantou e me virou em uma manobra que esmagou o meu corpo contra o seu peito.

— Livvy, Jesus, Livvy, pare. — Sua respiração estava contra a minha garganta, sua voz profunda e gutural, e eu conhecia a pressão sólida dele como se fosse uma memória muscular. As lágrimas que corriam pelo meu rosto eram porque sabia que seria impossível esquecer.

— Coloque-me no chão, Brody, — eu gritei. — Coloque-me no chão.

Ele fez um pequeno grunhido de frustração antes de afrouxar os braços, e eu escorreguei pelo seu corpo e fiquei de pé na areia quente, mais uma vez. Uma gaivota gritou ao longe, o oceano lambia a costa, e eu finalmente levantei meus olhos para os dele, soltando um soluço sufocado quando eu novamente, desviei o olhar.

— Oh Deus, não me olhe assim! — Eu comecei a me virar, mas ele agarrou o meu braço, me impedindo.

— Como o quê? — Ele demandou. — Como se você fosse minha? Porra, olhe para mim. — Eu levantei meu rosto.

— Sua? Como posso ser sua? Eu nem te conheço.

— Porra. Você me conhece melhor do que ninguém. E eu conheço você. Nós reivindicamos um ao outro naquele quarto de hotel naquela noite, e você sabe disso. — Eu fiz um som de descrença no fundo da minha garganta.

— Você não me reivindicou. Tudo o que você fez foi mentir para mim. — A raiva brilhou em seus olhos, sua mandíbula ficando rígida.

— Querida, se alguma mulher já me reivindicou nesta terra, foi você. Aquela noite, de novo e de novo. Você quer que eu te lembre o que fizemos para cada...

— Não! — Eu solto outro som de frustração, de dor, olhando para o céu. — Isso não significa nada. Não pode. — Eu baixei os olhos, olhando para o homem à minha frente, o homem que parecia exausto,

destruído, mas ainda perigoso, lindo. O homem que, apesar de tudo, ainda fazia meu coração apertar com carência, amor. — Deus, Brody, — eu engasguei. — Como você pode reivindicar uma mulher com quem você nunca pode estar verdadeiramente?

Dor brilhou em sua expressão, e eu sabia que tinha acertado em cheio, o ponto crucial da razão pela qual não poderíamos estar juntos.

— Eu não sei. Deus, eu não sei, porra. — Ele parecia triste, derrotado e eu queria alcançá-lo.

Eu balancei a cabeça. — Então tudo isso é apenas... sem sentido. Por que piorar? Por quê? — Eu gritei, jogando minhas mãos no ar.

— Eu não sei, Liv. Eu não sei o que fazer. Apenas ajudei a prender o cara que todos mercenários têm caçado há décadas, e tudo o que posso pensar é em você. Você é minha, e ainda assim tenho que deixar você ir porque não posso te dar... — Ele parou, passando a mão pelo cabelo, que eu notei que ele havia cortado recentemente. Ele parecia forte, bonito e totalmente infeliz. — Porra, eu não posso te dar nada.

Eu balancei a cabeça novamente, meu coração doendo, uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Eu bati no seu peito. Não, não podia negar que o amava, só não confiava na minha capacidade de amar a pessoa certa. Meu mundo inteiro foi abalado e fiquei com uma casca de mim mesma. E, independentemente disso, ele estava certo. Ele não podia me dar nada. Ele era um mercenário, um soldado de aluguel que passava a maior parte do tempo em locais remotos caçando animais/humanos. Mesmo se... bem, mesmo se... O que eu faria? Me sentaria em casa esperando meses a fio para saber se ele estava vivo ou morto?

Mais algumas lágrimas escorreram pelo meu rosto, e Brody resmungou novamente, me alcançando. Fui até ele de bom grado. Eu não pude evitar. Aqui, sob o sol tropical, onde nós tínhamos um ao outro, mas apenas por um

breve momento que estava quase no fim. Brody Thomas e eu só teríamos esses momentos. E não era o suficiente.

Brody me puxou para ele, seus lábios encontrando os meus, me beijando, sussurrando meu nome de novo e de novo. Eu o beijei de volta, segurando o seu rosto em minhas mãos, meus polegares se movendo sobre suas maçãs do rosto, abaixo de sua mandíbula suave. Ele me pegou, caminhando em direção a cabana, apenas olhando para cima de vez em quando.

Eu estava perdida nele, perdida na alegria do seu gosto, o aroma calmante de sua pele. Segurança. Bondade. Apesar das minhas palavras em contrário, eu o conhecia. Eu conheci esse homem. *Não o fiz?* Meu coração disse sim, minha mente... bem, eu não precisava pensar agora. Eu só precisava sentir. Uma última vez, precisava sentir.

Sua língua mergulhou, girou, lambeu, eu ouvi a abertura da porta, e ela foi batida atrás de nós, minhas costas bateram na cama e houve apenas um momento de frio antes que seu corpo quente estivesse contra mim mais uma vez. Duro. Sólido. Maravilhoso.

— Não há nada frio em você, Liv. Você é a mulher mais quente em todo o maldito mundo, — ele disse, sua boca se fechando na minha. Quente. Exigente. Eu derreti nele, meu corpo, meu coração.

Tiramos nossas roupas desesperados e necessitados, nossas bocas permanecendo juntas, línguas procurando, emaranhando. Então, de repente, sua pele nua e quente estava contra a minha e nós dois gememos, ambos um som de alívio, prazer.

Minhas mãos vagavam por toda parte, por cima dos músculos tensos de seus braços, pelos cumes do seu abdômen, até o vale na parte de trás de seu quadril, que subia até a curva dura de sua bunda. Meu dedo indicador gentilmente traçou a fenda, até a base de sua espinha e ele respirou fundo, seus quadris empurrando

para frente.

— Liv, — ele murmurou, guiando-se para a minha entrada e empurrando para o meu corpo.

Nós nos movemos juntos, mãos ainda procurando, memorizando, gananciosos para pegar o que podíamos antes que acabasse. O prazer era entorpecedor, intenso, mas veio cedo demais, enquanto nos abraçávamos, passávamos nossa pele escorregadia e nossos corações batiam como um só.

Ele saiu de mim e rolou, me abraçando por trás enquanto a nossa pele esfriava e nossa respiração se tornava uniforme. Eu adormeci no quente casulo de seus braços, sua mão embalando meu peito possessivamente, do jeito que tinha sido na primeira vez que adormecemos nus juntos.

— Eu te amo, — eu murmurei, logo antes do sono me pegar. Quando acordei, o lugar ao meu lado estava vazio. Deitei lá em silêncio por um momento, sabendo que ele me deixara dormindo porque queria que o nosso ato de amor fosse nosso adeus. Entendi a finalidade do lugar vazio ao meu lado, sabia que ele realmente tinha ido embora e não voltaria.

Vazia, desolada, entrei alguns minutos mais tarde na cozinha procurando água, meus olhos pousando na passagem aérea em meu nome, colocada na mesa. Eu peguei, meu coração se revirou no meu peito. Estava indo para casa. Sozinha.

Fiquei sentada à mesa por um longo tempo, observando o sol desaparecer no horizonte, sentindo a dor da perda, o peso do amor que eu carregava por um homem quebrado, que nunca poderia ser meu.

Deixei o silêncio se envolver em torno de mim, ouvindo os sussurros gentis surgindo da minha alma. Tantos sentimentos rodopiantes, emaranhados, tanta coisa que eu ainda precisava enfrentar.

Mas sentada ali naquela casa silenciosa no oceano, um mundo distante de tudo que eu estava familiarizada,

uma coisa estava certa em minha mente: Eu não me arrependia de amar Brody Thomas. *E eu nunca faria.*

CAPÍTULO 17

Brody

6 meses depois

O escritório era fresco e pouco iluminado, decorado com móveis escuros, masculinos. Uma série de molduras estava ao lado do monitor do computador, mas eles estavam virados para o lado contrário de onde eu sentei, do outro lado da mesa.

A porta se abriu atrás de mim e eu estava de frente para o homem entrando no escritório. — Brody Thomas?

Eu concordei. — Sim. Carson Stinger? Obrigado por se encontrar comigo.

Carson andou em torno de sua mesa e tomou um assento, indicando que eu deveria fazer o mesmo. — Eu que sou grato. Ouvi seu nome por anos. Você tem um inferno de uma reputação. — O sorriso irônico que se seguiu a suas palavras me disseram que eu deveria tomar isso como um elogio. Devolvi o sorriso enquanto ele continuou.

— Seu trabalho no campo é lendário. Sem mencionar que você recentemente ajudou a capturar o mais infame traficante da Colômbia, que teve que ser uma porra de uma aventura.

Uma aventura. Essa foi uma maneira de colocá-lo.

— Eu não fiz isso sozinho.

Carson me considerou por um breve momento. — Quase. — Ele se inclinou para trás em sua cadeira. — Por isso é que eu fiquei tão surpreso quando Josh me disse que você pode estar procurando algo mais... estável?

Eu respirei fundo, sentando para a frente um pouco mais. — A verdade é que ninguém está mais surpreso do que eu. — Eu pausei. — As circunstâncias ditam que eu encontre algo mais estável, local, mas onde a minha experiência ainda possa ser de valor.

Os olhos de Carson diminuíram ligeiramente e havia leve tremor em seus lábios. — Circunstâncias, hein?

Ele riu suavemente, dando-me um breve sorriso. — Sim, a vida é selvagem dessa forma. — Seu olhar virou para as fotos emolduradas em sua mesa, em seguida, de volta para mim.

— Será que Josh lhe deu um resumo sobre a nossa operação?

— Sim. Dizer que estou impressionado é um eufemismo. Vocês fazem um bom trabalho. E acho que posso ser um trunfo para a sua equipe.

— Eu não duvido. — Ele bateu a caneta na ponta da mesa por um segundo. — Quando você pode começar?

Meu coração batia firmemente no meu peito, um sentimento de firmeza se instalando dentro de mim. — Eu gostaria de algumas semanas para me instalar em Vegas, se possível. E tenho algumas pontas soltas para amarrar.

— Absolutamente. — Carson concordou, estendendo a mão e eu segui o exemplo. Trocamos um aperto de mão.

— Bem-vindo ao time, Brody. Estamos honrados de tê-lo. — Ele fez uma pausa, sorrindo. — E boa sorte com essas pontas soltas.

***

Sentei na minha caminhonete, observando sua casa do outro lado da rua, da mesma forma que eu tinha feito antes, o que agora parecia ser uma vida atrás. Antes de a conhecer. Antes de amá-la. Então, novamente, talvez tenha começado nesse tempo, um pequeno pedaço de... algo que me disse que a mulher com os olhos azuis expressivos levando seu coração sob sua manga me mudaria de uma forma irrevogável.

A vida é selvagem, Carson tinha dito, porra. Isso era verdade.

Olivia Barton tinha entrado em minha vida, e meu mundo inteiro tinha inclinado em seu eixo. Tirei a carta do bolso do meu casaco, a que ela tinha deixado na mesa naquela casa que tinha alugado para ela na praia depois que a sua vida foi destruída. Minhas entranhas apertaram com o agora familiar desejo ardente, o anseio pela mulher que eu queimaria todo o maldito mundo se ela pedisse.

O latido de cães chamou minha atenção e eu virei a cabeça, assistindo um garotinho rindo e brincando com dois vira-latas. Ele jogou um bastão, e os dois cães correram atrás. Eu sorri para mim mesmo, os pensamentos que ainda ocupavam um canto da minha própria mente desvanecendo-se.

Pensei naqueles cachorros, na minha família que me tinha rejeitado cruelmente. Então eu os rejeitei também. Então criei uma vida para mim onde não havia possibilidade de chegar perto de ninguém, dizendo a mim mesmo que não era só o trabalho que eu amava, mas a solidão também. A solidão e a separação. Eu disse que desta vez o poder era meu. Foi só quando conheci a Olivia que finalmente me permiti admitir que o velho anseio pela aceitação, pela família, pelo amor ainda estava lá, enterrado no fundo e cintilando como uma vela brilhando suavemente em um canto secreto de um quarto trancado.

À espera de uma janela para ser aberta, para que a luz do sol pudesse entrar.

Livvy. Casa.

Eu desdobrei a nota lentamente, lendo suas palavras:

Brody,

É difícil acreditar que vou para casa amanhã, quando "casa" assumiu um significado tão diferente desde comecei esta jornada idiota.

Viagem de idiotas. Fui uma tola, não fui? Só... sentada aqui, olhando para o reflexo da lua na água, seu perfume ainda na minha pele, não consigo me arrepender de nada.

Você me disse que seu tio estava certo quando disse que você fez de Lobo um fraco. Mas ele não estava certo, Brody.

Lobo teria morrido naquela jaula, não importando o quê, ele não era um lutador, não desse jeito. Mas antes disso acontecer, você deu-lhe amor. E o amor não te torna fraco. O amor te fortalece. Lobo era forte até seu último suspiro.

Toda a minha vida, eu arranjei desculpas para as pessoas, tentei ver apenas o bem nelas, mesmo quando meus instintos estavam sussurrando a verdade. Esta viagem me ensinou a ouvir os sussurros, a confiar no meu próprio instinto, questionar a quem dou o meu coração. E eu vou levar essas lições comigo agora que vou para casa, e eu vou usá-las para me tornar mais forte, para não parar de amar, para não parar de arriscar meu coração. Isso é realmente o maior perigo, afinal de contas, não é?

O que meus instintos me dizem, o que eu sei, Brody Thomas, é que você é um bom homem. Você é corajoso e leal, um defensor que faz do mundo um lugar melhor. Um Salvador. Estou feliz que você fez o que fez, mesmo que eu fizesse uma parte involuntária nele. Mesmo se eu sofri com isso, porque no final, você me mudou para melhor. Você me fez forte.

Sua, Olivia.

CAPÍTULO 18

Livvy

Eu chutei a porta atrás de mim para fechá-la, indo em direção à cozinha e colocando o saco de mantimentos na bancada. Empurrei de lado a papelada que estava fazendo para a escola de crianças na Colômbia. Mesmo com todo o perigo que tínhamos enfrentado, eu tinha caído de amores com a beleza selvagem do país, a cultura rica, e a grande força do seu povo. Ajudando a reconstruir as escolas em aldeias pobres e rurais destruídas pelo terremoto tinha tomado o meu coração e tinha sido uma distração bem-vinda para a dor do desaparecimento de Brody.

Mas o trabalho pode esperar. Todos mereciam uma noite de folga.

Parei por um segundo, começando a desembalar meus mantimentos, a atmosfera da casa parecendo... estranha, senti os pelos da nuca levantando.

— Oi, Liv.

Eu girei ao redor, trazendo minha mão para minha boca, assustada. Brody estava sentado em uma cadeira na sala de café da manhã, calmo, casual. Meu coração pulou, retomando em uma batida acelerada quando pisquei e engoli.

Olhei melhor. Ele estava aqui? *Porque?* — Brody —, eu respirei.

Seus olhos se incendiaram e ele ficou de pé, vindo em minha direção, com aquele passo solto e familiar que eu tinha memorizado quando tínhamos caminhado por um exuberante, mas devastado país. Meu estômago apertou de medo, não dele, mas deste desesperado zumbido de alegria reverberando através do meu corpo. Oh Deus, doeu vê-lo, doeu saber que ainda o amava tanto, tanto que mal podia respirar. Porque talvez eu tenha que vê-lo ir embora de novo.

— Você... você não pode apenas arrombar a casa de alguém. É... ilegal.

Ele caminhou até mim, e eu me inclinei contra o balcão, pressionando minha bunda sobre a beirada, precisando de estabilidade. Olhei o seu rosto que amava, aquelas linhas duras, os lábios bem formados, olhos pétreos que pareciam como prata quente e derretida.

— Você deve obter uma melhor segurança — ele murmurou, colocando o cabelo para trás de minha orelha. — Talvez um cão.

Levantei meu joelho, e sua mão veio rápida, pegando-o antes que eu conectasse com sua virilha.

Ele deu um sorriso selvagem, e meu estômago apertou.

Meu Deus, ele era lindo.

— Deixe os movimentos para mim, querida.

Eu segurei o sorriso nos meus lábios, minha perna abaixando enquanto nós olhamos um para o outro, nosso rosto tão perto. Eu podia cheirá-lo, e ele me fez perder o fôlego, o anseio subindo dentro de mim.

— Você me deu um número falso de conta bancária — eu disse. — Eu ainda te devo metade do dinheiro por me levar em Palomino.

Seu lábio tremeu, e então sua expressão se fechou. Ele me olhou e algo passou em seu olhar que não tinha certeza de como ler.

— Por que você está aqui, Brody? — Eu praticamente sussurrei.

Ele respirou fundo, retrocedendo, sua mão caindo lentamente como se estivesse se forçando para parar de me tocar.

— Porque eu não posso viver sem você.

Meu olhar grudou em seu rosto. *Oh, Brody, não me obrigue a fazer isto, de novo não. Não quando estava apenas começando a recuperar a minha força, justo quando a falta que você me fez tinham começado a diminuir.*

— Nós... nós conversamos sobre isso. Eu.. — eu sacudi minha cabeça — Eu não posso mais ver você partir. Não posso desistir dos meus sonhos, Brody. Isso não é...

— Eu aceitei um emprego. Aqui, em Las Vegas.

Eu pisquei, minha sobrancelha franzindo em confusão.

— Você o quê?

Ele passou a mão no cabelo, mais comprido do que antes. Cabelo que eu poderia agora dizer tinha uma ligeira ondulação. Minhas mãos coçavam para tocá-lo.

— É uma força-tarefa. Vou te contar tudo. Mas é local, Liv. E eu só teria que ir para o campo se algo inesperado surgir. É...

Um soluço veio pela minha garganta, e eu trouxe minhas mãos para cima, cobrindo minha boca. Brody se aproximou de mim novamente, limpando a lágrima que já estava deslizando pela minha bochecha.

— Espere, Liv, ainda tem alguns perigos. Eu não...

— Isso é bom — eu engasguei, balançando a cabeça em um riso contido. — Quero dizer, isso é bom, certo? Você gosta de algum perigo.

Brody olhou para mim por um minuto e depois riu, seu rosto rompendo naquele sorriso deslumbrante que eu tinha sentido tanta falta.

— Sim, querida, isso é bom. Eu gosto de um pouco de perigo. — Ele me apertou em seus braços, e eu derreti nele, rindo, chorando, permitindo que meu coração se alegrasse com sua presença. Ele beijou meus lábios, minhas bochechas, minha testa. — Eu. Não. Posso. Viver. Sem. Você. Eu quero tudo, Liv. Casamento, casa, algumas crianças, talvez um cão. — Seus olhos cheios de expectativa, meu coração explodindo de amor pelo o homem diante de mim, o homem que me levou em uma jornada onde eu procurei por outra pessoa e finalmente me encontrei.

— O que você acha? — Perguntou, a vulnerabilidade de repente piscando naqueles olhos brilhantes.

— Eu acho que soa como o perigo final. — Eu sussurrei, minha voz falhando.

Ele riu.

— Sim. Vamos sair. Vamos sair para jantar. Eu te amo, Liv.

Eu dei um pequeno meio-sorriso, meio riso.

— Eu também te amo, Brody Thomas.

EPÍLOGO

Brody

— Aqui está, — disse o médico suavemente, colocando o pequeno peso em meus braços, o canto do cobertor caindo para revelar o rosto do meu filho recém-nascido. Ele olhou para mim, seus olhos cinzentos e líquidos cheios de curiosidade e... confiança. — Ele é tão... pequeno, — eu disse, minha voz rouca até mesmo para os meus próprios ouvidos, cheia da emoção entupindo minha garganta. A intensidade do meu amor por esse minúsculo humano.

— Ele é perfeito, — Liv disse enquanto olhava entre nós dois. O olhar da minha esposa continha o orgulho de um guerreiro e o calor do sol de verão, enquanto ela me observava embalar nosso bebê.

Eu olhei de volta nos olhos de Liam. — Ele é. — E juntos, daríamos a ele a infância que nenhum de nós jamais teve, o de pertencer a uma família, o amor.

Me sentei na beira da cama do hospital, reunindo minha família, todo o meu mundo ali mesmo naquele quarto.

Parecia um milagre.

Parecia o maior perigo.

E eu abracei cada segundo disso.

AGRADECIMENTOS

Especialmente, obrigada aos meus editores, Angela Smith e Marion Archer, que adaptaram o apertado cronograma deste lançamento. Eu não poderia ter feito isso sem vocês!

Obrigado a Karen Lawson, que poliu essa belezinha!

Gratidão aos meus leitores beta que me ajudaram imensamente com este enredo; Elena Eckmeyer, Bracht Cat, Ashley Brinkman, Denise Coy, Joanna Koller, Rachel Morgenthal e Shauna Waldleitner Rogers.

Enorme apreço a Adriana Del Risco Hurst e Tatiana Ossa que me ajudaram com todas as referências colombianas. Obrigada por sua paciência, seu conhecimento e por me ajudar a se apaixonar por seu lindo país.

Para Kimberly Brower - melhor agente da história de todos os tempos! Obrigada por tornar tudo mais fácil.

E para todos os leitores, blogs, instagramers e clubes do livro, que revisam, recomendam e apoiam meus livros - infinito amor e gratidão.

Minha família... obrigada por negociar comigo quando estou com um cronograma insano. Obrigada por me amar quando estou no meu pior, por me apoiar infinitamente e por tornar a palavra casa tão bonita. Eu tenho tanta sorte que vocês são meus.

SOBRE A AUTORA

Mia Sheridan é uma autora do New York Times, do USA Today e do Wall Street Journal. Sua paixão está tecendo histórias de amor verdadeiras sobre pessoas destinadas a estar juntas. Mia vive em Cincinnati, Ohio com seu marido. Eles têm quatro filhos aqui na terra e um no céu.

Saiba mais em:

MiaSheridan.com

Twitter, @MSheridanAuthor

Instagram, @MiaSheridanAuthor

Facebook.com/MiaSheridanAuthor